O
Romanceiro Portuguez.

O ROMANCEIRO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇÃO

DOS

ROMANCES

DE

HISTORIA PORTUGUEZA.

COMPOSTOS

POR

IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO.

Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. F., Commendador de Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bobeda. etc. etc. etc.

1841.

Lisboa.

Typographia do Panorama.

AVISO DO EDITOR.

No Prospecto que, ha dias, publiquei, expuz as rasões que me levaram a tomar sobre mim a publicação do *Romanceiro portuguez*. Uma porem deliberadamente calei, para aqui a declarar. Essa rasão — de todas a mais forte — é a amisade que cordialmente me liga ao illustre author do *Romanceiro*; a qual podendo talvez fazer-me suspeito aos olhos dos criticos severos me véda tributar, como muito desejava, ao Snr. Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, os encomios de que, sem duvida, se torna credor, não só por esta sua bella e interessante producção, mas por outras com que já tem enriquecido a nossa litteratura — producções que tantos

gabos lhe tem grangeado de escriptores distinctos assim nacionaes como estrangeiros. Esses louvores imparciaes e, a meu vêr, bem merecidos, dispensam outros quaesquer que a amisade lhe poderia tecer, e que, como já disse, a critica poderia reputar suspeitosos.

Nada direi ácerca da edição: os senhores Subscriptores do *Romanceiro* decidirão se por ventura cumpri ou não o que lhes prometti no Prospecto em que a publicação desta Obra foi annunciada.

J. S. Mengo.

PROLOGO DO AUTHOR.

Um meu particular amigo — o senhor Jacintho da Silva Mengo quiz publicar a collecção de meus romances de historia portugueza; era tão lisongeiro para mim o seu desejo que cedi: responsabilidade é sua, que não minha, se tão pobre sahe á luz o primeiro ROMANCEIRO PORTUGUEZ. As galas com que o editor o atavia, e os bons desejos do author, não bastam: de desculpa lhes servirá, não termos uma obra deste genero, e estimularmos com ella outros escriptores, a que mais dignamente enriqueçam a nossa litteratura com producções esmeradas e primorosas, que satisfaçam as exigencias do publico instruido, ou ávido de instrucção.

E porque não tinhamos nós um ROMANCEIRO PORTUGUEZ? Seja Camões quem responda a esta pergunta, feita tantas vezes:

». . . . *muitos verias que os Pintores*

» *Aqui tambem por certo pintariam;*
» *Mas faltam-lhes pincel, faltam-lhes côres,*
» *Honra, premio, favor, que as Artes criam.*»

Nenhum desses estimulos me determinou a escrever; mas o

» . . . . *amor da patria, não movido*
» *De premio vil . . . .*»

e mais que tudo o desejo de fazer popular a nossa historia.

Quasi virgem está ella, para o *trovador*, essa mina tão rica de glorias; não as busco para mim — de que me serviriam ellas? — mas quero-as para a minha patria; quero-as para os seus mimosos filhos tão queridos — os poetas portuguezes.

Serão elles benevolos comigo? devem sê-lo; não por mim, mas por elles: o *trovador* dista tanto do poeta, que

» *Não mostra quanto póde: e com rasão;*
» *Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.*»

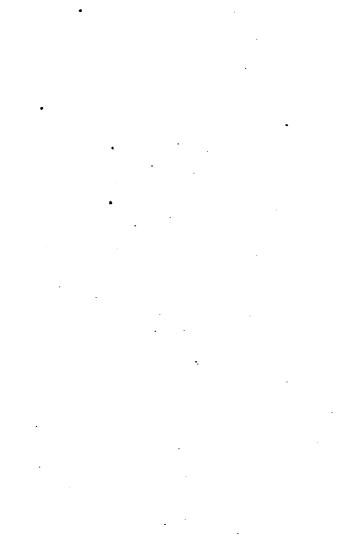
Lisboa 15 de Junho de 1841.

J. P. Moraes Sarmento.

O Pagem de Dom Diniz.

DEDICADO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

D. I. M. de F. C.

O PAGEM DE DOM DINIZ.

> Oh caso grande, estranho, e não cuidado!
> Oh milagre clarissimo, e evidente!
> Oh descoberto engano inopinado!
> Oh perfida inimiga, e falsa gente!
> Quem poderá do mal aparelhado
> Livrar-se sem perigo sabiamente,
> Se lá de cima a Guarda soberana
> Não acudir á fraca força humana?
>
> CAM. LUS.

Fermoso pagem servia
Raynha Santa Isabel,
Ella mui bem lhe queria
Por lhe ser muito fiel;
Quando a raynha appar'cia

Estava junto ao seu docél;
Entre os mais o distinguia,
Era o mais bello donzél;
E ninguem o excedia
Em adéstrar um corcél.
Outro pagem, que isto via,
Tragava da inveja o fél,
E dentro d'alma nutria
Projecto horrendo, cruél,
Como talvêz não teria
Mouro descrido, infiel.

Dom Diniz procura arteiro,
Segredos lhe quer dizer,
Em que int'ressa o reyno inteiro,
Honra de sua mulher.
» Ha um pagem traiçoeiro,
» Que affronta vos sohe fazer;
» E eu, por ser verdadeiro
» Ao meu rey, que é meu dever,
» Tão negro crime, e certeiro,
» Occulto não devo ter.
» Sêde, Senhor, justiceiro,
» Como um rey o deve ser;
» E se eu fui o primeiro
» Que seu crime pude vêr,
» Seja elle o derradeiro
» Que tal ouse commetter:
» Sêde, Senhor, justiceiro,
» Como um rey o deve ser.

Apenas o rey ouviu
Do pagem a delação,

Feroz ciume cobriu
De raiva seu coração;
E taes vozes proferiu,
Turvada a voz, a razão:
» Por Jesus que nos remiu
» D'eterna condemnação!
» O pagem que delinquiu
» Terá justa punição:
» As chammas que elle nutriu,
» Em chammas se tornarão;
» E zelos que produziu
» Em chammas se extinguirão.

Tocam monteiros bosinas,
Pois elrey vai montear,
Do Mondêgo nas campinas,
E seus montes vai caçar.
Os libréos de raças finas
Já começam a ladrar;
E já meneam as crinas
Os corcéis a relinchar.
As luzentes colubrinas,
Azagaias vam lidar
Contra as raposas ladinas,
Ussos féros batalhar.
Estam em paz as lusas quinas,
Já não ha quem debellar,
Mas espadas damasquinas
Não se devem ferrujar.

Monta elrey no seu cavallo,
Toma no punho o falcão,
Não ha fosso, não ha vallo,

Que não salte de roldão;
Parece n'alma agita-lo
Profunda consternação,
Que não deixa um intervalo
De repouso ao coração;
E acha alivio, regalo,
Em buscar a solidão.
Manda aos seus, vam espera-lo
Nas selvas, que ao longe estam;
Um só basta a acompanha-lo,
O pagem da delação:
Dest'arte quiz premia-lo,
Mostrar-lhe sua affeição;
Entre os demais estrema-lo
E' signal de galardão:
Os demais ham de inveja-lo,
Premio, invejas sempre dam;
O indigno sohe alcança-lo,
Por artes qu' indignas sam;
A virtude mendiga-lo,
Ou não querer, ou fôra em vam.

Foram seguindo a corrente
Do Mondêgo tão saudoso,
Que, de Coimbra ao poente,
Vai morrer no mar undoso,
E que parece dormente
Em o seu leito arenoso.
Vai o pagem mui contente,
Cheio de si, orgulhoso,
Infernal prazer já sente,
Por vêr que o rey afanoso,
Contra o pagem innocente

Medita plano horroroso.

Negro fumo sobe aos ares
Das cavernas dos forneiros;
Ouvem-se ao longe cantares,
Que retumbam nos outeiros;
E mysterios singulares
De feitiços, feiticeiros.
Delles contam populares,
Nobres damas, cavalleiros;
Tem alli o inferno altares,
Sacerdotes carniceiros;
Sam fataes estes logares,
Fogem delle aventureiros;
Sam de morte os seus folgares,
Matam seus prisioneiros,
E tem morto centenares,
Contam rudes pegureiros.

Chegam aos fornos da cál.
» Quem bateu? quem bate ahi...?
Pergunta voz infernal.
Responde o pagem assi:
» E' o rey de Portugal;
» Vinde forneiros, abri.

Negra turma chamuscada
D'homens tisnados sahiu;
Dom Diniz com voz pausada
Taes vozes lhe dirigiu.
» Quem primeiro perguntar,
» — Se está feito o que ordenei —
» Na chamma ide-o lançar,

» Bom galardão vos darei;
» Deixai-o embora gritar,
» Seus gritos não attendei;
» Seu corpo todo abrazar.
» Nas vivas chammas fazei;
» Que eu jurei, e hei de guardar,
» O que por Jesus jurei,
» Que ha de em chammas acabar
» Attrevido, que o seu Rei
» Ousa perverso affrontar.

Já elrey voltou da caça,
Chama o pagem da raynha,
Manda o recado lhe faça,
E que o faça bem azinha;
Nem previnia a desgraça
Que lhe o rey urdido tinha;
Nem pela mente lhe passa
Que elle á morte o encaminha.
Junto ao berço do infante
Estava a raynha Isabel,
Quando chega nesse instante
O seu pagem, seu donzél.

PAGEM.

Que ordenaes de mim, Senhora,
Elrey mandou-me sahir;
Mas não devo sahir fóra,
Sem vossas ordens cumprir.

RAYNHA.

A' missa tocou agora,
E como eu não posso ir,
Vai tu, ó pagem, implora
Virgem-mãi, nos queira ouvir;
Que meu filho Affonso chora,
Se acaso me não sentir;
E aguda febre o devora,
Vai por elle ao céo pedir.

PAGEM.

Eu vou já, e sêm demora,
A' missa vou assistir;
A Virgem nossa Senhora
Vos queira sempre acudir.

Foi o pagem p'ra a igreja
Ouvir a missa; ouviu mais;
Pediu a Deus que o proteja,
E ás pessoas reaes;
E que são o infante seja
De agudas febres mortaes.

Em quanto o pagem rezava
Na igreja com devação,
De prazer o outro exultava,
O pagem da delação;
As horas lédo contava;
Julga certa a perdição
Do innocente, qu' invejava
Seu damnado coração;

Cumprida já reputava
D'elrey a condemnação:
O dia já declinava,
E tinha a satisfação
De vêr que o outro não voltava,
Que ha de estar feito em carvão:
Dos forneiros confiava,
Nem arreceia traição;
Certo que a não suspeitava,
Nem d'elrey fora tenção,
E o seu recado levava
Como sua obrigação;
O innocente não julgava
Nos outros má intenção;
De maldade não usava,
Como elle é, julga outros sam.

Não socega um só momento
O malvado delator;
Quiz saber todo o tormento,.
Quiz saber com quanta dor
Exalou o extremo alento
O donzél, cujo valor,
Illustre merecimento,
Dspertou o seu rancor.
Monta corcél mais ligeiro,
Dá de esporas ao corcél;
Corre á brida, mui veleiro,
Alazão docil, fiel.
Chega aos fornos prasenteiro,
Forneiros ouvem tropél;
Sahe um delles mais arteiro:
» Que mandaes, nobre donzél? »

» Elrey manda perguntar,
» Se está feito o que ordenou? »
Mal acaba de falar
O forneiro o segurou;
Quiz-se o pagem libertar,
Luta horrivel começou;
Vem forneiros ajudar
Forneiro, que delle travou;
Maniatado o vam lançar
Dentro ao forno, onde expirou;
Nem o poderam livrar
Quantas supplicas formou;
Foi-se mesmo condemnar,
Foi Deus quem o castigou;
Porque ousou calumniar
Innocentes que accusou;
Foi nas chammas acabar;
Nas chammas que preparou.

As missas já se rezaram,
Já a igreja se fechou,
Quando ao pagem lhe lembraram
Palavras, que elrey mandou;
As missas o demoraram
E as devações que rezou.
Os seus passos se apressaram,
Aos fornos da cal chegou;
E os forneiros lhe mostraram
Feito, o que elrei ordenou;
O outro pagem queimaram,
Que as palavras perguntou,
E nas chammas o lançaram
Logo que as pronunciou.

O pagem veio contar
A Dom Diniz, o que víra;
Que, apenas o vê chegar,
Fica accêso em raiva, em ira;
E mal pode perguntar
Se o que disse já cumpríra.

» Senhor, si — lhe diz chorando —
» Senhor, si; lá fui, Senhor:
» Triste vi o miserando;
» E tremi, tremi de horror.
» Era alli cheiro execrando;
» E senti como um stertor;
» E corri, corri chorando;
» Ora aqui, eis-me, Senhor.
» Já cumpri, ó rey, teu mando;
» Mas soffri, intima dôr:
» E pedi ao céo, mais brando
» Fosse a ti, que o teu furor. »

Então elrey conheceu
Quanto fôra arrebatado;
Fôra castigo do céo
Ao delator reservado.
O castigo mereceu,
E por Deus foi castigado;
Que a mesma pena soffreu
Que elle havia preparado.
O rey logo concedeu
A' rainha o seu agrado.
O bello pagem cresceu,
Foi cavalleiro esforçado.

Fim.

NOTA.

Com o titulo de *Fridolin*, compoz Schiller uma *ballada*, ou, como nós dizemos, *chácara*, ácerca deste mesmo assumpto: traduzida em francez a li, em uma edição belga, adornada com lindas estampas: não foi porem daquelle *bardo do norte* que eu tirei a idéa deste romance; não o tinha lido ainda quando o compuz: foi da vida de Santa Isabel, escripta pelo Bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda; onde a pag. 47 até 60, da edição de 1735, se lê assim:

» Como o coração de El Rey andava neste » tempo cègo do amor illicito, sendo que a » Santa Rainha era hũa mulher forte, teve « della desconfiança, porque nem a Mage-

» tade està segura de calumnia no Paço,
» aonde he ouvida a inveja ; servia nelle
» hum Pagẽ de quẽ a Santa Rainha, por
» razão de sua vida virtuosa, fazia confian-
» ça particular, servindo-se do seu modesto
» silencio, para as obras de sua occulta cha-
» ridade, e sentindo outro que ella fizesse
» o favor à virtude, que pertendia a emu-
» lação, insinuou a ElRey, que aquelle a-
» grado nascia da infidelidade, e não do me-
» recimento, e sendo que a santa honestida-
» de da Rainha Santa era irrefragavel pro-
» va de sua inviolavel fé, devendo ElRey
» castigar a ousadia, creo a impostura, por-
» que a má disposição de seu animo, faci-
» litou a credulidade do agravo, e determi-
» nou tirar ao innocente a vida, a quem a
» malicia tinha impestado a injuria; para
» que a vingança se tomasse com cautela,
» chamando em segredo hum homem que ti-
» nha a seu cargo hum forno de cal, a que
» naquelle tempo lançara o fogo, lhe disse,
» que quando, na hora certa de hum dia
» determinado, mandasse hum Pagẽ da
» Raynha a saber se fizera o que lhe orde-
» nara, o lançasse dentro no ardente forno,
» que assim convinha a seu Real serviço;
» chegado o prescripto dia, à hora sinala-
» da, mandou ElRey o innocente Pagem
» com o recado fingido, ao logar do incen-
» dio, em que determinava, que se quei-
» masse a innocencia, e Deos dispunha que
» ardesse a culpa, obedeceo elle cõ dili-

» gencia prompta, e como tinha por inalte-
» ravel devoção entrar nas Igrejas, quan-
» do ouvia fazer os sinaes ao levantar da
» Hostia consagrada, ouvindo-os no Con-
» vento de S. Francisco da Ponte, que es-
» tava no caminho, entrou nelle, e ouvio
» huã, e outra Missa, e assistindo no exer-
» cicio de sua devoção, pôz Deos embargos
» á sentença de sua morte; dispondo o Se-
» nhor que se cõsumisse no fogo quem lhe
» procurava o incendio...............

» Estando ElRey cuidadoso do successo,
» e desejando saber, se o fogo tinha desva-
» necido em fumo o seu presumido aggravo,
» chamou o outro Pagem, que atrevidamen-
» te tinha infamado, na Magestade mais
» decorosa, a mais innocente castidade, e
» lhe disse que fosse saber, se se tinha dado
» à execução a sua ordem, chegou elle ao
» lugar que se destinara para o suplicio do
» outro, que estava na Igreja ouvindo Mis-
» sa, e entendendo o executor da morte,
» que àquelle mandava ElRey tirar a vida,
» lançando-o precipitadamente entre as fla-
» mas, se reduzio justissimamente em cin-
» zas, porque a divina justiça faz que pere-
» ça o culpado no laço que se arma para
» o innocente: no patibulo que Amaõ le-
» vantou para Mardocheo, não morreo Mar-
» docheo, e padeceo Amaõ.

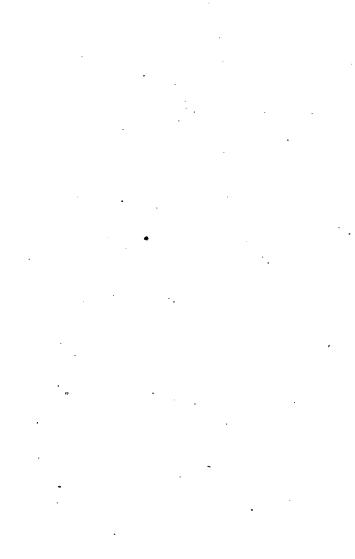
» Acabadas as Missas, se foy o devoto in-
» nocente para o forno, onde o delinquente
» estava consumido, e dando recado a El-

» Rey, lhe trouxe por resposta; que a sua
» ordem se dera à execução; vendo elle vivo
» a quem desejava morto, e tendo por mor-
» to o que desejava vivo, ficou entre os sen-
» timentos, e as admirações ignorando as
» causas, por que se trocarão os effeytos, e
» tomando informação do sucesso, conhe-
» ceo que a divina providencia, livrando o
» innocente, castigara o culpado, e que os
» vingadores, e então misteriosos incêdios,
» forão flamas que abrazarão os delitos da
» calumnia, e luzes em que resplandecerão
» os elogios da innocencia. »

O Conde de Ourem.

DEDICADO

Á Ill.ma E Ex.ma Snr.a

D. M. E. de F. P. R.

O CONDE DE OUREM.

Quem viu hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave, e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

CAM. LUS.

CANTO I.

Tocam os sinos na torre,
Dobrando dam os sinaes,

Que é uso, quando o rei morre,
Haver em seus funeraes.
Dos paços sahe o enterro
Em comprida procissão;
Os escudos vam quebrados;
Rojam bandeiras o chão.
Confrarias, irmandades
Levam seus pendões alçados;
Os frades com seus capuzes,
Levam nas mãos tristes luzes,
Vam após as suas cruzes,
A cantar desentoados.
Esforçados cavalleiros,
Ricos-homens, infanções,
Vam seguindo o sahimento,
Com seus pagens, seus piões.
Vai nas andas o ataúde
Coberto com um sudario,
A que dêu santa virtude
De um ermita o escapulario;
Tem no meio as cinco chagas
De fino ouro bordadas,
Suas abas sam orladas
De fino ouro tambem;
Nobres condes vam pegando
Nas borlas que o terminam;
E de amor, e de amisade,
E de respeito, e saudade,
As tristes frontes inclinam.
Um cavallo ajaezado,
Como em dia de combate,
A' rédea um pagem conduz;
Arrogante o chão não bate,

— Já perdeste o cavalleiro,
Bello corcél andaluz! —
Leva a lança um escudeiro,
Outro leva o seu pendão,
Outro, o seu arnez inteiro,
Outro, a espada, e o morrião;
Vai coberto o seu escudo,
Dentro em capa de veludo;
Atraz vam as carpideiras,
Chorando, como era usança
Nestas pompas derradeiras.

Mas quem é o cavalleiro
Que a real dama conduz?
Monta cavallo fouveiro,
Traz no manto a verde cruz;
De Dom Pedro, o justiceiro,
Real sangue lhe reluz:
E' o irmão de Dom Fernando,
E' o gran-mestre d'Aviz;
A cunhada vai guiando
Para a igreja matriz.
De burel branco vestida,
Emblema da sua dôr,
Como se mostra sentida
A raynha Lianor!!
Della á esquerda cavalgava
Fermoso conde de Ourem,
Que nem alli disfarçava
Quanto amor sua alma tem:
Antes naquelle sahimento
Via raiar um futuro,
Em que já sem fingimento

Gosar póde amor impuro;
E quando os olhos do conde
Os da raynha fitavam,
Todo o amor, que em vão esconde,
Os da raynha mostravam.
Deste amor, o povo inteiro
Ha muito que murmurava,
E por isso, ao conde Andeiro,
A' raynha, detestava.
O gran-mestre bem ouvia
Do povo as murmurações,
Mas seu rosto não trahia
De seu peito as intenções;
Só quando viu a raynha
Ternamente o conde olhar,
Convulsa mão, da bainha
Quasi a espada quiz tirar.
Os dois amantes perceberam
Seu maquinal movimento,
N'outro olhar se prometteram
Mais um real sahimento.

Já no adro da igreja
Fez parada a procissão;
Em longas alas se fórma
Para passar o caixão.
Veio o bispo, e o cabido,
E os meninos do côro,
Buscá-lo com o seu palio:
As carpideiras seu chôro
Renovam, mais dolorido.
Tocam os sinos na torre,
De novo dobram sinaes,

Que é uso quando o rei morre
Haver em seus funeraes.
Officios religiosos
Por a igreja retumbaram;
Lamentações dos finados
Tristes echos acordaram.
— Fermoso rey Dom Fernando
Não te valeu a grandeza,
Tu pagaste, miserando,
Tributo da natureza. . .
Lá vam teus restos mortaes
Sepultar-se no carneiro,
Onde todos sam iguaes
Té ao dia derradeiro,
Em que a trombeta final,
Chamará o mundo inteiro
Ante o throno de cristal,
Que tem á dextra o cordeiro —!..
Fria loisa sepulcral!
Tu igualas condições,
Para ti de nada val,
Vestir a grana real,
Ou ser pobre, ou ter dobrões! —

Depois da réza acabada
Para os paços se encaminha,
Aonde um mez encerrada
Já estivera a raynha;
Que tanto ha que seu marido
Desta vida se finou;
Só depois do mez cumprido
Seu cadaver se enterrou.
Já nos paços se apearam,

Dá Lianor beija-mão,
Quantos labios que a beijaram
Desmentia o coração?!?
Esses beijos, sem valia,
Não sam d'amor, nem respeito,
Fria mão que os recebia
Não faz pulsar nobre peito;
Antes recúa gelado,
Como transido de horror,
Porque se viu obrigado
A mostrar fingido amor;
Mas quando a mão lhe beijava
Fermoso conde de Ourem,
Esse beijo a compensava
De quantos odio lhe tem.
Todo o amor, quanto ha na terra,
Quanto no céo póde haver,
N'um só beijo exprime, encerra
O peito de uma mulher.
N'um rubor, que ás faces veio,
Exprimiu quanto pensava;
No movimento do seio,
Quanto amor o agitava:
— Era amor — esse tyranno,
Que nos rouba a liberdade;
Esse poder sobrehumano,
Flagélo da humanidade;
Esse pensar insoffrivel,
Que sempre nos faz gemer;
Que nos dá tormento horrivel
Por instantes de prazer. . . .
Mas instantes tão intensos
De goso, tão arrobados,

Que se foram mais extensos
Não foram tão requintados —
— Era amor — que sobre o crime,
Throno erguia da ventura;
Mas qu' um ferrete lhe imprime,
Ferrete que eterno dura.
— Era amor o criminoso
Da culpa que amor só tinha.
Era o conde tão fermoso!
Era tão bella a raynha! —

Se a fermosura podéra
De seu crime haver perdão,
Qualquer delles o tivera:
— Dá-lho sempre o coração. —
João Fernandes Andeiro
E' de elevada estatura,
Bem composto cavalleiro,
De airosa, nobre figura;
E' trigueira a tez do rosto,
Como se o sol a crestára;
Bigode tão bem disposto
Nunca pincél debuxára:
Negra a barba, e os cabellos
Sam levemente anellados;
Negros sam os olhos bellos,
Vivos, grandes, bem rasgados:
O olhar d'aguia, significa
— Bem conhece o seu poder —
N'um volver d'olhos, indica
— Não estar affeito a soffrer —
Mas o semblante é tão vario,
Sabe tão bem disfarçar,

Que, quando fôr necessario,
A todos pode enganar.
Tem o nariz aquilino,
Porem delgado e perfeito;
Sorriso, quasi malino,
Aos labios dá nobre geito;
Mostra de si a valia,
Essa da boca expressão,
Nella o orgulho transluzia
D'um altivo coração.
A' corte de Dom Fernando
Veio de Hespanha fugido,
De um rey fraco o genio brando,
Em breve o fez seu valido:
Deu-lhe o condado de Ourem,
E mais terras de valor;
E' tal o amor que lhe tem
Que o faz seu embaixador;
E para mais o obrigar
A não deixar sua côrte,
Da sua mão lhe quiz dar,
Fermosa, e nobre consorte.
Mas nada disto o prendia,
Outra ventura lhe falta,
Terno amor lhe promettia
Outra ventura mais alta.
Apenas viu a raynha,
Della ficou enlevado,
Das perfeições que ella tinha
Ficou Andeiro encantado.

Lianor já não estava
No verdor da mocidade;

Mas seu rosto enamorava,
Tinha tanta suavidade!...
Seu olhar era tão terno,
Tão languido, tão expressivo,
E por contraste superno,
Tão pudico, e tão lascivo!...
Seus cabellos, fios de ouro;
Seus beiços eram coral;
Era de pérlas thesouro
Sua boca divinal:
Suas faces, rubras rosas
Encrustadas em marfim;
Ou açucênas mimosas,
Tingidas com o carmim.
Era seu colo de neve,
Onde em fogo o seio ardia;
Para o qual é espaço breve,
Colête, que o opprimia;
Quando o seio lhe palpita
Em ternas ondulações,
Ou que o receio o agita
Em variadas contracções;
Em sensações variadas
Prende as almas namoradas,
Prende os livres corações.
Branco burel a reveste,
Que é de lucto o seu trajar;
Parece um anjo celeste
Que veio a terra habitar.
No sorriso que, á mistura,
E' a expressão de um tormento,
Anjo suspenso, affigura,
D'eterno contentamento,

Quando viu o triste humano,
A quem por guarda foi dado,
Cahir das trêvas no engano
Fazendo enorme peccado.
Se na angelica pureza
Podéra um anjo soffrer,
Igual sorriso a tristeza
Só podéra descrever.
A delicada cintura
Cinge grosseiro cordão,
Que do corpo a fermosura
Desenha com perfeição.
Uma virgem não tivéra
Ademan tão seductor;
Só dá flôr a primavera,
Porem fructos quer amor.

João Lourenço da Cunha,
Quando nova, a desposou;
Mas Fernando o sceptro empunha,
Linda esposa lhe roubou.
Nobre vassallo offendido,
Logo da patria sahiu;
Um rey tão mal procedido
Iras do céo attrahiu:
Crua guerra, a fome, a peste
Teve o reyno que soffrêr;
Té que a vindicta celeste
De peste o rey faz morrêr.
Nem foi só este o castigo,
Outro maior teve ainda;
Foi trahido pelo amigo,
E pela esposa — tão linda! —

Era tal sua cegueira,
— Ou eram taes seus amores —
Que na hora derradeira,
Só então, viu os traidores.
Só então — era já tarde —
Viu o castigo do céo;
De raiva o peito lhe arde,
Como de amor já lhe ardêo.
Chama, junto do seu leito,
Dom João, mestre de Aviz;
Corta-lhe a voz o despeito,
E morrendo assim lhe diz:
» Dom João! do justiceiro
» Mostra que és sangue real...
» Mata o infame Andeiro...
» Vinga o rei de Portugal...
» Vinga um irmão offendido
» Por uma indigna mulher...
» Cujo amor tão polluido...
» D'alma quizera varrer...
» De ser pai, essa doçura,
» Seu torpe amor, azedou...
» Beatriz! . . . quem me assegura
» Que outro pai não te gerou?...
» A maldição do eterno
» Não se illude . . . chega em fim...
» Tormentos todos do inferno
» Sinto já. . . Tem dó de mim...
» Dá-me um goso derradeiro. . .
» Jura aqui . . . sobre o meu peito...
» — Matarás o conde Andeiro?
» Ella . . . não. Estou satisfeito...
Duas palavras sómente

Dom João lhe respondeu;
— Juro, sim — e o rei, contente,
A mão lhe aperta, e morreu.

O beija-mão se acabára,
E o conde Andeiro ficou;
Dom João, que o esperára,
No conde os olhos cravou:
Olhos do mestre dardejam
Odio, vingança jurada;
Sangue do infame desejam
Buidos gumes da espada.
Seu braço ía cumprir
O juramento fatal;
Que força veiu impedir
Que lhe cravasse o punhal?
— Lianor — que não perdêra
Um só de seus movimentos;
— Era amante — e percebêra
Do mestre a raiva, os intentos.
Pelo amado estremecendo,
Do throno desce appressada:
Sua alma estava tremendo,
Mas não parece assustada.
— Segrêdo mago de amor;
Mysterio, só da mulher;
Em quem o mêdo é valor:
Em quem fraqueza é podêr. —

» Inda bem que a sós ficámos!
» Inda bem! meu nobre irmão!
» De ha muito que não fallámos
» Temos triste occasião!...

» Triste, sim; triste p'ra todos;
» Bem mais triste para mim:
» Que soffro por tantos modos
» Tristezas, que não tem fim.
» Fraca mulher! como posso
» Do reino as terras guardar?
» Só de vós — no braço vosso
» E' que posso descançar.
» Do reino sois o fronteiro,
» Suas fronteiras guardai;
» Do reino sois o primeiro,
» Mais a vós, nisso vos vai.
» Talvez que qualquer demora
» Possa ao reino ser fatal!
» Parti já, Senhor; agora...
» Salvai o orfão — Portugal —
» E porque desta mesquinha
» Guardeis alguma lembrança,
» E que da saudade minha
» Tenhais prova, e segurança;
» Recebei de minha mão
» Esta charpa, que eu bordei,
» Sobre o vosso coração
» Unida sempre a trazei.»

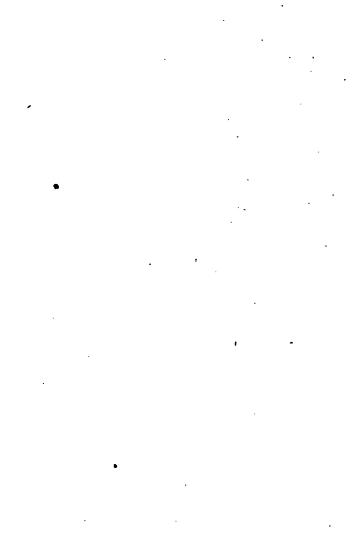
Rica charpa, que bordára,
Talvez com outro destino,
Do collo ao mestre lançára
C' um sorriso peregrino.
Elle, cortez cavalleiro,
Curva um joelho no chão;
Não lhe lembra o conde Andeiro,
Beija, em fogo, a linda mão:

Linda mão, que ao tiracollo
Concerta a charpa com geito:
E curvando o lindo collo
Mostra adrêde o lindo peito;
Lindo seio, que agitado,
Elle ouvia batêr...
Era o seio tão nevado!
Promette tanto prazer!...
Frôxa seda o ferro abranda
Da mais provada armadura;
Alma do tigre faz branda
Brando olhar da fermosura.

Como se um feiticeiro
Potencias d'alma prendêra.
Tal ficou o cavalleiro,
Ao feitiço, que o vencêra.
Inda estava ajoelhado,
Não sabe dizer porque;
Ella já tinha acabado;
Curvado ainda ella o vê.
» Erguei-vos » ella lhe disse;
» Erguei-vos » lhe repetiu;
Mas elle era tão felice!...
Ordem sua não ouviu.
Ella então a mão lhe estende;
» Erguei-vos » disse; e o erguia;
Elle a mão nas suas prende;
E ella assim lhe respondia:
» Parti, Senhor; e lembrai-vos
» De quem vos deu essa banda;
» De quem a fez recordai-vos,
« Uma infeliz... miseranda... »

Elle a mão outra vez beija,
Como se fôra em delirio;
Quer partir, ficar deseja:
Partiu já. » Deus! que martyrio! »

Tal foi primeira expressão
Que Lianor proferiu,
Quando o mestre Dom João
Da sala, e paços sahiu:
Olha então o conde Andeiro,
E n'um sorriso lhe diz:
» Salvei-te por derradeiro!...
» Olha, por ti, o que eu fiz?... »

Fim do Canto I.

O CONDE DE OUREM.

Alteradas estão do Reino as gentes,
Co' o odio que occupado os peitos tinha.
CAM. LUS.

CANTO II.

Em casa de Alvaro Páes,
(Que era na rua dos Canos)
Muitos fidalgos leaes
Vam concertar os seus planos:
Era alli que — portuguezes —
Sem recearem traição,

Se ajuntavam muitas vezes,
A tratar com o ancião
Que, de Pedro — o justiceiro —
Foi chançarel, e privado,
E que foi por derradeiro
Por seu filho aposentado.
Já, mui vélho, não podia
O nobre cargo exercêr;
Mas se o corpo envelhecia,
Alma é nova, e tem podêr.
Tinha longa experiencia,
Uma mui vasta instrucção;
E o que é mais — a consciencia
Justa, e probo o coração. —
As raras cãas infundiam,
Como de um pay, o respeito;
Intonsas barbas pendiam
Nevadas, sobre o seu peito.
Amigo dos populares,
— Dentre os quaes se contemplava —
Não faz como centenares,
Do que foi, não se olvidava;
Como tantos! não fazia,
Que, sahidos da relé,
Julgando que tem valia,
Dam nos irmãos com o pé!
Vereador do Senado,
Mistéres, povo deffende;
Fiel ao rey, ao estado,
Um sem outro não entende.
Dom Pedro — rey liberal —
Só as virtudes presava,
Vassallo honrado, e leal

Do pó da terra o tirava:
Alvaro Páes conhecêra,
E fê-lo seu chançarel;
Um erro só que fizera,
Puníra-o Pedro — o cruél —
Mas Dom Pedro conhecia
D'Alvaro Páes a virtude,
Seus conselhos attendia,
Sabía que o não illude.
Pelos do povo adorado,
Como pay, e protector;
Pelos grandes venerado,
— Poucos delles tem amor —
Já de casa não sahia,
Cavalgava a muito custo,
Mas assim mesmo parecia
Inda sadio, e robusto.
Delle a casa concorriam
Fidalgos novos, e antigos:
Se na côrte competiam,
Lá eram todos amigos.
Um só interesse os ligava,
— Odio, guerra aos castelhanos; —
Alvaro Páes animava
Nobres, fieis lusitanos.
Foi alli que a dynastia
De um *Bastardo* começou,
Quando nelle a soberania
O luso povo abdicou.

— Esse templo, em que, primeiro,
Nossos honrados maiores,

Juram quebrar cativeiro,
Que impoem estranhos senhores— :
— Essa casa veneranda
O trovador procurou;
Por ella a todos demanda,
Novas della não achou!!—
Nações estranhas conservam
Seus nacionaes monumentos,
Para os vindouros reservam
De gloria os seus documentos:
A picão, a camartéllo,
Nós vemos despedaçar
O monumento o mais bello,
Mudar um templo em *bazar*!!!
Nesse ao menos, as paredes,
— Truncadas folhas da historia—
Mostram nos restos, que vêdes,
Vestigios cheios de gloria...
Porem mão devastadora
Arrasou té o alicerce,
O monumento que fôra
Tão grande, e digno de ver-se!!
Nem um só resto nos deixa,
Sobre o qual vamos formar
Uma oração, uma queixa,
Nossas glorias recordar!!!
A mão do homem derruba
Os monumentos do homem;
Porem os sons de uma tuba,
Homens, tempo, não consomem:
Cahiu Troia abraseada;
Aonde foi se disputa;
Mas de Homero a voz sagrada

S'ouve ainda, o povo a 'scuta.
Trovador, inda novél,
Amor da patria só tenho;
Uma alma, por ser fiel,
Certo não supre o engenho:
Outros, porem, mais ditosos,
Atraz de mim ham de vir,
Que de fastos, tão famosos,
Ham de as ruinas impedir.

Acabado o sahimento,
Acabado o beija-mão,
De commum consentimento,
Conjurados alli vam.
— E' d'Arraiollos o conde,
Velho sim, porem valente;
A quem o braço responde
Aos impulsos d'alma ardente:
Foi condestavel primeiro
Que houve em — nosso — Portugal;
Cunhado do Justiceiro,
Neto de sangue real.
O seu rosto denuncia
Sua illustre geração;
Da mesquinha Ignez par'cia,
Assim velho, ainda irmão.
Louros cabellos, como ella,
Porem de cãas misturados,
Olhos azues, como os della,
Como ella tinha animados.
Alvo o rosto, e os bellos dentes,
Como ella tinha tambem;
Maneiras nobres, decentes,

Um certo ár de desdem,
O desdèm da fermosura,
— Esse ar não estudado —
Envolto como em tristura,
Mas de prazer enlaçado;
Esse ár que seduzíra
Dom Pedro fero, e cruél,
Inda no velho transpira
Como n'um espelho fiél.
— E' o já velho Ruy Pereira,
Nobre senhor portuguez,
Que na guerra derradeira
Tantas proezas já fez.
— E' Nun'Alvares, temido,
Como de um genio indomavel,
Esse mancebo attrevido,
Que ao depois foi condestavel.
Como contrasta o seu rosto
Cheio de vida, e risonho,
Com esse ár de desgosto
De um rosto velho, e tristonho!
Em seus olhos, a esperança
Da idade verde, transluz;
Nos velhos só a lembrança,
Só o passado os seduz:
No porvir, a mocidade
Só cuida; não tem *passado*;
Pensa o velho com saudade
Em quantos bens ha gosado;
Se alguma vez o futuro
Olha o velho — é com tristeza —
Vê sepulcro estreito, e duro;
A loisa fria lhe pésa.

Esse mancebo que, um dia,
Será tronco dos Braganças,
Entre os velhos parecia
Mimoso raio de esperanças.
— Muitos mais outros senhores,
Vindos para o sahimento;
Dos mais nobres, os melhores,
Estam naquelle ajuntamento.

Alvaro Páes então olha
Para tantos cavalleiros,
Como se folha por folha
Lhes lêra d'alma os letreiros.
A julgar de ha muito affeito,
Lê no rosto as intenções;
Mostram segredos do peito
Do rosto sempre as feições.
Vai falar; os olhos lança,
Da sala toda em redor;
Disseras — desconfiança —
Não esteja alli um traidor.
Todos ficaram attentos;
Meneia o velho a cabeça:
Esteve pensando uns momentos;
E após dest'arte começa:

» Não é por mim que vos falo —
» Já nada valho por certo —
» E para que occulta-lo?
» Estou já da campa tão perto . . .
» Todos sabeis como outr'ora
» A nossa patria eu servia;
» Enfermo, e velho, já agora

» Repouso, e paz só queria....
» Repouso, paz, e ventura!..
» Qual de vós os pode ter?
» Quem tem a vida segura
» Se a liberdade perder?
» Não vêdes já duros ferros
» Que nos prepara a traição?
» Dos castelhanos, tão pêrros,
» Quereis vós rojar o grilhão?!

» Não está hi o conde Andeiro
» Insultando os portuguezes,
» Como insulta o carniceiro,
« Inultas, timidas rezes?
» Não está hi — essa perjura —
» Cujo nome inda respeito,
» Que manchou, e mancha, impura,
» Do seu rey o throno, o leito?
» Dom João — o castelhano —
» Casado com Beatriz,
» Ha de ser o soberano
» Desta nação infeliz?...
» Ella! a filha adulterina!!
» Entre nós ha de reinar?!
» Lei alguma o determina;
» Fôra uma herança usurpar.
» Ella por certo imitára
» A mãi torpe, e deshonesta...
» Qual de vós não renegára
» Uma rainha como esta?!
» Dom Diniz, o nobre infante,
» Ao desterro condemnou;
» Ella ficou triunfante,

» Porque elrey o desterrou!...
» E já tereis olvidado
» Daquelle odio a razão?
» — Dom Diniz foi degradado
» — Por lhe não beijar a mão!! —
» Nem é muito que mostrasse
» A seu cunhado rancor,
» Seu degrêdo procurasse;
» Se inda c' os seus foi peior...
» Infeliz Dona Maria,
» Sua irmã, tão desgraçada,
» Foi, por sua aleivosia,
» Pelo esposo assassinada!!
» Ella! após crimes tamanhos,
» Dos grandes, povo, escarnece....
» Julga que somos rebanhos,
» Que somos homens se esquece....
» Homens, sim; que o soffrimento
» Ha de por fim acordar....
» Homens... que do abatimento
» Ha de a honra despertar....
» Homens, sim; e portuguezes,
» Que odeiam jugo estrangeiro,
» Que antes querem mil vezes
» Morrer, matando primeiro.....
» Viver vida deshonrada
» Não é por certo viver......

» Todos nós temos espada;
» Todos sabemos morrer;
» E no campo, e na estacada
» Sabemos honra manter.

» Todos nós — por mim o digo —
» Juramos odio a Castella;
» Maldição! se eu me desdigo;
» Maldição cáia sobre ella. »

Era Nun'Alvares Pereira
Quem o velho interrompia;
Falando desta maneira
Geral applauso se ouvia.
» Viver vida deshonrada
» Nenhum de nós quer viver;
» Todos nós temos espada,
» Todos sabemos morrer. »
E sobre a cruz dos montantes
Juravam, morrer primeiro,
Que soffrer, as aviltantes
Algemas do cativeiro.

Quem víra aquelle juramento
Facilmente agouraria,
O feliz acabamento
Que aquella emprêsa teria.
Amor da patria tão puro,
Tão leaes conspiradores,
De um resultado seguro
Sam fieis abonadores.
E' no amor dos vassallos
Que o poder dos reys se estriba;
Se elle quer algema-los,
Seu proprio throno derriba.
Está na justiça o direito;
Direito, está no dever,

Fica o contracto desfeito
Se acaso o rey o torcer.
Mas com tudo, não se entenda
Competente julgador
Desta terrivel contenda,
Ignobil conspirador.
Um homem só, muitos centos,
Não sam por certo a nação;
E ás vezes sam instrumentos
D'uma encoberta ambição:
Porem quando um povo inteiro
Um rey tyranno maldiz,
Esse então, é verdadeiro,
E' competente juiz:
Assim foi então, por certo...
O reino inteiro o mostrou;
O fogo estava encoberto,
Voraz incendio ateou.

Ainda os echos da sala
Repetem o juramento
Que hade um dia livra-la
De culpado esquecimento;
Quando uma voz, retumbando,
Assim bradava » Real! »
Em altas vozes gritando
» Por Castella, e Portugal! »
Os velhos vam á janella;
Mancebos descem á rua,
Embraçam logo a rodélla,
Treme na mão espada nua.
E a mesma voz repetia

Inda mais alto » Real! »
(Mas ninguem lhe respondia)
» Por Castella, e Portugal. »
Sobre um corcél vem correndo
Dom Henrique Manoel,
Nas ruas, praças, fazendo
Grande arruido, e tropél;
Traz um pendão arvorado;
E' de Castella o pendão;
E vem de muitos cercado
Por sustentar seu pregão.
De espaço a espaço parava,
Bradando » Real! Real! »
Movendo o pendão clamava
» Por Castella, e Portugal! »

Bem como contra um rochêdo
Que está no meio do mar,
Ondas recuam sem mêdo,
Para depois o escalar;
Onda sobre onda enrolando
Juntas por fim o arremettem,
Sobre o seu cume attrepando
Sem descançar o accomettem:
Assim mancebos se uniram
Para affrontar o pregão;
Unidos todos partiram,
Qúerem rasgar o pendão.
Um velho que atraz ficára,
Corre após; e assim lhes grita,
Com voz cançada, mas clara,
Voz que a raiva accende, agita:

» Alto lá! que a mim compete
» Responder áquelle pregão:
» Honra dos meus compromette,
» Minha é mais a obrigação.
» Não vêdes que o pregoeiro
» E' tio do de Castella?
» Que é um velho cavalleiro?
» Partida igual é mais bella.
» Como elle sou tambem velho,
» Sou irmão de uma raynha;
» Segui pois o meu conselho,
» Mettei ferros na bainha.
» Deixai-me só; não se creia
» Que Alvaro Páes recua;
» Um Castro nunca receia,
» Sabe manter honra sua. »

E mal o conde acabára,
Estas vozes de dizer,
Contra os outros se voltára,
Para assim lhes responder;
» Olá! Senhores! Real!
» Real! Real! mas somente
» Polo rey de Portugal! »

Montões de povo apinhado,
Como echos logo respondem;
O seu furor concentrado
Até-li — já não escondem.
Nenhum daquelles que vinha
Com o pregão de Castella,

Se escapára bem azinha,
Tantos aggravos tem della.
Um muro de humanos peitos
Já os cercou bem de perto;
Em breve mortos, desfeitos,
Elles ficaraõ por certo.
Que importam lanças, arnezes,
Contra a furia popular?
Inerme povo, mil vezes,
Vimos lanças desprezar...
E ai daquelles que a lança
Ousam cravar n'um irmão!
Do povo é certa a vingança,
Certa do céo maldição.
Mas nenhum delles ousára
Contra o povo arremetter;
Caro preço lhe custára,
Fôra sem gloria morrer.
E cada vez mais crescia
O montão dos populares,
Que n'um recinto os mettia,
Formado já de milhares.
Quando ao longe um cavalleiro
Vem correndo á rédea solta,
Monta um cavallo fouveiro,
De homens de armas traz escolta.
» Real! Real! » então grita
O povo todo que o vê,
No ar as gorras agita,
Já conheceu quem elle é.
» Real! Real! » o saudava,
Povo inteiro com prazer;
E o cavalleiro parava,

Como para agradecer.

De entre o povo então sahiu
Um homem alto, e robusto;
Caminho o povo lhe abriu,
Como se fôra sem custo.
Chega ao pé do cavalleiro,
Com ademan de esforçado;
A mão lhe beija, primeiro
Tendo a gorra tirado:
Ao depois esteve contando
Como lançaram pregão
Os cavalleiros, mostrando
Que cercados alli estam.
» Que mandais, senhor, façamos?
» O que havemos nós fazer?
» Mata-los nós desejamos;
» Devem traidores morrer. »

» Não: responde o cavalleiro,
» Antes deixai-os partir:
» Meu sangue jorre primeiro
» Que tal acção consentir.

Em tanto que assim falára
O cavalleiro aos do povo,
Silencio breve reinára;
E após gritaram de novo;
» Real! Real! só Real!
» Polo rey de Portugal! »

Affons'Anes, tanoeiro,
Breve os do povo acalmou;
Fôra elle o que primeiro
Ao cavalleiro falou;
Os do pregão por Castella,
Manda, que deixem passar;
Elles, livres da esparrélla,
Fogem, sem rosto voltar.
O povo foi generoso,
— Era povo portuguez —
Fôra porem perigoso
Lançar o bando outra vez;
Mas tudo isto se passára
Com tão rapido correr,
Que mais tempo eu empregára
Em o contar, e dizer.

Entretanto os conjurados
Ficavam como esperando,
Pelos do povo ajudados,
A vêr se vinha outro bando;
Mas não lhes fica vontade,
Aos da facção de Castella,
A correr pela cidade;
Em armas toda está ella.
Cheios de mêdo á raynha
Vam contar o que passaram,
Dizem, teimar não convinha,
Que os povos se alevantaram.

O cavalleiro partíra

No cavallo, a passo lento,
Como se o affligíra
Um secreto pensamento.
De burel branco vestía,
Como quem ía de nôjo;
A longa espada pendia
Ao lado, como de rojo;
Uma charpa a tiracollo,
A cruz do peito occultava;
Um broxe de ouro, ao seu collo,
O alvo manto apertava.
A' porta d'Alvaro Páes,
O cavalleiro se apêa,
Os seus cuidados são taes
Que se confundem na idêa;
Amor, ciume, despeito,
Odio, vingança, e prazer,
Tudo revolve no peito,
Tudo se apraz de soffrêr.

Alvaro Páes se levanta,
Nas faces o vai beijar;
A sua alegria é tanta,
Que o velho faz remoçar.
» Honra, Senhor, que me daes
» Em vir á minha pousada,
» Queira o céo que a recebaes
» No céo em paga dobrada.
» Estava enfermo, não podia
» De minha casa sahir,
» E falar-vos carecia,
» Sabia que íeis partir:
» Uma carta que escrevêra,

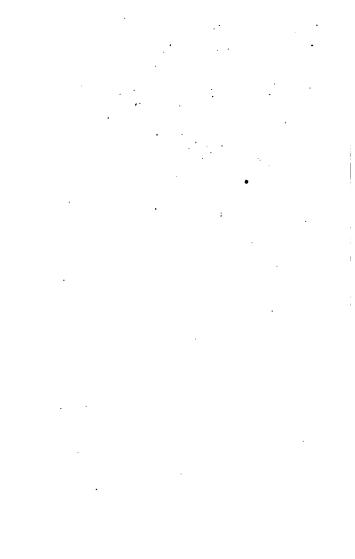
» Podéra ser descoberta;
» Mensagem que vos fizéra
» E' mais segura — é mais certa.
» Por isso eu vos pedi,
» A mercê, que me fizestes,
» De vir, Senhor, por aqui.
» Bondade grande tivestes!
» Mestre d'Aviz! por quem sois!
» Por alma de vosso pai!..
» Dai castigo a *esses dois*!..
» Irmão, e patria vingai!..
» Se vós sahis de Lisboa
» Que será então de nós?..
» Beatriz terá a corôa,
» Que está guardada p'ra vós...
» Ouvi, Senhor, este velho
» Que é alma dos populares;
» Segui, Senhor, meu conselho,
» Poupai da patria os dezares....
» E vereis como, ao meu brado,
» O jugo o povo saccode;
» E um povo, já libertado,
» Crede, Senhor, muito pode. »

MESTRE D'AVIZ.

» Não sabes tu que a traição
» Pode mais do que o valor?..
» Que o mais forte coração
» Cede ao punhal de um traidor?..
» Não sabes tu que somente
» Posso tal sorte evitar,
» Longe daqui, entre gente

» De quem me possa fiar?..
» Adeus pois honrado velho,
» Ao Tojal eu vou dormir;
» Não me esquece o teu conselho;
» Novas minhas has de ouvir. »

Já vai longe a cavalgada;
Caminho vai do Tojal:
Patria! patria! desgraçada!
Té onde chega o teu mal.?!

FIM DO CANTO II.

O CONDE DE OUREM.

Onde pode acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

CAM. LUS.

CANTO III.

Sobre alcatifa bordada
De veludo carmezi,
Estava a raynha assentada,
Tendo as damas junto a si.
Em primorosos lavores

Estavam todas trabalhando;
Divisas, cifras de amores,
Em charpas ricas bordando.
D'Arrayollos, e Barcéllos,
Nobres condes alli estam,
Folgam as damas de vê-los,
E' léda a conversação.
Dom Fernando de Çamora
Alli estava tambem;
Entrára ha pouco de fóra
Fermoso conde de Ourem;
Mas seu rosto anuviado,
Mostra um ar distrahido,
Como se algum cuidado
N'alma trouxéra escondido.
Quanto mais procura o conde
Sua tristeza vencêr,
Quanto mais no peito a esconde
Mais a mostra o seu parecer.
Nuvem negra lhe toldava,
A razão, o entendimento;
Negra idêa não deixava
De occupar seu pensamento.
Como em sonho mal distincto,
Que não sabemos contar,
Vemos um lobo faminto,
Sem o poder afastar;
E já depois de acordados
Inda o tornamos a vêr,
Longos pellos arriçados,
O salto quasi a fazer.
E outra vêz adormecendo,
Ainda o lobo apparece,

Como que nos está dizendo,
— Minha prêsa não me esquece —
E, no horrivel pesadêlo,
Sentindo as carnes trincar,
Lutar em vão, sem vence-lo,
Sem o poder derribar.
E por fim quando acordamos,
Inda as negras pisaduras,
No rosto, e corpo encontramos,
D'unhas do lobo tão duras.
Como se do horrivel sonho
Tivesse o conde acordado,
Elle outr'ora tão risonho,
Estava triste, e calado.

N'um só olhar, n'um momento
Bem conheceu a raynha,
Que tinha o conde um tormento;
Mas qual é não adivinha.
N'um só olhar perguntava
Causa da sua tristura;
E nesse olhar demonstrava
Uma inefavel ternura.
Nesse olhar o reprehendia
Por estar triste á vista della;
Dizer-lhe quasi parecia
— Dama encontraste mais bella? —
Nesse olhar, como lembrára
Quantas venturas lhe deu;
Nesse olhar terno indagára
— Se a idêa dellas perdeu? —
N'um só olhar se resume

O livro do coração;
Receio, amor, e ciume,
Desse olhar é traducção.
Um só olhar tudo explica,
A quem entende esse olhar:
Ordena, teme, e supplica,
Extremos sabe ajuntar.
N'um volver d'olhos o conde
A raynha percebêra,
Que desta arte lhe responde
A's queixas que lhe fizera:
» Tu não vês tantos estranhos
» Ante os quaes devo calar?!?
» Queres meus crimes, tamanhos,
» Que eu mesma vá delatar?!
» Tu não vês que do segredo
» Depende a minha existencia?!
» Sabê-lo-has, e bem cedo...
» Espera pois — tem paciencia. »
Quantas vezes n'um lugar
Onde estam mil concorrentes,
Dizem olhos, sem falar,
Palavras menos prudentes?
Quantas vezes denunciam
Segredos ternos d'amor?
Segredos que não queriam
Que os dissesse o *trovador*?
O *trovador* não procura
Sorprehender segredo alheio;
Canta só com voz segura
As paixões que tem no seio.
Pelo que vê no seu peito,
Pelo que soffre, ou gosou,

Dispoem os cantos de geito
Que rara vez se enganou.
O *trovador* é artista,
Carece um molde escolher;
Se d'alma alheia é copista,
Modêlo a sua ha de ser.

Em tanto os nobres senhores
Com as damas conversavam,
E sobre as tenções d'amores
Uns, e outros disputavam.
Dom Fernando de Çamora,
Assim dizia brincando,
A uma dellas, que adora,
E com quem estava falando:
» Por Deus! Senhora! a espr'ança
» Que nessa charpa bordais,
» Me dera alfim segurança
» Contra os rijos vendavais.
» No batél, aventureiro,
» Navego contra a corrente,
» Levo só um máu remeiro,
» Cégo o piloto, innocente.
» Junto ao porto em que desejo
» O meu batél acolher,
» Irado o mar sempre vejo,
» Não posso á praia descer.
» Ancora forte não tenho
» Em que me possa fiar,
» Se não ma dais, frágil lenho
» Vou na praia naufragar. »

Por esta forma exprimia
Dom Fernando o seu amor;
E a dama linda sorria,
Com um sorriso traidor.
Essa charpa que bordava
Era de seda custosa,
Cuja côr arremedava
Verde esperança, tão mimosa!
Ancora d'ouro prendia
Um alado coração;
Que por um elo se unía
A um dourado grilhão.
Esta cifra — antes promessa —
Que a dama linda bordava,
Quer amor que assim a peça
Quem a esperança cobiçava.
A esta cifra alludíra,
Dom Fernando enamorado;
Contra o Andeiro se víra,
E diz com gesto animado:
» Ambos de dois castelhanos,
» Ambos de dois desterrados
» Vivemos ha muitos annos
» De nossa terra exilados.
» Como vós, aventureiro,
» Como vós, nobre tambem,
» Eu sou simples cavalleiro,
» Vós sois o *conde de Ourem*!!..
» Não vos invejo comtudo
» As honras, galas, riqueza;
» Sei passar sem isso tudo,
» Rico de minha pobreza.
» Uma só cousa vos peço,

» Ensinai-me a ser amado...
» De ha tanto que vos conheço,
» Nunca vos vi desprezado. »

Antes que o conde Andeiro
Lhe podesse responder,
Fala a raynha primeiro
Com risonho parecer:
» Julgo não tendes razão,
» Dom Fernando, em vos queixar;
» E se não fôra traição
» Podéra alguem nomear....
» Mas o que sei, não o digo,
» Por vós serdes tão injusto;
» E folgai que, o meu castigo,
» Seja tão brando e tão justo. »
A verde charpa bordada,
Nesse instante ao chão cahiu;
E uma mão delicada
Fermoso rosto cobriu.
Os dous condes, Dom Fernando,
Vam a charpa disputar,
O conde Andeiro deixando
Sempre triste em seu lugar.
Em quanto aquelle incidente
As attenções concentrava,
A raynha, brandamente,
O conde Andeiro chamava.
Como se adrêde o acaso
A quizéra então servir,
A verde charpa deu azo,
A seus desejos cumprir:

Pois que todos distrahidos
Por aquella diversão,
Certo não prestam ouvidos
A' alheia conversação.

Vendo então o conde Andeiro
Que lhe podia falar,
Junto della vai ligeiro
Sobre o estrado ajoelhar.
Em voz mui baixa e mansinha,
Voz mui terna, e maviosa,
Assim lhe fala a raynha
Entre agastada, e queixosa:
» Que tens tu meu nobre conde?
» Tão triste nunca te vi:
» Que tens tu? diz-mo, responde;
» Já não confias de mi?
» Que exiges tu por que eu veja
» Que o teu semblante sorri?
» Tua alma que mais deseja?
» Não estou eu ao pé de ti?
» Seja o que for, eu to faço;
» Só tu governas aqui;
» Tens o throno em meu regaço;
» Scéptro e corôa te cedi...
» Alma, corpo, a eternidade,
» Tudo por ti eu perdi;
» Minha existencia, e vontade,
» Na tua alma confundi....
» Feliz, da tua ventura,
» Meus deveres esqueci;
» Triste, da tua tristura

» Sō tuas penas senti...
» Que tens tu, meu conde Andeiro,
» Que pensando estás assi?
» Diz-mo, nobre cavalleiro,
» Por quem és; dizes-mo?.. si?.. »

Do conde as feições tomaram
Uma sinistra expressão;
Os seus olhos chamejaram
Centêlhas do coração.
Uma dôr mal suffocada
Em suas faces transluz,
Como se fôra causada
Pelos tormentos da cruz;
Qual no calvario a pintára
Raphael, ao máu ladrão,
Que no stertor misturára
Insulto, medo, afflicção...
Bem se vê quanto lhe custa
A's perguntas responder;
Que negra idêa o assusta;
Tem pêjo de a dizer.
Veloz, como o pensamento,
Lêu em sua alma a raynha;
N'um gesto só, n'um momento,
Tudo uma amante adivinha.
» Tu tens de certo um segredo
» Que não me queres dizer;
» Talvez que tu tenhas medo
» Que elle me possa offender...»

Lianor isto dizia,

Com mais pesar, que despeito;
E uma lagrima cahia
Dos olhos sobre o seu peito.
O conde Andeiro quizéra
Com os seus labios sorvêr
Lagrima que lhe fizéra
Tanta dôr, tanto prazer:
A sua alma não resiste,
Nem resiste um coração,
A esse olhar que é tão triste,
Que tem tanta seducção!
Estavam todos conversando,
Ninguem o pode escuitar;
Um suspiro suffocando,
Assim começa a falar:
» Lianor! porque me ordenas
» Te conte as magoas do peito?
» Conta-las vou, essas penas
» Que o ralam, que o tem desfeito...
» Lianor!! não te pareça
» Que estou triste sem razão...
» Que muito é soffra a cabeça
» Quando soffre o coração?!
» Que muito é que eu esteja triste
» Se temo de te perder?!
» Em perder-te não consiste
» Quanto mal eu posso ter?!
» D'Aviz o mestre procura
» Alcançar a tua mão...
» Debaixo da sua ternura
» Encobre a sua ambição...
» Se o amor é grande, é forte,
» No peito de dois rivaes,

» Um dos dois merece a morte,
» Que um dos dois sempre é de mais.
» Mas não penses que receio
» Morrer de morte violenta...
» D'um rival unida ao seio
» Porem ver-te... me atormenta.
» Um só teu gesto decida
» Qual dos dois deve morrer...
» *Elle? ou eu?*.. amor, e a vida,
» Qual de nós deve perder?! »

Quem dissera que um sorriso
Bue a ponta de um punhal?!
Que a expressão do gosto — o riso —
Era sentença mortal?!
Um sorriso semelhante
Só Eva podéra ter,
Quando induz o amante
Vedado pomo a comer.
Grande poder n'um só gesto
Tem a mulher, que é bonita...
O seu poder é funesto
Quando sorrindo o exercita...

» Inda bem! que me tiraste
» De sobre o peito uma loisa...
» Na escôlha não hesitaste...
» Meu seio agora repoisa.
» Inda bem! que do meu crime,
» Igual quizéste a porção;
» Partido o pêso que opprime
» Tem mais folga o coração.
» A charpa que hontem *lhe* déste,

» A minha alma estrangulava;
» Parecia um negro cipreste
» Cuja sombra a definhava:
» Era o sudario da morte
» Que *um dos dois* ha de vestir;
» Era um fogo intenso, e forte
» Que ha de *um dos dois* destruir:
» Qual de *nós?* já decidiste:
» Bem hajas!.. que não fui *eu*....
» Da vida as portas me abriste;
» Qu'importam furias do céo?!
» Esta noute um sonho horrivel,
» Qual visão, me attormentou;
» Era fantasma terrivel,
» Que o meu somno affugentou,
» Julguei vêr, o meu rival
» De corôa, e sceptro na mão,
» Como rey de Portugal,
» A dar aqui beija-mão.
» Estava uma dama a seu lado,
» Cujas feições eu não via,
» Louro o cabello, anellado,
» O teu cabello parecia.
» Cheio de raiva pertendo
» A dama reconhecer;
» As mãos geladas estendo,
» Mas não me posso mover.
» Vou a puxar pela espada,
» A espada cahe-me da mão;
» Sinto a dôr de uma estocada;
» Caio sem força no chão.
» Quero erguer-me, um ferro agudo
» Outra vez sinto passar-me...

» Exangue, frio, já mudo,
» Sinto a vida abandonar-me...
» A dôr que o ferro deixára,
» Fez-me por fim despertar;
» Julguei que o estoque ficára,
» Do peito o queria arrancar:
» Frio suor me cobria,
» Dissera quasi o estertor....
» E já então não dormia...
» Pensava em ti, Lianor!!!
» Dentro do seio, appressado;
» Sentia o sangue correr;
» E tendo o corpo gelado
» Sentia as veias arder.
» Era o fogo do ciume
» Que nas veias circulava;
» Infernal accêso lume
» Que as entranhas me abrasava...
» Era o gêlo que entorpece
» Nos membros circulação,
» O corpo todo arrefece,
» E congéla o coração.
» Então, como alucinado,
» Dando crença áquelle agoiro,
» Acordei um meu criado,
» Fiel Roseimo, que é moiro.
» — Vai Roseimo — assim lhe digo,
» — Vai já Roseimo ao Tojal,
» — No meu cruel inimigo,
» — Crava sem dôr o punhal;
» — Dom João! bem o conheces...
» — Dom João! deve morrer...
» — Mata-o bem: vê se mereces

» — O premio que deves ter —
» Apenas dei meu recado,
» Logo o Roseimo partiu;
» Elle é valente, e esforçado,
» Nunca o seu amo trahiu.
» Talvez que a esta hora
» Já não viva o meu rival;
» Talvez que Roseimo agora..
» Lhe dê o golpe final.... »
Um sorriso convulsivo
Lhe faz os dentes ranger;
Tão feroz, tão expressivo,
Só no inferno o pode haver.

Bem como o echo repete
Ao longe a voz proferida;
E no espelho se reflecte
A acção, imagem da vida;
Assim o rosto fermoso,
De Lianor, exprimia
O tormento doloroso,
Que o nobre conde soffria.
Mas seu ar era sublime;
Tinha uma altiva expressão;
Era a virtude, e o crime
Luctando no coração.
Ambos ficaram calados
Um ao outro contemplando,
Talvez como envergonhados
De um amor tão execrando.
Assim ficaram por certo,
Quando se viram banidos
Eva, e Adão, em um deserto

Do Eden quando expellidos.
O remorso lhes lembrava
O crime que ambos fizeram;
Mas se o amor lhes ficava,
Nem todo o Eden perderam.
» Minha mulher bem dizia
» Não viesse ao sahimento...
» Lianor! ella temia
» Funesto acontecimento...
» Ei-lo ahi realisadó...
» Cavallos ouço correr...
» Sam do mestre assassinado
» Que a nova nos vem trazer. »

Quantos estavam na sala
Ouvem corceis tropear,
Suspendem todos a fala,
Todos pr'a porta a olhar:
Julgam que sam cavalleiros
Que vinham ao sahimento,
Mas chegavam derradeiros
Tarde já, neste momento.

Da sala as portas se abriram,
Sem o porteiro avisar,
Mestre d'Aviz todos viram,
Com homens d'armas entrar.
Cota de malha vestia;
Os seus as trazem iguaes;
Traçado curto cingia;
Os seus espadás, braçaes.
Vai com pausa, e continencia
Para onde estava a raynha;

Feita a usada reverencia,
Junto ao estrado se avisinha.
Todos se ergueram ao vê-lo;
Té a raynha se ergueu,
Como para recebe-lo,
Degráos do estrado desceu;
Assim melhor occultava
A sensação da sorpresa:
Que os olhos como abaixava
Para descer com prestesa.
Como se fôra apanhado
Em um flagrante delicto,
O Conde fica atterrado,
Suspenso, iroso, e afflicto.
— Talvez Roseimo o trahisse
— Contando ao mestre a traição...
— Pode ser que succumbisse...
— Ou não teve occasião...—
Assim o conde pensára
Ao vêr o mestre de Aviz;
No rosto delle o indagára;
Seu rosto, nada lhe diz.

Depois de pausa pequena,
Feita a geral cortezia,
Assentar todos ordena,
Lianor, que assim dizia:
» E pois, irmão! que é isto?!
» Dizei-nos porque voltaes?
» Sempre aqui vós sois bem quisto;
» Grande prazer vós nos daes. »

O Mestre de Aviz.

Voltei, Senhora, pensando
Não ía bem despachado;
A frontaria aceitando,
Não tinha as tropas contado.
A frontaria é mui grossa,
Pessoas tem de valia;
Dai-me gentes com que possa
Deffender a frontaria.

Como se um pêso ingente
Do peito alguem lhes tirasse,
E já livres, de repente
No peito o ar circulasse:
Assim o conde, e a raynha
Ficáram já sem receio;
A razão porque elle vinha
Lhes tira o susto do seio.

A Raynha.

Tanto comvosco eu contára,
Que no mais eu não pensei;
Não digaes que eu sou avara,
Fidalgos, gente escolhei.

O escrivão da puridade
Trouxe o livro dos vassallos,
Para com facilidade
Poder o mestre extrema-los,
Escolheu dentre os melhores
Os que julgou carecia,

Todos fidalgos, senhores,
A' prova de valentia.
Os condes o convidaram
Para com elles comer;
Mas por mais que elles teimaram
Não quiz o mestre ceder.

Se a traição já suspeitava,
Tenções do Andeiro sabia,
No socego que mostrava
O mestre não denuncia.
Com o conde de Barcéllos
Em voz baixa vai falar;
Teme a raynha de vê-los
Em segredo conversar:
Vê então que estam armados
Quantos c'o mestre vieram;
E os do Andeiro desarmados
Da sala desappareceram.
Com ar triste, e supplicante
Para o conde então olhou;
Elle a entende, e n'um instante
Em voz baixa, lhe tornou:
» Descança — não tenhas medo...
» Os meus não podem tardar...
» Demora o mestre, que é cêdo,
» Té que os meus possam voltar. »

Como se uma lembrança
Inopinada, tivera;
E outra fórma de vingança
Muito mais certa escolhera,
Varre a tristeza do rosto,

Pois já não tinha receio,
Antes um intimo gosto
Abriga dentro do seio.
Se o mestre evita o punhal,
Tinha seguros venenos;
Votou á morte o rival:
A fórma, certo, é o menos.

Lianor, os olhos bellos,
Do mestre, não desprendia,
Que, do conde de Barcéllos,
Já por fim se despedia.
Temendo que se partisse,
Sem que os seus voltem primeiro,
Armados já; e que os visse
Em torno do conde Andeiro;
Ao mestre alegre falando,
Fórça o mestre a responder;
Por esta arte procurando
O mestre ali mais deter:
» E' bom costume d'ingrezes,
» Andar, na paz, desarmados;
» Não sei como os portuguezes
» Querem andar sempre armados?!
» Trajam na paz, boa roupa;
» Quaes damas, luvas na mão;
» E nenhum delles se poupa
» Em mostrar que é cortezão:
» Guardam para a guerra a armadura
» Arnezes, cotas de malha,
» E tem a mão tão segura
» Que nunca a espada lhes falha. »

O Mestre de Aviz.

E' mui verdade, Senhora,
O que acabaes de dizer;
Mas elles tem cada hora
Imigos a combater:
Porem nós, pelo contrario,
Sempre em paz, se as não trazemos,
Quando nos fôr necessario,
Por certo que as não soffremos.

Em quanto assim conversavam
Chegam horas de comer,
E os do Andeiro não voltavam
Para com elles descer.
De Barcéllos já o conde
De todos se despediu;
A turbação mal esconde
O Andeiro, quando isto viu.
Então o mestre convida
A comer, inda outra vez,
Pedindo que se decida
Com modo urbano, e cortez.
Porem o mestre regeita,
Dizendo — não aceitar —
E ao mesmo passo que engeita,
Disse-lhe queria falar.
Despidiu-se da raynha,
Toma o conde pela mão,
E com elle assim caminha
Sem mostrar perturbação.

Após o mestre sahiram

Os seus, que o ficam esperando
N'outra sala, em que o viram
Com o Andeiro conversando.
Chegam junto de uma fresta,
O mestre fala de passo,
O conde, ouvidos lhe presta;
Fala o mestre breve espaço.
O que o mestre lhe dizia
Nunca ninguem entendeu,
Nem a tenção que trazia
O conde lhe percebeu.

Com as damas se ficára
Lianor, já sem cuidado;
E livre já respiráva,
Julgando o p'rigo acabado.
Víra o mestre ao conde Andeiro
Com ar tão nobre falar;
Com um ar tão prazenteiro;
Que não tem que arrecear.
Quando um grito, indefinido,
Como um *ai*! pensou ouvir,
Parecia como um gemido,
Que não se pode exprimir.
Logo após se ouve um estrondo,
Que fez no quarto impressão,
D'alguem cahindo redondo,
Parece a bulha no chão.

A RAYNHA.

Ai Jesus! o que sería?!
Ide... breve... já saber...

UMA DAMA.

Alguem será que viria
O seu pranto ora fazer.

Na rua um pagem gritava,
—Fôra o mestre assassinado.—
—Vingança!—o povo bradava,
Pela noticia agitado.

Lianor o brado ouvíra,
Como uma nova de gosto;
E o prazer que sentíra
Bem o mostrava em seu rosto.

A DAMA.

Foi agora assassinado
No paço...

A RAYNHA.

Dizei-me quem?...

A DAMA.

Pelo mestre, o desgraçado,
Mui nobre, conde de Ourem.

Na rua o pagem dizia,
—No paço o mestre matavam—
E o povo irado investia
As portas que se fexavam.

Como ficára a raynha
Ouvindo o pagem, e a dama?!
Sua alma não adivinha;
Receia, e teme quem ama.
Receia, teme, e deseja
Cruel certeza saber;
Tormento igual ha que seja
Ao da incerteza soffrer?!
Como a corça atravessada
Por flexa do caçador,
Corre com força dobrada,
Que a estimula a sua dôr;
E vai direita ao seu ninho,
Antes da vida perder,
Vêr ainda o seu filhinho
Que antes da morte quer ver:
Assim corre, e vai ferida
Pela mortal incerteza
A raynha, combatida
Pelo amor, pela tristeza.
Chega á porta do aposento,
Suffoca o seu coração,
Dá um ai, perde o alento,
Vendo um cadaver no chão.
E, sem sentidos, ouvia
Gritar o povo—*Real!*—
E n'alma lhe retinia,
—*Pollo Mestre, e Portugal!!*—

Alta noute um cavalleiro
Em San-Martinho s'enterra;
Sem epitafio, ou letreiro,
Fria lousa um corpo encerra:

Porem esta sepultura
Lianor conhece bem...
Ali jaz, sua ventura,
Fermoso conde de Ourem..

Não te cances, caminheiro,
Em buscar aquella igreja;
Nem saber do conde Andeiro
A sepultura qual seja:
A igreja... foi demolida;
A campa... foi arrancada;
Casa de Deus... destruida!
Mansão dos mortos... violada!!

FIM.

NOTAS.

O assumpto deste romance é *religiosamente* tirado das cronicas de elrey D. Fernando, e D. João I; e mais largamente das *Memorias da Academia de Historia, para servirem ao reynado deste monarcha.* Escusado é fazer aqui menção dos demais historiadores, que consultei; sendo bastante, para garantir a exactidão do resto, o capitulo V. da cronica de D. João I. edição de 1643, que transcrevo, porque não sendo vulgares as nossas velhas cronicas, nem todos tem meios de consulta-las.

» Ao tempo, que o Mestre chegou ao
» Paço estaua a Raynha em sua camara e
» algũas Donas assentadas cõ ella no estra-

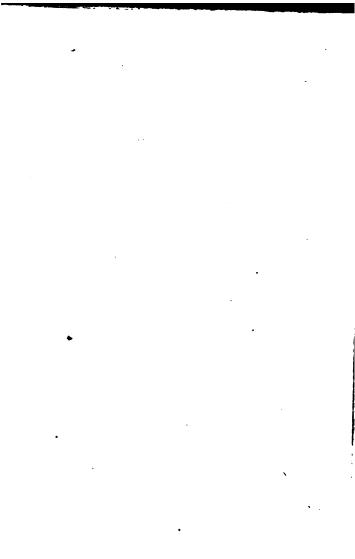
» do, o Conde de Barcellos seu Irmão, & o
» conde Dom Aluaro Pirez de Castro, & Fer-
» nando Antonio de Çamora fidalgo princi-
» pal Castelhano dos que se vierão para el-
» Rei Dom Fernando no tempo das guerras,
» com elRei Dom Henrique, & outros està-
» uão assentados em um banco, & o conde
» Ioão Fernandez, que antes estaua na ca-
» beceira delle, estaua então de giolhos an-
» te a Raynha, fallando manso com ella, &
» estando assi baterão à porta & em o portei-
» ro abrindo, entrou o mestre, & querendo o
» porteiro cerrar aos de sua companhia, dis-
» se que perguntaria a Raynha se entrariaõ,
» porque como a Raynha estaua de luto, &
» não entraua ninguem sem lho ella mandar,
» se não algum senhor, duuidou se lhes abri-
» ria. O Mestre respondeo ao porteiro, que lhe
» has tu de dizer? E em dizendo isto entrou de
» maneira, que entrárão todos com elle. O
» Mestre se foy com muita continencia, &
» pausa para onde estaua a Raynha, & ella se
» leuantou, & os que com ella estauão, & des-
» pois que o Mestre fez sua reuerencia à Ray-
» nha, & cortesia a todos, & elles a elle, mã-
» dou a Raynha, que se assentassem, & dis-
» se ao Mestre. E pois Irmão, que he isto,
» a que tornastes de vosso caminho? O Mes-
» tre respondeo, que tornara porque lhe pa-
» recera que não hia despachado como cũ-
» pria, porque aquella frontaria, que lhe
» assinara era mui grossa, & de pessoas gran-
» des, assi como dos Mestres de S. Tiago,

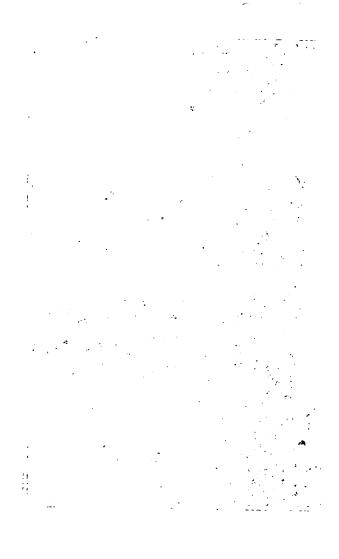
» & de Alcantara, & de outros muitos fidal-
» gos de grande conta, & que os que lhe ella
» assinara, parecião poucos, & por isso tor-
» nara a lhe pedir mais gente, para ir como
» cumpria a sua honra, & seruiço de S. A.
» A Raynha pareceo mui bem o requerimen-
» to do Mestre, & folgara muito de ser aquil-
» lo assi verdade, & não entrar nisso algum
» fingimento. E logo mandou chamar o es-
» criuão da puridade para ver os liuros dos
» uassallos daquella comarca, & se darem ao
» Mestre todos os que quizesse: em quanto
» o escriuão via os liuros, os condes cada um
» por si conuidarão ao Mestre a jantar, &
» o conde Ioão Fernandez com mais instan-
» cia lhe pedia comesse com elle. O Mestre
» se escusou de todos, dizendo que jà tinha
» prestes de comer, porque a isso viera dian-
» te seu Veador. A este tempo disse o Mes-
« tre em vòz baixa ao conde de Barcellos,
» que não ouuio ninguem, que se fosse da-
» li, que queria matar ao conde Ioão Fer-
» nandez, & elle respondeo, que não iria,
» mas estaria ali pera o ajudar: o Mestre lhe
» rogou que todauia se fosse logo, & que o
» esperasse em casa, que tanto que aquel-
» le negocio fosse feito, logo iria comer com
» elle.

» O Conde Ioão Fernandez como sua ho-
» ra era chegada, para se lhe melhor azar a
» morte, & elle ficar mais sò, temendose da
» vinda do Mestre, mandou recado aos seus,
» que se fossem armar, & se viessem à pres-

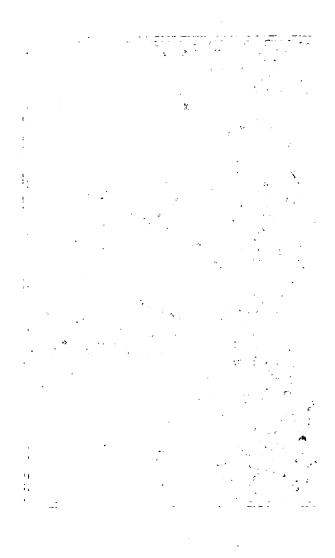
» sa para elle, & logo assi os seus, como os
» fidalgos que o acompanhauão se forão do
» Paço armar, pello que elle se achou sô
» quando morreo. A Raynha tambem como
» tinha o testemunho de sua conciencia contra
» si, pos olho nos do Mestre, & vendoos assi
» armados, não ficou contente de si, & dis-
» se contra o Mestre bom costume he o dos
» Ingrezes, que no tempo da paz não trazẽ
» armas, mas boas roupas, & luuas nas mãos
» como damas, & no tempo da guerra costu-
» mão as armas, & vzão dellas como homẽs,
» & tam valerosamente como a todos he no-
» torio. Senhora (disse o Mestre) he muito
» grande verdade, mas isso fazem elles, por-
» que o mais do tempo tem guerra, & pou-
» cas vezes paz, & podem o muy bem fazer,
» mas a nòs he pollo contrario, porque te-
» mos sempre paz, & poucas vezes guerra, & se
» no tempo da paz não vsarmos as armas
» quando viesse a guerra não as saberiamos
» tratar, nem as poderiamos sofrer, fallan-
» do nisto, & noutras cousas chegarãose as
» horas de comer, & despediose o Conde de
» Barcellos, & os mais a que deu na vonta-
» de, o que se depois fez. Ficando o Conde
» Ioão Fernandez agastauasselhe o coração,
» & tornou a dizer ao Mestre: Senhor vos to-
» davia comei comigo. Não comerei (disse
» o Mestre) que o tenho feito em minha ca-
» sa. Si comereis (disse o Conde) E em quan-
» to vos falais irei eu mandar fazer prestes
» não vades (respondeo o Mestre) que vos ei

» de falar não sei que, antes que me vá, &
» querome logo ir porque são horas de co-
» mer. Entam se despidio o Mestre da Ray-
» nha muito quieto sem mostra de perturba-
» çam algũa, e tomou o Conde polla mão,
» & sairam ambos da camara a hũa grande
» casa, que estaua diante, & os do Mestre
» todos com elle, & Ruy Pereira, & Louren-
» ço Martins mais perto, e chegandose o
» Mestre com o Conde pera junto de hũa
» fresta, sintirão os seus, que o Mestre lhe
» começaua de falar passo, & as palauras fo-
» ram poucas, & que ninguem entendeo, e sẽ-
» do mais tempo de o matar que de o ouuir
» O Mestre tirou hum traçado, & deulhe
» hum golpe polla cabeça, & os que com o
» Mestre estauão, vendo isto, arrancarão
» das espadas pera lhe dar; querendo-se el-
» le acolher á camara da Raynha com aquel-
» la ferida, que não era mortal, Ruy Pe-
» reira meteo nelle hum estoque de armas,
» de que logo cahio em terra morto: os ou-
» tros quizerão darlhe mais feridas, & o Mes-
» tre lho não consintio, & logo mandou a
» Fernão Daluarez Dalmeida, & Lourenço
» Martins, que fossem serrar as portas do
» Paço para que não entrasse ninguem, &
» dissesse ao seu pagem, que fosse à pressa
» pola Cidade bradando, que o matauão.
» Esta morte do Conde aconteceo aos 6. dias
» de Dezẽbro do anno de 1383 sẽdo então
» o Mestre de idade de 25. annos, & entran-
» do nos 26. »

» O estrondo que com a morte do Conde
» se fez soou tão rijo na Camara da Raynha
» que algũs dos de dentro cuidauão que era
» gente vinda ao saimẽto delRei, que fa-
» zião pranto como outros, que vinhão cada
» dia. A Raynha toruada com a volta se le-
» uantou em pè, & mandou saber o que era,
» & sendolhe dito, que era morto o Conde
» João Fernandez ouue grande pauor. »

Cerqueira inv. e lith.

Lith. de A. C. Lemos Trav. do Quintella N.º 1

Duarte d'Almeida.

DEDICADO

A Ill.ma e Ex.ma Snr.a

D. M. H. G. A.

Duarte d'Almeida.

DEDICADO

A Ill.^{ma} E Ex.^{ma} Snr.^{a}

D. M. H. G. A.

DUARTE D'ALMEIDA.

» Feito nunca feito. »
CAM. LUS.

CANTO I.

» Nem a espada, nem a lança
» Posso nas mãos empunhar!...
» Ai de mim! triste lembrança!...
» Nem bandeira tremolar!...»

» Nem bordão de peregrino
» Pode meu corpo arrimar!...
» Nem, o meu pranto contino,
» Tenho mãos para limpar!...
» Luiza! já me esqueceste?...
» Talvez tu ora suspires
» Por outro..! se tal fizeste....
» Coração! ah! não delires....
» Morto já, tu me julgaste,
» E se agora assim me víras,
» Daquelle a quem tanto amaste
» Talvez agora fugíras.
» Talvez nobre cavalleiro
» Poude alcançar tua mão...
» Queira o céo morra eu primeiro,
» Não saiba a tua traição.
» Que eu antes quero da morte
» Ter gelado o coração,
» Do que vêr amor tão forte
» Ter em premio a ingratidão. »

Estas queixas magoadas,
Dentro d'alma, repetia
Cavalleiro, que trazia
Nobres esporas douradas.
Gôrra negra na cabeça,
Negra a côr de seu gibão,
Contrastam com a barba espêssa,
Cabellos, que louros sam:
Pardos olhos scintillantes
Trazem sinais de tristura;
Louros anneis ondeantes,
D'alma, sam, linda moldura.

Gentil corpo estreita um cinto
Da mesma côr do vestido...
» Alferes d'Affonso quinto
» Onde vais? e tão sentido?
» Porque não montas ginête,
» Montas manso palafrem?
» Nem trazes teu capacête,
» Que te ficava tão bem?
» Onde está a tua espada?
» Onde está tua armadura?
» E a bandeira bordada
» Pelas mãos da fermosura?
» Onde estam as lusas quinas
» Que na lança tremolavas,
» Quando as hostes Affonsinas
» Em torno dellas juntavas?
» Onde estam? que é feito dellas?
» Estam em poder do inimigo?
» Não podeste deffende-las!!
» E inda não estás no jazigo?!

Roucas vozes lhe bradava,
Como remorso, a afflicção,
E pensando que apertava
A já mutilada mão,
Dores agudas sentia,
Dores porem qne elle presava,
De haver feito o que devia,
Aquella dor o lembrava;
Que as nobres mãos decepadas
Em quanto vida tiveram,
Das Castelhanas espadas,
Nunca a victoria temeram;

Antes a morte acenaram.
Em cada golpe certeiro,
A'quelles que disputaram
A bandeira ao cavalleiro.
Mas que póde a valentia
Quando as armas nos falecem?
Porem valor lhe crescia,
Quantos mais p'rigos lhe crescem.
Cercado por toda a parte
Sua espada se partiu,
Por guardar seu estandarte,
D'arma o estandarte serviu:
A dextra mão jaz por terra,
O seu guante a não guardou;
O pendão na sextra afferra,
E a mão perdidà vingou:
Outro golpe lhe separa
A sextra mão, que segura
A bandeira, que jurára
Conservar intacta, e pura:
Nem assim perde a bandeira,
N'hastêa dura os dentes crava,
Quando lança traiçoeira
Seu ginete lhe prostrava:
Cahe no chão o cavalleiro
Sem vida, quasi expirando,
E ficou prisioneiro
D'illustre rey Dom Fernando.
Mas a bandeira regada
Pelo sangue portuguez,
Por Gonçal' Pires livrada,
Breve foi, logo, outra vez.
D'Almeida nobre Duarte,

Alferes d'Affonso quinto,
Ninguem pode disputar-te
O teu valor tão distincto.
Gonçal' Pires mais ditoso
A bandeira resgatou,
Digno premio teve honroso
Da Bandeira se chamou;
Porem tu, ó *Decepado* !
Que digno premio tiveste?
Por valor tão extremado,
Patria ingrata, que lhe deste?
Dous annos 'steve esquecido
Pelas prisões de Castella...
Tinha a patria bem servido,
Olvidou-o — a paga é bella! —
O mesquinho *trovador*
Mal póde pagar por ella,
Dando ao nobre lidador,
Humilde, murcha, capella.

Não traz comsigo escudeiro,
Um pagem só traz comsigo,
Que no longo cativeiro
Foi mais que pagem — amigo —
E foi quem de suas f'ridas
Nobre sangue lhe estancou,
Suas esp'ranças perdidas,
F'ridas d'alma lhe curou:
Era elle que o vestía,
Era elle que o calçava,
Que o infeliz não podia,
Mãos, e tacto lhe faltava.
Servir nobres cavalleiros

Era dos nobres dever,
No serviço dos guerreiros
Iam noveis aprender.

Alta serra do Mezío,
Calados, atravessavam.
Era ali intenso o frio,
No rigor do inverno estavam:
Densas camadas de gêlo
No caminho se formaram,
Attrever-se a commette-lo
Loucura todos julgaram.
Quem póde ao saudoso amante
As tenções contrariar,
Quando ancioso, e delirante
As saudades quer matar?
Da serra ao cabo chegaram,
D'Aguiar negro castello
Altas torres avistaram,
Sobre escalvado covêllo.
Mal a vista discrimina,
As ameias, barbacan,
E já o amante imagina
Vêr fermosa castellan.

Um suspiro comprimido
No peito do cavalleiro,
Ou antes como um gemido
Em o transe derradeiro,
Que assomou aos beiços d'alma
No momento de partir
P'ra gosar dos céos a palma,
E já o não poude exprimir.

Um suspiro comprimido
Até-li, e que morrêra
Em seu peito ressequido
Quando o castello apparecêra...
Ao vêr o nobre castello
Onde habita a sua amada,
Onde jurou recêbe-lo
Após a guerra acabada,
Exhalou tão magoado,
E de magoa tão sentida,
E de prazer misturado,
Que sentiu alma partida.
Como em sinal de tristeza
A cabeça meneou,
Porque a esperança, e a incerteza
Dentro d'alma lhe luctou.
Seu pagem bem percebeu,
Aquella muda expressão,
Que em seus turvos olhos leu,
Combates do coração.

PAGEM.

Para que, Senhor Alferes,
Tanta dôr, tanta tristura?!
Tua vida passar queres
Sempre em dor, em amargura?!
Vais achar na tua amada,
Puro amor, fiel ternura,
Das saudades descorada
Terá maior fermosura:
Tu verás dom cavalleiro
Nos seus olhos a candura;

E o amor verdadeiro
Do seu gesto na brandura:
Que o amor contrariado,
Pela ausencia mais se apura,
E se o amante é desgraçado,
Dar-lhe conforto é doçura:
Tu verás como a teus braços
Correrá... como procura
Em os seus ternos abraços
Dar-te d'amor sepultura:
Vam cessar os teus pezares,
Vai raiar tua ventura,
Vais ouvir ante os altares,
D'eterno amor, terna jura.

ALFERES.

Quem sabe? talvez perjura
Olvidasse o meu amor...
Baixarei á sepultura
Se ingrata, ella me fôr.

Outro suspiro do seio
A seu despeito sahiu;
Amor, ciume, e receio
Aquelle suspiro exprimiu.
Muito tempo caminharam
Té que o dia se findou,
Do castello ao pé chegaram,
Que a ponte já levantou.
Tudo parece dormindo
Do castello em derredôr,
E a neve está cahindo,

Sopra o norte com furor.
O pagem estava tranzido,
Seu corpo treme gelado,
Nem o aquece o seu vestido
De neve todo passado.
Ia a falar, mas calou-se:
Pobre donzel, tinha frio...
Era nobre, envergonhou-se,
O queixar-se é não ter brio.

O Alferes conheceu
Do pagem muda expressão,
Para a sinêta correu,
Como quem diz » tens razão »
Que é uso do peregrino
Quando pede gasalhado,
Dar sinal naquelle sino,
Adrêde ali collocado.
Nem ha nenhum castellão
Que ouse negar a pousada,
Quando a pede algum christão
Em noute fria, e gelada.
A sinêta hospitaleira
Nobre Alferes quer tocar,
Não tem mãos, é vã canceira!
Não tem mãos! triste lembrar.

ALFERES.

Fernão Telles, nem sequer
Posso tocar este sino!
Nada já posso fazer!
Ai de mim! cruel destino!

Tão veloz como a gazélla
Pelos mastins perseguida,
Corrêu o pagem tange-la,
Ouviu a véla a garrida.
D'altas ameias da torre
Uma voz bradou » *Por quem?* »
Esta voz retumba, e morre
Pelas montanhas d'alem.

ALFERES.

D'Aguiar pola Senhora,
Castellã deste castello,
A pedir asilo agora
Nos obriga a noute, o gêlo.

Ferreos gonzos, e correntes
D'alta ponte se abaixaram,
Foram as portas patentes,
Dous guerreiros as passaram:
O Alferes, e seu pagem
Com cuidado examinaram,
Vinham de paz, e viagem,
Passar a ponte os deixaram.
Apenas os caminheiros
Alto fosso transpozeram,
Logo a ponte alguns bésteiros
Nas correntes suspenderam.
Ante o Alcaide sam levados
Para dizerem quem sam,
E por elle perguntados
Donde vem, para onde vam.

ALCAIDE.

Nas esporas que trazeis
Vejo que sois cavalleiro,
Ordenai, Senhor: que quereis,
E vosso nobre escudeiro?

ALFERES.

Só vos peço gasalhado
Para mim, para meu pagem,
A'manhã, após sol nado,
Seguirei minha viagem.
A' dona deste castello
Tambem quizéra falar
(Seu lindo rosto, tão bello,
Minha sentença vai dar.)

O Alcaide não ouviu
O final da expressão,
Dentro d'alma a repetiu,
Com receio, o coração.

ALCAIDE.

Eu darei vosso recado
A' Senhora d'Aguiar,
E sereis afortunado
Se ella vos quizer falar.
Raras vezes do aposento,
Ha dous annos, quer sahir,
A causa do seu tormento
Ninguem poude descobrir.

Tem vindo nobres senhores,
Ricos-homens, infanções,
Mas despreza os seus amores,
E não quer os seus brazões.
Até d'elrey um valído,
Cartas reaes alcançou,
Tambem não foi attendido,
Nem ao menos lhe falou.
Corre por certo que outr'ora
Amou nobre cavalleiro,
Cuja morte chora agora,
E que julgou prisioneiro:
Doce esp'rança alimentava,
Parece agora a perdeu,
Sua esp'rança a confortava,
Seu conforto feneceu.
A'manhã expira o prazo
Do tempo do seu encêrro,
Traja sempre escuro vazo,
Vive aqui como em destêrro.
Não ousam suas donzellas
Suas magoas distrahir,
Nem grinaldas, nem capéllas,
Nem gálas sohem vestir.
Tudo respira tristeza.
Todos respeitam seu pranto,
Té parece a natureza
Trajar aqui negro manto.
Qual seja sua intenção
Ninguem o soube até-gora,
Segredos do coração
Não os diz... mas triste chora.
Pena é que, tão fermosa,

Ella não seja feliz,
Mer'cia ser tão ditosa
Quanto ha sido infeliz.

Quem podesse vêr o rosto
Do Alferes, bem veria
Transluzir prazer, e gosto,
E d'alma toda a alegria.
Como quem de sobre o peito
Pesada barra tirou,
Pesada barra a que affeito
Seu corpo, e alma avergou:
Como livre da tortura
Que tantos tratos lhe dava,
Desterra d'alma a tristura,
Tristura que o definhava.
As magoas da sua amada,
Amor, constancia, as causou;
E se foi tão desgraçada,
Por causa delle penou:
Que nessas magoas que vemos
Por nossa causa soffrer,
Consolação recebemos,
Sentimos doce prazer.

Nobre aposento lhe deram
Boa cêa, e gasalhado,
Vasto fogão acenderam
Pr'a aquecer corpo gelado.
Fernão Telles, seu donzel,
O seu prazer reflectia,
Amigo, pagem fiel,
Gosto e dôr como elle sentia.

Ao cavalleiro um momento
Tendo mudo contemplado
Disse assim » O teu tormento
» Não dás por bem empregado? »

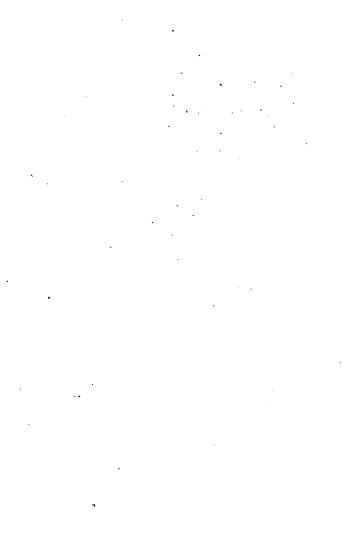
ALFERES.

Sou tão feliz que receio
Isto não seja illusão,
E não sei dentro do seio
Que me agoura o coração.

Densa nuvem de tristura
Lh' encobre o sol d'alegria,
Teme perder a ventura,
Mas o porque? não sabia.
Pouco a pouco a voraz chamma
Secos lenhos consumiu,
Deitou-se o pagem na cama,
Alferes não se despiu;
Mas seus membros fatigados
Não podiam resistir
Ao somno, que seus cuidados
Fazem dos olhos fugir.

Um brandão allumiava
Com baça luz o aposento,
Chamma incerta vacillava
Da guisa que sopra o vento.
Qual visão d'horriveis sonhos
Sombras da luz se afiguram;
Fantasmas negros, medonhos,
Palavras tristes murmuram.

Quasi mão misteriosa
Veio o brandão apagar,
Era negra mariposa
Que ali se veio queimar:
Rouco som partiu d'um 'scudo
(Mas sem ninguem o ferir)
Silencio, trevas é tudo
Quando começa a dormir.

FIM DO CANTO I.

DUARTE D'ALMEIDA.

Tu só, tu puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga
Déste causa á molesta morte sua
Como se fôra perfida inimiga.

CAM. LUS.

CANTO II.

Em teu camarim, forrado
De ricas tapeçarias,
Em teu leito de brocado,
Luiza! tu não dormias...
Nem sequer pequeno instante

Doce repouso gosavas,
Pensando no teu amante,
Que morto já reputavas:
Negros olhos tão fermosos
Como as estrellas dos céos,
Ao céo volvias chorosos
Por entre suspiros teus:
Negras tranças desatadas,
Em negros anneis cahindo
Pelas faces descoradas,
E sobre o collo tão lindo!
Niveas mãos ao seio apertas,
Ao seio que é d'assucenas,
No que fazes não acertas,
Tantas sam as tuas penas...
Chegas ao pé da janella,
Que é de goda architectura,
Encostada aos frizos della,
Pareces linda escultura!

Era a noute de luar,
E tão clara como o dia,
Cessou norte de soprar,
A neve já não cahia:
Olhos tristes dilatando
Pelas campinas geladas,
Como quem'stá recordando
As venturas já passadas:
Como quem da vida o gosto
Por desgostos viu trocar,
E que seu bem só tem posto
Nesse gosto recordar:
Como quem remota'sp'rança

Para sempre vê perdida,
E as magoas traz á lembrança
Que a magoa faz mais crescida:
Como quem vai despedir-se
Da derradeira illusão,
Em que poude amor nutrir-se
Dentro do seu coração...
Como o cisne que, nas agoas,
Em seu dia derradeiro;
Com doce voz, suas magoas,
Ao morrer, canta primeiro:
Seu alaúde afinando,
Alaúde tão presado,
Que, por quem'stá suspirando,
Em presente lhe foi dado:
Alaúde em que sohía
Ternas canções modular,
Ultima vez neste dia,
Triste dia! quer tocar:
Hoje vai para um convento
Tomar o véo de professa;
Cumprir vai seu juramento
No dia que ora começa:
Os dous annos já passaram,
Sem voltar o seu amante,
Cartas suas não chegaram,
Ou morreu... ou inconstante...
Outra dama preferiu...
Outra dama!... não devia,
Pois quando se despediu
Eterno amor promettia.
E d'esta arte as suas queixas,
Em triste voz descantava,

Nas ternissimas endeixas
Qu'alaúde acompanhava.

CANÇÃO.

» Já dous annos se findaram,
» Nobre Alferes não voltou,
» Nem cartas suas chegaram,
» Sim, morreu — não me olvidou.

» Foi na batalha de Toro
» Que a liberdade perdeu,
» Inuteis prantos eu choro,
» Prisioneiro pereceu.

» Suas armas penduradas
» De Toledo na matriz,
» De mil golpes traspassadas,
» Attestam morte... infeliz!

» As manoplas não guardaram
» As mãos fieis, tão valentes,
» Cortadas dentro ficaram,
» No altar lá estam pendentes...

» Hastea de lança quebrada,
« Hastea que foi da bandeira,
« N'uma das mãos está cerrada;
» Seu elmo não tem viseira:

» Sua espada está partida,
» Seu broquel todo quebrado,
» Saia de malha rompida,

» Seu arnez todo crivado...

» Tudo prova, e com certeza,
» Qu'era impossivel viver.
» Mal haja minha fraqueza
» Que o não pude deffender....

» Se ao lado d'elle estivesse,
» Fôra igual a minha sorte...
» Vencêra, se elle vencesse,
» Fôra commum nossa morte...

» Que eu lhe tinha consagrado
» Um culto como divino;
» Era um idolo sagrado
» Que me roubou o destino...

» Era um idolo querido,
» Feito de barro... quebrou-se;
« Por mão potente ferido,
» O seu altar derribou-se...

» Seu altar era o meu peito,
» Sacerdote o coração,
» O seu culto o meu affeito,
» Que a morte lançou no chão.

» Fria lousa d'um convento
» Será minha sepultura,
» Encerrará meu tormento
» Dos mortos mansão escura:

» Meus amargurados dias

» Vou consagrar ao Senhor,
» Que de minhas agonias
» Tem visto todo o rigor:

» Deus será compadecido,
» Breve a morte me dará,
» Tanto já tenho soffrido...
» Pouco posso viver já...

» Adeus serra do Mizio!
» Adeus val de Villa Pouca!
» Adeus castello sombrio!
» Minha voz ouvi já rouca!...

» Ultima vez meus lamentos
» Teus echos retumbarão,
» Que em um claustro, meus tormentos,
» Breve os céos acabarão. »

N'isto seus olhos fermosos
Brotaram fios de pranto,
E seus dedos tão mimosos
Pararam, como de encanto;
Por que sino hospitaleiro
Nesse instante ouviu tocar:
— Quem será o caminheiro? —
» *Por quem?!* » logo ouviu bradar.
A'quella voz da vigía
Resposta não percebeu;
Ouviu sons que, a melodia,
Parecia tinham do céo.
Como riso de ventura
Aos seus labios lh'assomou;

D'elle a voz se lhe afigura,
— D'elle? não: que se finou. —
Este horrivel desengano
Lhe deu alma ao coração,
Ella julgou ser engano...
Não se engana o peito, não.
A sensação que um momento
Quasi a fizéra ditosa,
Dissipou-se, e o cru tormento
Recresceu á desditosa.

A manhã alvorecia
Já nas serras d'Alfarella,
E a triste sorprehendia
Inda encostada á janella:
Suas ayas a encontraram
Ao alaúde abraçada,
Que os seus olhos se fecharam,
Talvez de chorar cançada.

Nos lavrados alizares,
Lagrimas que derramou,
Em aljofres singulares
Frio gêlo transformou:
Lagrimas da fermosura,
Que fogo d'amor gerára,
Sam do amante á sepultura
Oblação triste, mas cara:
Este holocausto d'amor
Fria noute fez gelar,
Assim da sorte o rigor
Fogo em gêlo sohe mudar:

Que o gêlo da fria morte
Respeitos não sabe ter,
Tudo nivéla d'um córte,
Tudo géla, e faz morrer:
Só do trovador a chamma
Ella não pode apagar,
Nem seu amor, quando elle ama,
Pode em gêlo coalhar:
Pode o seu corpo mirrado
Esfriar na sepultura,
Mas seu amor sublimado
E' eterno, eterno dura:
Que o amor, que á sua lyra
Ternas canções inspirou,
Aquella, por quem suspira,
Da lei da morte isentou.

Ao som da campa tangida *
A nobre dama acordára,
D'um sonho a illusão perdida
Novo pesar lhe deixára.
» Triste acordar é por certo
» Ao rouco som d'este sino,
» Fatal momento está perto,
» Vai-se cumprir meu destino. »

Já os sinos da capella
Dobram signaes dos finados,
Negro é todo o ornato d'ella,
De negro altares ornados:
Uma éça alevantada

* Campa tangida e o dobrar dos finados. (Vide o Elucidario de Fr. Joaquim de Santa Rosa.)

'Sta em meio do cruzeiro,
E' no cimo rematada
Por armas de um cavalleiro:
Renque de pallidos cirios
Ao longo estam do ataúde,
Em que pintou seus martyrios
Linda mão de artista rude:
Uma cifra entrelaçada
Tem um D, um A, um L,
E' de ciprestes orlada
Sobre partido broquel:
'Stam dous guantes do outro lado
Pegando n'uma bandeira,
E um Alferes mutilado
Sem mãos, arnez, sem viseira:
Este emblema cercam louros,
Com este mote ao redor:
» *Nem presentes, nem vindouros*
» *Igualam o seu valor.* »

Agro prazer de tristeza
Taes emblemas inventou,
E foi a mão da belleza
Que taes cifras debuxou:
Esse peso que no peito
Sentimos como esmagar-nos,
Quando das leis o respeito
Nos ordena de calar-nos;
Essa dôr reconcentrada
Sem caber no coração;
Essa magoa suffocada
Mais nos augmenta a afflicção;
Mas se um ai póde exprimi-la,

Quando podemos dize-la,
E' quasi prazer senti-la,
Como foi gloria soffre-la:
Que é prazer essa amargura,
Esse carpido penar,
Té o chorar tem doçura,
Faz-nos bem o suspirar.

Quer antes d'ir encerrar-se,
Para sempre n'um mosteiro,
E do mundo separar-se,
Fazer-lhe as preces primeiro:
Santos officios divinos,
Por alma do seu amante,
Annunciam roucos sinos
Em triste voz dissonante:
Ao depois d'elles rezados,
Seu castello vaî deixar,
Seus bens em pios legados,
Por sua alma quer legar:
Aos na guerra prisioneiros
Manda pagar o resgate,
Institue seus herdeiros
Mutilados no combáte.
E' doce consolação
Fazer feliz o que chora:
Esta a crença do Christão,
Crença tão consoladora!
Em o seu tranze de morte
O christão espera ainda,
No céo terá melhor sorte,
Seu pesar na campa finda.

Do castello os moradores
A' capella concorreram,
Da castellã os amores,
Intenção, todos souberam:
Todos lamentam seu fado,
Todos receiam perdê-la,
E pranto desentoado
Resoa pela capella.
Nobre dama caridosa
Seus vassallos vai deixar,
Era qual mãe carinhosa,
Seus filhos vê a chorar:
Choram a sua orfandade,
Deploram o seu destino;
Choram d'amor, e saudade
O velho, o moço, o menino.

Essas lagrimas que via
Regar o chão da capella,
Essas vozes que ella ouvia
Carpindo todas por ella;
Como que mais aggravavam
D'alma sua a dôr pungente,
Eram setas que encravavam
Dentro d'alma da innocente.

Esse espaço que medêa
Entre o mundo e a profissão,
Ao transpôr, treme, recêa,
Recúa seu coração...
Mas no altar o monge a 'spera
Co'a dalmatica vestida,
Inda esp'rar ella quizera,

E tinha a esp'rança perdida!
Atraz de si o que deixa?
Deixa um mundo sem valia;
E já cortada a madeixa,
Na éça ella a prendia.

Quer andar, vacilla o passo,
Cahe aos pés do monge santo;
Franqueou tremendo espaço,
Já recebeu sacro manto.
Dando um suspiro profundo,
Proferiu o juramento,
Abnegou p'ra sempre o mundo;
Resôa o triste *memento*:
Quando um pagem vem correndo
Bradando—*elle não morreu*! »
Já Luiza o voto horrendo
Fez a Deus, que o recebeu.
Estes brados retumbaram
Dentro d'alma da donzella,
Os seus olhos se offuscaram,
Corre o pagem soccorrê-la.

Todos, todos, se arredaram
Que entra Alferes na capella,
E os seus braços apertaram
Junto ao peito a amada bella.

Alferes.

Luiza! eu não morri,
E vivo só para ti;
Se entre ferros eu vivi,

Tudo com prazer soffri,
Por que alfim teus olhos vi,
Que choravam só por mi;
E as finezas que mer'ci,
Ingrato, não esqueci.

LUIZA.

Vive, nobre cavalleiro,
Vive tu que eu já vivi,
E sê tu fiel herdeiro
D'este amor, por que eu morri:
De ser freira n'um mosteiro
Juramento proferi:
Adeus, nobre cavalleiro,
Vive tu, que eu já morri.

ALFERES.

Não pode o céo usurpar-me
Os direitos que adquiri,
No momento d'ausentar-me
A tua fé recebi;
Nem pode elle disputar-me
O amor que tenho por ti,
Se elle quiz vida guardar-me,
E trazer-me agora aqui,
Foi para recompensar-me
Das penas que já soffri.

LUIZA.

Vive nobre cavalleiro,

Vive tu, que eu já vivi:
Adeus nobre cavalleiro,
Vive tu, mas pensa em mi;
O meu dia derradeiro
Bemdigo porque te vi;
Adeus, caro cavalleiro,
Vive tu, que eu ja morri...

Cahiu no chão desmaiada,
Contra a éça foi bater,
Fere a fronte delicada,
Junto á éça foi morrer.
Seu amante desditoso,
Mais desgraçado — viveu —
Mas o seu fim lastimoso
Nunca ninguem conheceu.

FIM.

NOTAS.

Como o meu fim principal seja fazer popular a nossa historia, justo, e necessario é que diga alguma cousa, para que meus leitores possam ficar scientes da epoca, em que a acção deste romance teve lugar, e das causas que deram origem á memoravel batalha de Touro, em que Duarte d'Almeida ganhou com tanta gloria o cognome de — *Decepado* — perdendo ambas as mãos na deffeza da bandeira Real, que D. Affonso V. lhe havia confiado.

A infanta D. Joanna, irmã de D. Affonso V. tinha casado com D. Henrique IV. de Castella, a quem chamaram o *Impotente*: deste matrimonio nascêra a princeza D. Joanna,

a quem pelas leis do reyno, pelo direito commum, pelo testamento de seu pai, e pelo juramento dos estados da nação, pertencia a corôa de Castélla, e de Leão. A infanta D. Izabel, irmã de Henrique o IV. casada com Fernando, filho do rey de Aragão, e já nessa epoca rey de Sicilia, disputava a sua sobrinha, a princeza D. Joanna, o direito á corôa de Castella, com o fundamento de que a princeza era filha adulterina, não filha de Henrique o IV. seu irmão, mas de Beltrão de la Cuéva, pagem da raynha D. Joanna, cuja conducta, pouco regrada, dava lugar a que se julgassem verdadeiros os boatos que D. Izabel fazia circular em seu manifesto, e protestações contra aquella que dizia usurpar-lhe os seus direitos.

O genio fraco, e tímido de Henrique o IV. dava azo a que o partido de D. Izabel crescesse, engrossando cada dia mais, com a maior, e melhor parte das provincias, cidades, fortalezas, e pessoas principaes do clero, e da nobreza que por ella se declaravam.

Querendo pois D. Henrique deixar a sua filha um protector que a deffendesse contra D. Izabel, ordenou seu testamento, e nelle pedia a seu cunhado o rey D. Affonso V. de Portugal, que desposasse a princeza D. Joanna, sua filha; tentando-o assim, com a promessa de mais uma corôa, a sustentar os direitos disputados de sua filha, ainda então menor.

Morto o rey de Castella, e sabendo o rey de Portugal da clausula do seu testamento, convocou, em Extremôz, o seu conselho, o qual foi de parecer que não acceitasse herança litigiosa. Nada porem foi capaz de dissuadir D. Affonso o V. de acceitar a proposta aventurosa de um reyno; e logo fez saber a sua resolução aos partidarios de D. Joanna: isto em Janeiro de 1475. A' infanta D. Izabel, raynha de Sicilia, pertendente á corôa, dirigiu o seu manifesto, declarando-lhe, e a seu marido, que estava determinado a deffender os direitos de sua sobrinha, e futura esposa; e pouco tardou que, não obstante a sua tenra idade, a desposasse em Placencia; esperando todavia pela dispensa de Roma, e pela idade para se juntar com ella.

Neste estado de cousas, era inevitavel a guerra, que com effeito se declarou, e começou com varios successos, até que no dia 2 de Março 1476 se deu a terrivel batalha de Touro, ficando senhor do campo o principe de Portugal, que depois foi D. João o II. do nome, e com todo o fructo da batalha D. Izabel, e D. Fernando, que dalli em diante ficaram de posse do reino, em prejuizo de Portugal, e da infeliz princeza D. Joanna, a quem depois chamaram a — *excellente Senhora* — cuja historia fará objecto de uma das scenas da historia portugueza, que com outras pertendo publicar, em prosa, como genero mais comesinho.

O assumpto deste romance — *Duarte*

d'Almeida — é tirado de nossas cronicas, cojos extractos transcrevo para mais cabal conhecimento dos leitores que as não tem á mão.

Garcia de Resende — *Cronica dos valerosos e insignes feitos delRei D. João II* — a fol. 6 ỷ. da edição de 1622, diz assim:

» E com muito grande animo, & recado recolheo assi sua bandeira, & a bandeira Real
» de elRey seu pay: a qual lha trouxe um
» escudeiro, que se chamaua Gonçalo Pirez,
» criado de Gonçalo Vaz Pinto, que por
» força como homem esforçado ha tomou a
» hũ Souto mayor castelhano, que a leuaua
» & ho prendeo, a qual bandeira nunca poderam tomar das mãos de Duarte Dalmei-
» da Alferez sem lhas primeiro deceparem, &
» darem outras muitas feridas no rostro, &
» no corpo, até o deixarem por morto, &
» viueo & fez alli como valente, & muy esfor-
» çado caualleiro. »

Duarte Nunes de Leão — *Cronica, & vida DelRey D. Affonso o V.* pag. 216, da edição de 1643, diz assim:

» Alli se trauou hũa braua, & cruel batalha, mas em fim a força dos encuber-
» tados Castelhanos foy tanta, por serẽ elles
» muitos, que os Portuguezes se começarão
» a desordenar de modo, que desempararão
» a bandeira Real, sobre a qual carregarão
» tantas lanças, & espadas, querendo cada
» hum ser o que a tomasse, que parece que
» chouião sobre o Alferes Duarte de Almei-
» da, o qual a defendeo de maneira, que

» mais honra ganhou em lha tomarem, do
« que ganhara, se a elle tomara aos inimi-
» gos: porque não lha podendo arrancar das
» mãos, lhe deceparam hũa dellas, & corta-
» da aquella, a sostentou com a outra, &
» ainda ferido mal naquella outra, com os
» cotos, & com os dentes a defendeo, como
» se escreve por façanha de Cinigero Athe-
» nense, que defendeo a Nao.»

» De seu grande esforço forão testemunhas
» as muitas feridas de lança & espada, com
» que lhe aburacarão todo o corpo, porque
» mostrou que não lhe podião tirar a ban-
» deira das mãos, senão quando já não ti-
» nha mãos. Por este honrado feito não le-
» uou Duarte de Almeida mais galardão,
» ao costume da terra, que aos mòres ser-
» viços paga menos, que viuer mais pobre
» do que viuia antes, que perdesse as mãos,
» & ganhasse tão honrado nome. E em Cas-
» tella se estimou tanto sua pessoa, que as
» armas de que o despojarão, mandou El
» Rey Dom Fernãdo pendurar, como tro-
» pheo, na Capella dos Reys da Igreja mayor
» de Toledo, onde hoje em dia estão. E em
» Çamora, aonde foy leuado prezo, se lhe
» fez per seus inimigos mais honra do que
» se lhe fez despois em sua patria per seus
» naturaes.»

Actualmente possue, e representa a casa de Duarte de Almeida a Ex.ma Snr.a Marqueza de Penalva, D. Eugenia de Almeida; delle descendem tambem a Ex.ma Snr.a D.

Maria Emilia de Oliveira, e muitas outras familias illustres de Portugal, e Hespanha: sendo Duarte de Almeida tronco dos *Almeidas por quem sempre o Tejo chora*, dos quaes fala Camões nos seus Lusiadas.

Fernão R. Pereira.

DEDICADO

Á Ill.^{ma} E Ex.^{ma} Snr.^{a}

D. S. C.

Cerqueira inv. e lith.

Lith. de A. C. Lemos, Largo da Quintella N.º 1.

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA.

. . . . Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano
Fuge, que o vento e o Céo te favorece;
. . . .
E outro Rei mais amigo n'outra parte
Onde podes seguro agasalhar-te.

CAM. LUS.

CANTO I.

Por as terras da fronteira
Caminhava um peregrino;
Traz na capa uma vieira *
Gasta já do usar contino;

* Conxa, que servia de copo, e distinctivo ao romeiro.

Traz o bordão, e as contas,
Traz nos pés umas sandalhas,
Seu barrete não tem pontas,
O seu gibão sam mortalhas:
Um cordão de rijo esparto
Cinge o corpo estreitamente,
Seu par'cer, de magoas farto,
Mostra as magoas que alma sente:
Suas barbas sam grisalhas,
Seu cabello é todo cam,
Nem tezouras, ou navalhas,
De ha muito, sabe o que sam:
Seu olhar scintilla fragoas;
Fogo ardente, abrasador,
Que devora as turvas agoas,
Que dos olhos vem á flor:
Seu ademan é tão nobre,
Bem composto o seu andar,
Que não parece de pobre,
Mas é de pobre o trajar:
Vem das terras de Castella;
A que vem, elle não diz;
Romeiro de Compostella,
Portuguez, mas infeliz.
Sempre vem buscando as serras,
Foge sempre o povoado,
E d'Alem-tejo nas terras
Já entrou o desgraçado:
Bem desgraçado é por certo,
Quem faz igual romaria,
De p'rigos cercado, e perto,
Só, calado, noute, e dia.

Era verão, horas de sésta,
Quando em meio d'alto monte,
Na clareira da flotésta,
Encontrou propicia fonte;
A sua alma extasiou-se;
Tinha sêde o caminheiro;
Sobre as agoas debruçou-se;
Não bebeu — rezou primeiro;
Um livro de sobre o peito,
Seu altar, altar sagrado,
Tira, e beja com respeito;
Abre em um lugar marcado:
Ergue ao céo os olhos turvos,
Lê depois no livro santo;
Tremem seus giolhos curvos,
Seus olhos inunda o pranto.
Ao depois, pela vieira,
Com prazer, agoa bebeu,
De peregrino á maneira;
E cançado adormeceu.

Um espião ali fôra
Para matar a secura,
Que no verão, e áquella hora,
Em taes montes mal se atura:
Ali vê o peregrino
A dormir, junto da fonte,
Enxerga o livro divino,
Seu ar nobre, sua fronte;
Sinaes trazia sabidos,
Mas não sam os de quem busca,
Tem este os pellos crescidos,
Sua barba é densa, e fusca.

» Não é este o que procuro,
» Não sam estes seus sinaes;
» Não dormira aqui seguro,
» A est'hora, em trajes taes. »
Isto disse; e já vai longe,
Já bem longe o espião;
» Elle não parece monge,
» E' um fingido ermitão. »
Isto pensa; e atras voltando,
Chega ao pé do peregrino,
Toma o livro, e lê, *Fernando*,
No broxe de prata fino.
Vai chamar a gente armada;
Faz cercar aquel'lugar,
Não ha sahida, ou entrada,
Que não faça bem guardar.

Com as horas do descanço
Tem conforto a humanidade,
Do innocente o somno é manso,
Não receia adversidade;
Mas o somno do perverso
Não dá tregoa ao coração,
Dorme em paz o universo,
Não dorme a sua alma, não:
O remorso a dilacéra
Com seus espinhos agudos,
D'alma a dor calar quizéra,
Os seus ais continuos, mudos;
E não pode um só momento,
Um momento descançar,
Dentro em sí tem o tormento,
Só com elle ha de acabar:

Nem com elle, que alem da morte
Outra vida ha de haver;
Que ha um Deus que é justo, e forte
Pode alguem desconhecer?
Ao infeliz que no mundo
Soffreu magoas, soffreu dor,
Dará em paga um profundo
Abismo, cheio de horror?
E o potente que sorria
Dessa dôr do desgraçado,
No mesmo abysmo sería
Cinza só, em pó tornado?
O socêgo da innocencia,
E' do céo reflexo augusto,
Os gritos da consciencia
Sam temor de um Deus que é justo.

Já o romeiro acordou:
Olha em torno — o livro encontra;
Outra vez inda o beijou,
Inda ao seio o leva contra.
Ao acaso (se o acaso
Tem poder, certo não tem;
Se o tivera, alheio vaso
Homem fôra, ao mal, ao bem.)
Abre o livro consagrado
A' obra da redempção,
Pela voz de um Deus dictado,
Escrito por sacra mão:
Era um livro do Profeta,
— O livro de Jeremias —
Era o sagrado poeta,
O cantor das agonias,

Dos tormentos, desventuras
Dos cativos d'Israel;
Emblema das amarguras
Que elle soffreu — sempre fiel —
E seus olhos soletraram
O que lia o coração,
Aviso que os céos mandaram
D'Israel á geração:
E assim lêu » Fugi, fugi;
» P'rigo à vida tendes perto;
» E sereis longe daqui
» Tamargueira no deserto. » *

Um tropel de gente armada,
Como que ao longe sentiu;
Não tem lança, não tem espada;
Que idêa triste o feriu!
» Desarmado o cavalleiro
» Nunca poude combater;
» Agora sou um romeiro,
» Ninguem me deve offender:
» Mas o que segredo tenho,
» Certo, ninguem saberá;
» Nem conhecer a que venho
» Força d'homem poderá. »
Isto diz, tira do seio
Cartas que traz escondidas;
Rasga-las? não: tem receio,
Sam as letras conhecidas;
Facilmente se poderam
Os bocados ajuntar;

* Jeremias, cap. 48, vers. 6. Edição de Londres — 1819.

Os segredos se souberam;
Segredo jurou guardar.
Queima-las! como? não tem
Fogo ali: elles vem perto,
Alguns já distingue bem;
Prendê-lo querem por certo.
Quem ha hi, que não sentisse
Esse estado de sorpreza,
Quando colhido se visse,
Sem ter armas, sem deffeza?
E por si já não receia,
Nada lhe pode valer;
Mas não perde a nobre idêa
D'alguem caro deffender...
Quem ha hi, que não conheça
O que o romeiro soffria;
E delle não se compadeça,
Vendo que as cartas perdia?
Vendo brilhar no seu rosto
Como feliz pensamento,
Quem não terá puro gosto,
Vendo-o livre de um tormento!
Elle sorriu; qu'uma lembrança,
Boa lembrança lhe veio,
Come as cartas, e descança,
Ninguem lhas tira do seio.

AGOAZIL.

Preso sois, ó peregrino,
Da parte do senhor rey.

PEREGRINO.

Eu não sou um assassino,
Nem os bens d'outrem furtei;
Vou seguindo meu destino,
Romagem que eu comecei.

AGOAZIL.

Preso sois, ó peregrino,
Da parte do senhor rey.

PEREGRINO.

Mas de um pobre peregrino
Que pertende o senhor rey?

AGOAZIL.

O que elrey de vós destina
Eu não vos posso dizer;
A prisão elle determina;
Cumpro a ordem, meu dever.

Antes da noute chegaram
A' corte de Dom João,
Que o *Perfeito* chamaram,
Tyranno com mais razão.
Estava em Evora cidade,
Antiga, nobre, real,
De remota antiguidade,
Segunda de Portugal!
Ao passar pelo rocío

Toda a gente se calou;
Murmurar romeiro ouviu,
Que um *de profundis* rezou.
Dos olhos do peregrino
Jorram torrentes de pranto,
E beijou livro divino,
Que tinha sido de um santo.

Agoazil.

Foi aqui decapitado,
Por crime d'alta traição,
Dom Fernando desgraçado,
Justa foi a punição;
Por elrey o foi mandado
Alto senhor Dom João.

Peregrino.

Deixai em paz quem descança
Já no seio do Senhor,
Que da justiça a balança
Só tem elle o fiador:
Na dos homens a vingança,
Por vezes tambem amor,
A's vezes desconfiança,
D'outras vezes o temor,
Nos pêzos fazem mudança
Qu'alteram justo valor.

Agoazil.

Dom Fernando de Bragança
Foi á patria, ao rey traidor.

PEREGRINO.

Vós o dizeis porque a lança
Não vedes ao contendor;
Se a visseis, talvez que mansa
Ficára a sanha, e furor.

Isto dito, o paço entraram
O Agoazil, o romeiro;
Os soldados murmuraram
» Deve ser um cavalleiro,
» Quem deffende o condemnado,
» Contra a força do poder,
» Tem coração esforçado,
» Nobre por certo ha de ser. »

FIM DO CANTO I.

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA.

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rey, já movido á piedade,
Mas . . . . com falsas e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
CAM. LUS.

CANTO II.

Pousava elrey Dom João
Nas casas de Ruy de Mello,
Nobre, antiga habitação,
Que fica junto ao castello.

Foi ali que esteve preso
Dom Fernando de Bragança;
Foi ali que, em raiva acceso,
Tomou delle o rey vingança:
D'ali foi ao cadafalso
Como traidor conduzido,
Como revél, como falso,
Como tendo elrey trahido:
Elle! tão nobre, e valente!
Tão leal! bom servidor!
Foi degoladõ, innocente,
Como se fôra um traidor.

Nas vastas salas entraram
O agoazil, o romeiro,
Ao cabo de uma pararam
Aonde estava um porteiro:
O agoazil em segredo,
Ao ouvido lhe falou,
Como se tivera mêdo,
Alguns passos o afastou:
O romeiro não ouviu,
O que disse o agoazil;
E o porteiro sahiu,
Com ar tão baixo, e servil,
Que o romeiro s'affligiu
Vendo fidalgo tão vil.

Sós ficaram tristemente
De um brandão alumiados,
E, com pensar bem differente,
Ficaram ambos calados:
Era o silencio terrivel

Precursor da tempestade,
Quando ao mundo em noute horrivel
Só dá luz a escuridade.
Era o silencio da prêa
Já nas garras do leão,
Que, em silencio, saborêa
Gozo horrivel de ante-mão;
E que após haver gosado
Esse prazer infernal,
Incerto fica um bocado,
Como quem lhe não faz mal.
O agoazil, o romeiro
Mudos ficaram assi;
Era innocente cordeiro,
E o carrasco ao pé de si.

As portas que estam defronte
Rangem nos quicios dourados:
Romeiro sentiu na fronte
Os cabellos erriçados.
Não era mêdo por certo,
Nunca sua alma o sentiu,
Era um soffrer incerto,
Raiva, saudade, o opprimiu.
Já transpôs o liminar,
Já'stam na sala espaçosa,
Em que elrey fez condemnar
Senhor de Villa-Viçosa.
Pannos d'Arras afiguram
A justiça de Trajano;
Mas em vão elles procuram
Justificar o tyranno!
Longa mesa está no meio,

Sobre a qual, dura sentença
Extorquio elrey do seio
Aos juizes; sem que os vença ...
Talvez fosse aquella penna
Que escreveu — *morra por ella* —
E' elrey que a morte ordena...
E' juiz — e algoz quiz sê-lo.
Não foi medo, não foi susto
Que os cabellos lhe erriçou;
Saudade foi do homem justo,
Raiva contra o que o matou;
E que após, não satisfeito,
Inda quiz alem da morte,
Cevar as furias do peito
Nos filhinhos, na consorte.

Já elrey entrou na sala
Com ar lédo, e sobranceiro;
Trajava roupas de gala,
Como loução cavalleiro.
Tem regular estatura,
Rosto comprido, e formoso,
Os seus dentes tem a alvura,
De marfim maravilhoso.
Seu cabello corredio
E' castanho, e bem disposto;
Barbas prêtas dam mais brio
A' brancura do seu rosto.
Negros olhos bem rasgados
Tem de sangue algumas vêas,
Como se afogueados
Foram por turvas idêas:
O seu olhar é terrivel,

Mostra a força, e o poder,
E d'alma o genio irascivel,
Que ninguem pode torcer.

REY.

Que quereis vós, que a sós comigo
Me pertendieis falar!

AGOAZIL.

Presentar-vos o inimigo
Que ha tanto fazeis buscar.

REY.

Esse?! não: pobre mendigo,
Vai-te em paz, vai descançar.

AGOAZIL.

E' nos trages peregrino,
Mas é revél disfarçado;
Dos traidores paladino
Se mostrou inda ha bocado;
Que ao passar pelo rocio
Dom Fernando deffendeu.

REY.

O rey, a patria trahiu,
Foi um vil, e vil morreu,
O cadafalso o puniu,
Feriu-o a lei, não fui eu.

O remorso lhe dictára
Estas palavras pausadas,
Como quem se desculpára
D'accusações infundadas;
Como se elle respondesse
A's do povo accusações,
E por juiz o tivesse
Das dos reys torpes acções:
Quiz mostrar ao peregrino
Que era injusto o murmurar,
Nem tinha um peito ferino,
Antes gosto em perdoar.

REY.

Vai-te em paz: se foste injusto
Em julgar acções do rey,
Julga por ti se elle é justo,
Que o teu crime eu perdoei.

AGOAZIL.

Mas . . . senhor . . . este romeiro
E' pessoa de valia;
Tem o seu livro um letreiro
Que seu crime denuncía.

Isto diz, e o livro tira
Ao romeiro desgraçado;
Dá-o ao rey, que mal respira
Vendo o letreiro indicado.
O sangue os olhos foguêa,
Ferra os dentes com rancor,
Como o tigre quando á prêa
Rasga o seio com furor.

O agoazil receava
Ter perdido o galardão,
Só o premio lhe importava,
Embora mate um christão;
Mas vendo o rey tão irado,
Espera que o livro o convença,
E no peito refalsado
Já calcula a recompensa.

REY.

Quem és tu, ó peregrino,
Teu nome quero saber?
E este livro divino,
Como está em teu poder?

PEREGRINO.

Esse livro foi-me dado
Pelo duque de Bragança;
Era seu fiel criado,
Legou-mo, como lembrança.
Sou Fernão Rodrigues P'reira,
Vinha cumprir romaria;
Julgo haver desta maneira
Respondido o que devia.

REY.

Serás tu o camareiro
Que servíra a D. Fernando?

FERNÃO RODRIGUES.

Senhor si: um cavalleiro
Não mente, mesmo zombando.

REY.

Fostes vós o que salvastes
Suas joias, e baixélla?

FERNÃO RODRIGUES.

Senhor si.

REY.

E que levastes
Seus filhos para Castella?

FERNÃO RODRIGUES.

Senhor si: fiz meu dever,
Fiz o que o duque ordenou,
Quando foi a padecer,
Filhos seus me encarregou.
Ai de mim! que máo recado
D'ambos elles lhe hei de dar!
Dom Filippe envenenado...
Dom Jayme quasi a expirar...
Maldito seja por Deus
Quem a morte lhe ordenou,
Perca a assim os filhos seus,
Quem seu filho assassinou...

Como se a voz do Eterno
Trovejára a maldição,
Treme o rey... do filho terno
Julga ouvir condemnação.
Por seu filho tão querido

A sua alma estremeceu;
Era pay, ficou tranzido.
Seu corpo todo tremeu:
Pelas bençãos do romeiro
Déra o throno, e o poder;
Por seu filho, o mundo inteiro,
Alma quizéra perder.

REY.

Mas por que vens disfarçado
Nesses trajes d'ermitão?
Trazias algum recado?
Vinhas só por devação?

FERNÃO RODRIGUES.

Queria vêr os meus parentes,
Que ha muito que os não ví.

REY.

Carta alguma dos absentes
Não trazias?

FERNÃO RODRIGUES.

Senhor, sí.

REY.

Prézo em ti a galhardia

De quem sempre é verdadeiro;
Junto a mim terás valia,
Has de ser meu camareiro.

FERNÃO RODRIGUES.

A mercê de vossa alteza
Não posso, grato, acceitar.

REY.

Julgas tu fôra baixeza
Premios do rey alcançar?

FERNÃO RODRIGUES.

Mas, Senhor, fôra vileza
O meu amo abandonar,
Tenho á delle a vida presa,
Junto a elle quero expirar.

REY.

Respeito, dom cavalleiro,
O teu modo de sentir;
Dá-me as cartas, bom romeiro;
Romagem podes seguir.

FERNÃO RODRIGUES.

Não devo, rey justiceiro,
Fôra um segredo trahir.

REY.

Dá-me as cartas, cavalleiro,
Dar-te-hei ouro, e poder.

FERNÃO RODRIGUES.

Fôra servo traiçoeiro;
Não vos posso obedecer.

REY.

Da-me as cartas cavalleiro,
Se não queres já morrer.

FERNÃO RODRIGUES.

Matai-me, senhor, primeiro;
Antes prefiro morrer.

REY.

Agoazil da minha côrte,
O algoz traz breve aqui.

FERNÃO RODRIGUES.

Cuidaes vós que após a morte
Achareis o que escondi?

REY.

Agoazil! tormento forte
Fazei dar-lhe agora aqui.

FERNÃO RODRIGUES.

Dos tormentos toda a sorte
Já não tem poder em mi;
Abri-me o seio de um córte,
Lêde as cartas que eu comi.

REY.

Agoazil! tormento forte
Fazei dar-lhe agora aqui.

E já o agoazil da côrte
Tem o algoz ao pé de si.

REY.

Dá-me as cartas, cavalleiro,
Cáe teu sangue sobre ti.

FERNÃO RODRIGUES.

Já disse, rey justiceiro,
Tenho as cartas dentro em mi.

Os seus braços deslocaram
Na polé, cruel tormento!
Dêdo a dêdo lhe esmagaram
Com infernal instrumento.

REY.

Dá-me as cartas, cavalleiro,
Teus segredos diz aqui.

FERNÃO RODRIGUES.

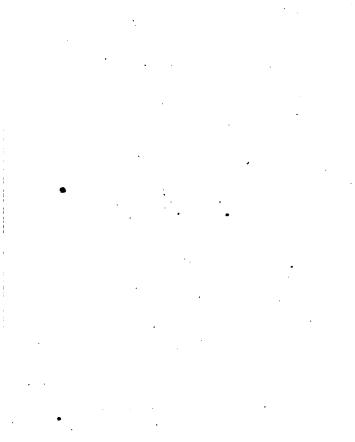
Vosso algoz cançou primeiro,
Elle gemeu, eu não gemi...

Sua testa lhe apertaram
Com rija corda nodosa,
E seus olhos se fecharam
Com a sensação dolorosa:
Jorra o sangue dos ouvidos,
Do nariz, dos olhos, boca,
Mas não se ouvem seus gemidos,
Que ao nascer elle os suffoca.

REY.

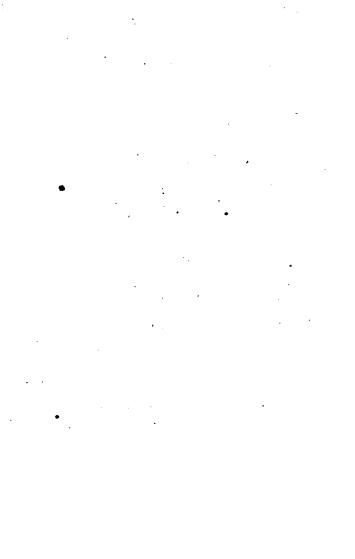
Dá-me as cartas, cavalleiro,
Mais tormentos tenho aqui.

Não responde o cavalleiro,
Já não tinha acordo em si.

FIM DO CANTO 2.º

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA.

E se tu tantas almas só pudéste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
. . . .
. . . .
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito.
CAM. LUS.

CANTO III.

Crébros sons descompassados
Tangem sinos dos mosteiros,

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA.

E se tu tantas almas só pudéste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
. . . .
. . . .
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito.
CAM. LUS.

CANTO III.

Crébros sons descompassados
Tangem sinos dos mosteiros,

E o dobrar dos finados
Retumba pelos outeiros;
Como a voz do moribundo
Por suspiros suffocada,
Ao deixar a vida, o mundo,
O pay terno, a esposa amada,
Que soluça, e não acerta
Como o *adeus* ha de dizer,
A mão fria mal aperta,
Sente a vida falecer,
E do peito sem alentos
Tira sons, já sepulcraes,
Antes disseras lamentos,
Não palavras, tristes ais.
Tristes ais o sino entôa,
Ais de morte, e de agonia,
E nos outeiros echôa
A do sepulcro harmonia.

. . . .

De quem é o sahimento,
De tanto dó, tão luzido?
Quem vai nesse enterramento
Nesse caixão conduzido?
Nobres Condes, toda a côrte,
De escuro vaso trajando,
Cortejo triste da morte,
Tristes vam acompanhando;
E os sinos dos conventos
Dobram sempre, sem cessar,
Os — *De profundis* — *Mementos* —
Vam os padres a cantar.

Elrey Dom João segundo

Ouve o dobrar dos finados,
Ouve em silencio profundo
Da morte os hymnos sagrados;
Das janellas do aposento
Vê os brandões caminhando,
Que o funéreo sahimento
Tristes vam alIumiando:
Já os sons tinham cessado,
As luzes já se não viam,
E, á janella encostado,
As longas horas corriam.
Como de um cruél lethargo,
Despertando de repente,
Dos seus olhos pranto amargo
Mana em fim salgado, e quente.
Os suspiros comprimidos
Em seu peito, exhala então,
E desafoga em gemidos
As magoas do coração.

» O' meu filho idolatrado!
» Meu Affonso! não respondes?!
» Onde estás?! ó filho amado?!
» Onde estás?! por que te escondes?!.

E os sinos responderam,
Dobrando tristes, pausados,
Como saudosos disseram
O extremo adeus dos finados
Que dizia » O teu Affonso,
» O teu filho já morreu,
» Reza por elle um responso,

» Que elle ha de ouvir, lá no céo;
» Nunca mais tu has de vê-lo,
» Nunca mais has de abraça-lo,
» Nunca mais seu rosto bello
» Labios teus ham de beija-lo;
» Sua voz, tão maviosa,
» Nunca mais tu has de ouvir,
» Sua boca, tão fermosa
« Nunca mais verás sorrir;
» O teu filho, já morreu;
» Reza por elle um responso,
» Que elle hade ouvir, lá no céo.

Mas do rey os labios tremem
Convulsivos, sem rezar;
Peito, e alma afflictos gemem,
Sem gemido articular:
Não tem fé, não tem esp'rança,
Pena só o coração,
E não lhe vem á lembrança,
Um responso, uma oração.

Para legar a seu filho
Um sceptro com mais poder,
Uma corôa com mais brilho,
Quanto sangue fez correr!!
E os remorsos pungentes
Vem aggravar sua dôr;
Vê milhares d'innocentes
Qu'immolou no seu furor.
A maldição do romeiro
Em seu filho se cumpriu;
Maldição do cavalleiro

Em seu filho em fim cahiu.
» Maldito seja por Deus
» Quem a morte lhe ordenou,
» Perca assim os filhos seus,
» Quem seu filho assassinou!»
Foi sentença do eterno
Do romeiro a maldição;
Julga ter já no inferno,
Eterna condemnação.
Pouco a pouco definhado
Do continuo padecer,
Em Alvor, envenenado
Pelas magoas, foi morrer.

Mas o nobre peregrino
Das torturas não morreu,
Preso sempre, o seu destino,
Com valor sempre soffreu:
E apenas levantado
Foi elrey Dom Manoel,
Por embaixador mandado
Foi á raynha Izabel,
A buscar os seus sobrinhos,
Os filhos . Dom Fernando,
A quem fez honras, carinhos,
Os bens, e casa entregando.

E Dom Jayme de Bragança
Ao vêr o seu camareiro,
Maldição eterna lança,
Ao ingrato que, primeiro,
De sua alta geração,
Desfizer a doação,

Que lhe fez tão generosa,
Como a acção fôra famosa;
Pois não cabe em coração
Que é nobre, vêr um tal feito,
Tanto amor, tanto respeito,
Tanta fé, tanto valor,
Tantas magoas, tanta dôr,
Tantos tormentos, e penas,
E vêr as pagas pequenas,
Pois que não ha galardão
Que pague tanta amizade,
Sendo eterna a obrigação
Quando é tanta a lealdade.

FIM.

NOTAS.

O assumpto deste romance é *fielmente* extrahido do livro II. pag. 148 das *memorias ineditas da familia dos Pereiras*, que o Ill.mo Sr. José de Sousa Pereira de Menezes, (herdeiro, e actual representante de Fernão Rodrigues Pereira) teve a bondade de confiar-me.

Sam em tudo conformes estas memorias com o que se lê no livro XI. pag. 385 da *historia genealogica da casa real*; parecendo-me até que seu author, D. Antonio Caetano de Sousa, daquellas memorias extrahira as noticias que nos transmitte; e tanta é a semelhança do estilo, e tão formaes as palavras, que parece que dali as copiára; pois

sam aquellas memorias de data mui anterior. Ha só uma differença, que julgo deve attribuir-se a erro de copista, e vem a ser; D. Antonio Caetano de Sousa chama João Pereira ao pay de Fernão Rodrigues, em tanto que nas ditas memorias se lê que elle era filho terceiro de Francisco Rodrigues Pereira.

Por mais diligencias que fiz, não pude verificar a epoca em que foi preso Fernão Rodrigues, quando veio de Castella disfarçado em traje de romeiro com cartas para a duqueza de Bragança D. Izabel d'Alemcastro, de seus filhos proscriptos, e refugiados em a côrte de Hespanha desde a tragica morte do duque de Bragança D. Fernando II.

O que pude colher foi, que em 1487, e a 17 de Fevereiro daquelle anno, já Fernão Rodrigues estava preso ha muito, pois por um alvará daquella data, feito em Almeirim pelo Secretario Affonso Gonçalves, lhe concedia elrey licença para ir *sob fiança* ás endoenças em Santarem, onde estava preso. Outro alvará feito na mesma villa por Ruy de Pina em 31 de Março de 1488; outro em Setubal por Affonso Gonçalves a 6 de Janeiro de 1489; outro em 18 de Janeiro do mesmo anno feito em Santarem por Fernão Rolim, &c. nos quaes lhe concedia licença para ir ouvir missa, para sahir de Santarem se ali entrasse a pestilencia que então grassava no reyno, e finalmente para poder vi-

sitar as suas fazendas, &c. tudo *debaixo de fiança*, provam sua longa prisão.

O certo é que com a morte de D. João II. cobrou Fernão Rodrigues a liberdade, depois de uma prisão de mais de oito annos, ao principio rigorosa, pouco a pouco modificada por instancias do alcaide mór de Santarem, que era seu primo, e carcereiro, o qual veio a ser seu sogro, por que com sua filha D. Helena de Brito Patalim casou, depois de solto, o heroe deste romance.

Nem os tratos que D. João II. barbaramente lhe fez dar, nem o tão longo cativeiro em que o teve, nem as promessas que lhe fez, nem o habito de Christo de que lhe fez mercê e lhe mandou lançar, estando ainda preso, com a tença de sete mil reaes brancos em cada anno; nada em fim foi capaz de lhe arrancar do seio os segredos de seus amos.

Um tão raro exemplo de fidelidade portugueza devia ser cantado por *menestrel* mais habil. Não quiz todavia tirar nada ao sublime daquella acção, misturando-lhe *amores*, o que podéra fazer *com verdade*, contando os delle com sua prima D. Helena Patalim.

Naquella epoca reynavam, D. João II em Portugal, Fernando o Catholico em Hespanha, Ricardo III em Inglaterra, e Luiz XI em França. O *direito* em todos aquelles quatro reynados foi o *punhal*, o *veneno*, o *cadafalso*, e a *força*!!! — Quem quizer desenganar-se leia a historia com attenção,

e sem estar prevenido: tenha o trabalho de pensar na philosophia dos factos, e não receba como *ponto de fé* o que deve discutir-se.

Quando compuz este romance, mal pensava em que teria de o vêr tantas vezes impresso! Feito á pressa, não fiz mais caso deste que dos outros: depois de escriptos, por me distrahir de estudos mais serios, e menos agradaveis, *engeitava-os*, como os *máos* pais a filhos *illegitimos*. Forçoso foi retoca-los, sendo o meu desejo refundi-los, para lhes dar a latitude que podesse, e demandava o assumpto — como fiz ao romance que agora tem por titulo — *o conde de Ourem* — que é *quasi* todo novo: mas não tive paciencia para tanto.

Creio porem que é bastante para dar uma idéa succincta philosophica do reynado de D. João II.

O canto 3.º é todo novo: é o castigo do céo ao poderoso da terra, que vê cumprida em seu *filho unico*; — o principe D. Affonso a maldição do romeiro: é a justa pena de talião pela morte do *innocente D. Filippe filho maior do duque de Bragança D. Fernando II.*, envenenado em Hespanha, conforme dizem muitos, por ordem de D. João II.

Desgraçados dos opprimidos se Deus os não desafrontasse da tirannia dos poderosos!! mas *elle* é justo; o remorso é o *precursor do castigo*, que cedo ou tarde, *é certo.*

A Duqueza de Bragança.

DEDICÁDO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

Baroneza de V. P.

Tom. III.

Lith. de A. C. Lemos Largo do Quintella N.º 1.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

» Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
» Teus raios apartar aquelle dia,
» . . . .
» . . . .
» Vós, ó concavos valles, que pudestes,
» A voz extrema ouvir da boca fria,
» O nome . . . . que lhe ouvistes,
» Por muito grande espaço repetistes.

CAM. LUS.

CANTO I.

Já meia noute soaram
Sinos de Villa-Viçosa,
E após carpidos dobraram
Com triste voz dolorosa:

Na torre as c'rujas respondem,
A' sepulcral melodia,
E nos ciprestes se escondem
Do adro da freguezia:
Cantam sentidos os môxos,
Agudos pios soltando,
Repetem echos já frôxos,
Tristonhos sons retumbando.

E' da noute no segredo
Que o terno peito suspira;
Dia a amor sempre foi trêdo,
Confiança a noute lhe inspira:
Noute amiga não revéla
Misterios, gozos, martirios,
Nas trevas, silencio della,
Occulta amor seus delirios:
Mas tambem ao criminoso
Protege a mão assassina,
E do ciume do esposo
Arma a vingança ferina:
Nas trevas da noute escura
Não relampeja o punhal,
A mão não treme, e segura
Rasga o seio do rival.

Antonio Alcoforado
A meia noute aguardava;
Era o momento ajustado,
A sua amada o esperava:
Pé ante pé se vestia,
Irmão não quer acordar,
No mesmo leito dormia,

Deixa-lo em paz descançar:
Porem a campa tangida
O seu irmão despertou,
O extremo adeus da vida
Da vida o somno quebrou.

MANOEL ALCOFORADO.

» Onde vais a taes deshoras?
» Onde vais? ó meu irmão!

ANTONIO ALCOFORADO.

» Vou cumprir a estas horas
» Um meu voto, e devação.

MANOEL ALCOFORADO.

» Comtigo leva o criado,
» Leva comtigo o Fernandes,
» Vais melhor acompanhado,
» A deshoras só não andes:
» Ha muitos lobos no monte,
» Ha javalís, e veados,
» E andam junto da fonte
» Muitas almas de finados.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Não careço companhia,
» Das feras não tenho medo,
» E da minha romaria
» Finados guardam segredo:

» Nem as almas dos finados
» Me ham de os passos embargar,
» Ellas penam seus peccados,
» Eu peccados vou penar.

MANOEL ALCOFORADO.

» Ao menos deixa que vá
» Tambem eu, hoje, comtigo,
» Qualquer sorte, boa, ou má,
» Tu repartirás comigo.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Já vos disse, meu irmão,
» Que não quero companhia,
» E' segredo a devação,
» Farei só a romaria.

MANOEL ALCOFORADO.

» Leva então a minha espada,
» Seja tua companheira,
» Queres segrêdo? é calada —
» Nunca me foi traiçoeira.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Eu não quero a tua espada,
» Nada tenho que temer,
» Nem eu vou fazer jornada
» Em que deva combater:
» Vou cumprir a estas horas..

» Um meu voto, e devação:
» Adeus! que já me demoras,
» Fica em paz, ó meu irmão.

MANOEL ALCOFORADO.

» Não queira o céo que permitta
» Que assim vás: então vou eu...
» Um máo agouro me agita...
» E deste presagio meu
» A tua alma não cogita?
» Mas nunca avisos do céo
» Illudem uma alma afflicta
» Do porvir rasgando o véo.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Leixa-me partir, to peço,
» E não venhas tu comigo,
» Teus cuidados agradeço,
» Sam por certo de um amigo;
» Mas se amor eu te mereço,
» Leixa-me ir, que não ha p'rigo;
» Os caminhos bem conheço,
» Não arreceio inimigo.
» Levarei a tua espada,
» Só por ti a levarei,
» Por mim não será manchada,
» Sem falhas a tornarei:
» E' de paz minha jornada,
» Com ella não ferirei.

MANOEL ALCOFORADO.

— Onde vais a taes deshoras!
» Onde vais? querido irmão!
» Ora sei...porque tu coras...
» Não levas teu morrião...
» Nem levas tuas esporas...
» Levas formoso gibão,
» Que é de fustão prateado,
» Meias mangas, e colar,
» E as pontas de velúdo
» Roxo, côr do namorado;
» Cinto de couro bordado
» Com lavor de prata fina,
» Borzeguim preto calçado,
» Calças de côr purpurina,
» Sayo, e barrete dobrado
» De negro, a volta tambem,
» Onde vais tão enfeitado
» Agora conheço bem...
» Porem toma bem cuidado
» Que ás vezes trabalho vem
» Donde é menos esperado.

Antonio Alcoforado
Cingiu a espada, e sahiu;
Mais bello, mais esforçado
Moço fidalgo, quem viu!
Já só, que não temia
Seu tão nobre coração,
Nas trevas amor o guia
Sem temer a escuridão:
Mas os sinos do convento

Dobraram descompassados;
Recordou nesse momento
Que era o dia de finados:
Seus cabellos se erriçaram,
Sem o querer, mais se apressou,
Ao longe sombras passaram,
Seu coração palpitou:
Junto a elle piou um môxo,
Outro ao longe respondeu,
E um clarão quasi rôxo
Mal brilhou despareceu:
Como sinistro receio
Dentro d'alma esvoaçou,
Mas o amor que tem no seio
O receio afugentou.

Onde vais? ó desgraçado!
Torna atraz, não vás ávante;
Tanto agoiro aziagado
Nunca do mal vem distante.
Sinal da cruz sobre o peito
Não te lembrou de fazer,
Não é de Deus bem acceito
Quem o deseja offender.

Lá se abriu alta janella,
Frôxa luz appareceu
Em uma tocha amarella,
Que nas trevas se perdeu:
Talvez o fol'go assustado
A baça luz apagasse,
Com o suspiro exhalado
Por alma que receasse;

Mas uma voz mui sonora,
Em tom mui baixo elle ouviu;
Não faltou — é esta a hora . . .
Que prazer alma sentiu!

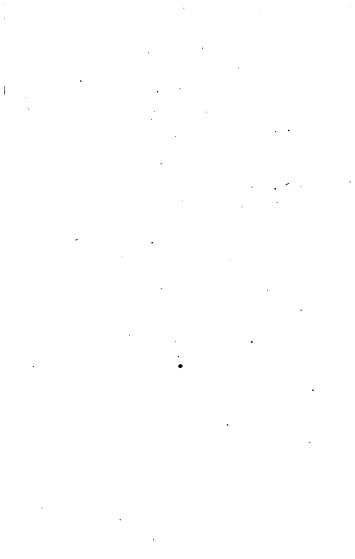
Como rumor n'um arbusto
Lhe pareceu haver sentido;
E' d'amor então o susto,
Receia ali ser colhido:
Incerto ía firmar-se
Na causa do seu temor,
Vê o arbusto menear-se
Do vento com o furor:
E' inutil seu receio,
Nada julga que temer,
Agora da noute em meio
Ninguem do paço ha de ser.

O muro estava cahido,
Estavam cêstos no chão,
Sobre elles juntos subido,
Inda não chega ao balcão:
Uma corda lhe atiraram,
Pela corda se guindou,
As janellas se fecharam,
Beijo d'amor se trocou.

O anjo da sua guarda,
Rosto co' as azas cobriu,
Deixou a sua alabarda,
D'alma perdida fugiu:
Chega ao throno do eterno,
E nos degráos debruçado,

Diz assim : » Ah! do inferno
» Salva aquelle desgraçado!
» Bom Jesus! Senhor! perdôa,
» Perdôa áquelle peccador;
» Era sua alma tão boa,
» Quem a perdeu foi amor:
» Ah! Senhor Jesus, perdôa,
» Perdôa áquelle peccador!
» Pelos espinhos da corôa,
» Pelo do fél amargor;
» Pela cruz em que morreste
» Para remir os mortais,
» Pelos tratos que soffreste,
» Por tuas dores, teus ais!
» Ah! Senhor Jesus! perdôa,
» Perdôa áquelle peccador!
» Era sua alma tão boa!
» Quem a perdeu, foi amor.

Uma divina harmonia
Ao seu pranto respondeu,
O perdão lhe promettia,
A' terra o anjo descêu.

FIM DO CANTO I.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

» Qual contra a linda moça Policena,
» . . . .
» Porque á sombra d'Achilles a condena,
» Co' o ferro o duro Pyrrho se aparelha.
Cam. Lus.

CANTO II.

Estava Dom Jaime encostado
Em o seu nobre aposento,
Por ciumes devorado
Soffre do inferno o tormento:

Julga infiel sua esposa,
A esposa que elrey lhe deu,
Innocente, desditosa,
Que é sua, máo grado seu:
Máo grado seu o casaram
Com Leonor de Mendoça,
Alguns annos já passaram
Sem que ama-la o duque possa:
Nasceram filhos fermosos
Desta forçada união,
Mas nem elles, tão mimosos,
Fazem no duque impressão.
Disfarçado em peregrino
Tentára o triste fugir
Do laço que o seu destino,
O fórça invicto a urdir:
Conhecido em seu disfarce,
Foi constrangido a voltar,
E força foi sugeitar-se
Contra vontade a casar.
Sendo infante, envenenado
Com Filippe seu irmão,
Este morreu, desgraçado,
Elle perdeu a razão:
Tristeza, menencoria,
Ao delirio succedeu,
Perdeu p'ra sempre a alegria
Foi mais feliz quem morreu:
Irascivel temp'ramento
Pelo veneno irritado,
Se atêa a cada momento
No peito do desgraçado;
Seu peito, que amor precisa,

Para domar-lhe as paixões,
Em Leonor não divisa
Mais que pesados grilhões.
Não a ama, que a odeia,
Mas Leonor pode amar;
Ama talvaz... esta idea
Seios d'alma vem rasgar.
Rica joia que lhe déra
A outrem a viu trazer,
Ao pedir-lha, estremecêra,
Côr do rosto viu perder...
Não amar, nem ser amado,
Ser pela esposa trahido...
E' por certo horrivel 'stado,
E' tormento indefinido.
Fernão Velho, seu védor,
Lettras suas lhe mostrou...
E eram cartas d'amor
As que Roseimo levou...
Criados seus estam á lerta,
Em torno ao paço emboscados,
A vingança o somno esperta,
Véla o ciume os cuidados:
Os cuidados, o ciume,
Não o deixavam dormir,
Cada som que ouvir presume
Faz sua alma contrahir.

Tristes sons desentoados
Ao longe dobram os sinos,
Do officio dos finados
Começam cantos divinos:
Pulsa o peito, mal contendo

Dentro em si o coração,
Aquelle som é tremendo,
Som de morte, e devação:
Cada som repercutia
Echo terrivel, fatal,
Dentro d'alma que gemia,
A cada som sepulchral.
Aquelle abraço apertado
Não foi amor quem o deu,
Foi o receio, o cuidado,
D'uma alma que estremeceu.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Porque estás tão assustada?
» Leonor! porque receias?

LEONOR.

» Deste sino a voz pausada
» Géla-me o sangue nas veias.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Leonor! junto a meu seio
» Desterra d'alma o terror...

LEONOR.

» E' por ti que eu mais receio...
» Aquelle som causa-me horror...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Diz-nos a campa tangida
» Que pouco havemos viver,
» Gozemos pois, minha querida,
» D'amor o doce prazer.

LEONOR.

» Ah! que dizes? não blasfemes...
» Não digas palavras tais...
» Castigo do céo não temes?...
» Ouve da morte os sinais!...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Eu?! Leonor! nada temo,
» Só temo de te perder,
» Que o meu amor é extremo;
» Nada mais posso temer.

LEONOR.

» Vai-te... que se o duque sabe
» Amor que tenho por ti...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Embora, a morte me acabe...

LEONOR.

» Ah! cruel! tem dó de mi!...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Um pobre filho segundo,
» Justo Deus! porque nasci?
» Malditas leis deste mundo!
» Ou porque te conheci?
» Porque vi teu lindo rosto?
» Os teus olhos porque vi?
» Se hei de soffrer o desgosto
» De os vêr em pranto assi!

LEONOR.

» Tu não ouviste um ruido...
» Como de espada o tinir...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Tudo jaz adormecido,
» Ninguem aqui póde vir:
» Pobre do que atrevido
» Nosso amor queira impedir...

LEONOR.

» E tu não temes, cruel!
» A amada comprometter?
» A' tua honra tão fiel,
» Queres a minha perder?
» Queres que morra infeliz,
» Pelo mundo despresada?
» O' cruel! que mal te fiz?
» Que mal te fez tua amada?!

» Leonor! antes a morte,
» Antes mil vezes morrer,
» Seja qual fôr minha sorte,
» Puro teu nome ha de ser:
» Pura tua honra, eu to juro,
» Sempre amor ha de guardar,
» Nem jamais um labio impuro
» Fará teu rosto corar.

Loquaz silencio d'amor
Succedeu ao juramento,
E o peito de Leonor
Socegou nesse momento:
Como que ali o guardava,
Unindo-o ao seio, lhe disse,
Terno beijo lhe roubava
Seu amador, tão felice...
Mudêz d'amor! doce encanto,
Delicias d'alma, gozavam;
Mas na mudêz dizem tanto,
Quanto seus olhos falavam:
Que esse olhar d'uns olhos ternos,
Riso, em labios purpurinos,
Sam que as falas mais supernos,
Mais eloquentes — divinos.
Terno silencio quebrára
Um aziago rumor,
E Leonor desmaiára,
Tranzida pelo temor:
Mas temendo que o amante
Fosse ali sorprehendido,

Corre ao balcão, n'um instante,
Donde partíra o ruido.
Cêstos por onde subíra,
Ao pé do muro não 'stam...
E dous vultos distinguíra...
Santo Deus! o que farão?

LEONOR.

» Infelices! desgraçados!
» O que havemos de fazer?
» Os cêstos foram tirados,
» Como has de agora descer?

ANTONIO ALCOFORADO.

» Foge! foge Leonor!
» Que não te vejam aqui...
» Não te perca o meu amor...
» Foge! eu to peço... por mi...

LEONOR.

» Não fugirei, não: de certo!
» Que só receio por ti...
» O p'rigo agora está perto,
» Nada receio por mi.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Mas a corda não tiraram,
» A corda porque subi...

LEONOR.

» Sob o balcão se postaram,
» Não podes fugir por hi...

ANTONIO ALCOFORADO. (*ao balcão*)

» Quem quer que sois, afastai-vos,
» Não queirais damas perder,
» Nobres, discretos, mostrai-vos,
» Prompto estou a combater:
» Prompto estou a toda a hora,
» Como leal cavalleiro,
» E se quereis combate agora
» Deixai-me descer primeiro.

PERO VAZ. (*debaixo do balcão*)

» A espada lançai cá fóra
» Que ora és meu prisioneiro.

ANTONIO ALCOFORADO. (*ao balcão*)

» Ahi tens a minha espada,
» Deixa descer-me o balcão;
» E desta infame cilada
» Dar-me-has satisfação.

PERO VAZ. (*debaixo do balcão.*)

» Fernão Velho aqui postou-me,
» E foi o duque avisar,
» E ao partir ordenou-me

» Não te deixasse escapar:
» Se acaso podes fugir,
» Foge em paz, por aqui não:
» Jurei em quanto existir
» Deffender este balcão:
» Tu bem vês que estou armado,
» Não tentes pois o descer,
» Porque sería obrigado
» A um amigo offender.

ANTONIO ALCOFORADO. (*ao balcão*)

» Mas se acaso o duque vem,
» Que julgas tu me fará?

PERO VAZ. (*motejando*)

» Ha de açoitar-te muí bem;
» A descer te ensinará.

LEONOR (*fechando a janella do balcão*)

» Ah! vem comigo... eu te escondo,
» Onde ninguem entrará,
» Lá 'stás seguro, eu respondo,
» O duque lá não irá.

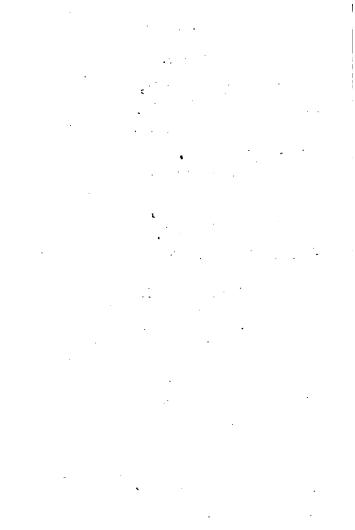
ANTONIO ALCOFORADO.

» Mas aonde? Leonor!
» Onde me queres levar?
» Foge tu... ó meu amor,
» Foge tu... que eu sei calar.

LEONOR.

» Como o duque te não veja,
» Como não te colha aqui,
» Eu tenho quem nos proteja:
» O' meu bem! confia em mi.

Sem respirar os amantes
Corredores já passaram,
E longas salas distantes
Em silencio atravessaram:
Por detrás de um rico leito,
Trás d'alcatifa o esconde,
Da amada o peito responde
Ao palpitar do seu peito.

FIM DO CANTO II.

A DUQUEZA DE BRAGANÇA.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam férvidos, e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CAM. LUS.

CANTO III.

Longas horas tem passado,
Mas Dom Jayme não dormia,
Tormentos de condemnado,
Cioso peito soffria.

Eternos julga os momentos
Que ainda tem de esperar,
Maldiz o soprar dos ventos,
Maldiz da noute o vagar;
Maldiz os sinos que tangem,
Não dobram inda por *ella*,
De raiva os dentes lhe rangem,
Cabellos seus arrepella.
Tem um cutélo de caça
N'um bofête ao pé de si,
Pelo fio a mão repassa,
» Está bem cortante » e sorri;
Mas não é sorriso terno
Que em seus labios se divisa,
E' um sorrir do inferno,
Sorrir que a morte deslisa.
Ao longe, como de uns passos,
Sentiu de manso o ruido,
Respira a longos espaços,
Attento presta o ouvido...
Reina silencio de morte,
De certo foi illusão,
Ou talvez fosse do norte
Ao longe algum furacão.
Mas agora não se engana,
E' alguem no corredôr,
A correr alguem se afana,
E' Fernão Velho, o védor.

FERNÃO VELHO.

» Occultos, como mandastes,
» Ao pé do muro cahido,

» Esperamos, como ordenastes,
» Viesse o moço atrevido:
» Um mancebo delicado,
» Sorrateiro ali chegou,
» E sobre uns cêstos trepado,
» Dentro dos paços entrou.
» Pero Vaz 'stá vigiando,
» Que se não possa evadir,
» A elle a guarda deixando,
» Vos vim, senhor, prevenir.

DUQUE.

» Dá-me cá a minha espada,
» Toma tu aquella lança...
» Nem te vale, ó desgraçada,
» Ser duqueza de Bragança?..
» Hoje serás degolada,
» Vou cevar minha vingança...
» Sortiu effeito a cilada,
» Vamos lá, e sem tardança.

Bate á porta da pousada
Onde habitava a duqueza,
Diz queria agoa rozada,
Tem no 'stomago dureza.
Oh! quem abre aquella porta?!
Abri! que a furia recresce!
Seu furor já mal soporta,
O tardar mais o enfurece.

DUQUE.

» Onde está vossa senhora?
» Aonde está Leonor?

BEATRIZ EANES.

» Eu deitada estava agora,
» E vim abrir-vos, senhor,
» Mas da réza é a sua hora,
» Se o meio da noute fôr.

Foi ao quarto da duqueza,
Ali ninguem encontrou;
E qual foi sua sorpreza,
Co' os filhos seus quando a achou?!

DUQUE.

» Que fazeis aqui, senhora,
» O que fazeis vós aqui?

DUQUEZA.

» Ouvi chorar inda agora,
» Aos seus gritos accudi.

DUQUE.

» Dormem todos, nenhum chora,
» Nem chorar eu os senti:
» Que fazeis aqui, senhora,
» O que fazeis vós aqui?

DUQUEZA.

» Ouvi ruido, e cuidosa
» Para o pé delles corri;

» E may terna, e carinhosa,
» Por meus filhinhos tremi.

DUQUE.

» Que fazieis vós, senhora,
» A' porta quando bati?
» Aonde esp'rára uma hora,
» Por agoa que vos pedi?..

DUQUEZA.

» 'Stava ao pé dos teus filhinhos,
» Vozes tuas não ouvi,
» Por isso com mil carinhos
» Dar-te a agoa não corri.

D'ali sahiu furioso,
Torna ao quarto da duqueza,
Tudo procura cioso,
Té encontrar sua prêza.
Vê barrete ao pé do leito,
De rica joia adornado,
Redobra a furia em seu peito,
E' d'Antonio Alcoforado.
Seu barrete lhe cahíra,
Quando a amada o escondêu,
O seu barrete o trahíra,
Já o duque o conhecêu...
A alcatifa, iroso, afasta;
Desgraçado! já o víu...
Pelos cabellos o arrasta;
De raiva, e prazer bramiu.

De giolhos, de mãos postas,
A vida pede o infeliz,
Com palavras bem dispostas
Dest'arte ao duque assim diz:

ANTONIO ALCOFORADO.

» Senhor Duque, perdoai-me
» Culpa d'amor comesinha,
» E por quem sois escutai-me,
» Por desculpar culpa minha.

DUQUE.

» Morrerás, Alcoforado,
» Morrerás morte cruel;
» Has de morrer degolado,
» E a duqueza infiél!

ANTONIO ALCOFORADO.

» Ella?! Senhor! innocente,
» Culpa não tem, eu vos juro...

DUQUE.

» Então quem é delinquente?
» Diz, ó infame, ó perjuro!

ANTONIO ALCOFORADO.

» Jurei, senhor, não dizê-lo,
» Labios meus não o dirão.

DUQUE.

» O seu nome eu hei de lêr-lo
» Dentro do teu coração,
» Que ha de abrir este cutélo,
» Que tenho agora na mão.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Vós, senhor, podeis fazê-lo,
» Tendes a força, e eu não;
» Justo remorso haveia tê-lo
» D'injusto ser... mas em vão.

DUQUE.

» Diz-me o nome... que ao sabê-lo
» Eu te darei o perdão.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Assim, não quero mer'cê-lo,
» Perjuro fôra eu então.

DUQUE.

» Mas de quem tens esta prenda
» Que o teu barrete adornava?

ANTONIO ALCOFORADO.

» Quem ma deu, deu-ma em offrenda
» Do puro amor com que amava.

DUQUE.

» Já seu nome delataste,
» Infame! tu vais morrer;
» Tu mesmo a condemnaste...
» Nada mais quero saber...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Dai-me, senhor, um momento
» Em que ao céo peça por mim;
» Não queirais que o meu tormento
» Eterno seja, sem fim.

DUQUE.

» Vai chamar, ó Fernão Velho,
» Algum dos meus capellães,
» Não será por meu conselho
» Que almas se percam de cães:
» Ide chamar a Diego,
» E que traga o seu manchil,
» Degole braço de negro
» Pescoço de um homem vil.
» Fernão Rodrigues, ficai
» Em guarda do condemnado...

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA.

» Senhor Dom Jayme, attentai,
» Talvez estejais enganado...

ANTONIO ALCOFORADO.

» Pedi perdão, Fernão Pereira,
» A meu pay, a minha irmã,
» Do meu fim triste maneira
» Contai-lhe em vindo a manhã.
» A Pero Vaz dai a espada,
» Que a meu irmão a entregue,
» De sangue não está manchada,
» O seu perdão não me negue.

Já chegou o confessor,
Já fez sua confissão,
O seu peccado era amor,
Dêu-lhe o padre a absolvição.

ANTONIO ALCOFORADO.

» Ora tapai-me a cabeça,
» Não veja eu algoz tão feio;
» Mêdo em mim não vos pareça,
» Que a morte já não receio.

A cabeça lhe taparam,
O negro alçou a mão,
D'um só golpe lhe rolaram
Cabeça, e tronco no chão.

DUQUE.

» Ide, ó padre, confessar
» A duqueza Leonor,
» Ide sua alma livrar

» Das penas d'eterna dôr,
» Que após a quero matar
» Junto do seu amador.

Lopo Garcia (*Capellão*)

» Dizei, senhora duqueza,
» Dizei-me os vossos peccados,
» Qualquer que seja a torpeza,
» Perdoa-os Deus, confessados:
» O senhor duque o ordêna,
» Matar-vos quer, ó senhora,
» Elle a morrer vos condemna,
» Iroso espera ali fóra.

Duqueza.

» Padre! não tenho peccados,
» Peccados p'ra confessar,
» Se meus dias estam contados,
» Contados ham de acabar.

Lopo Garcia.

» Eterna condemnação
» D'um Deus justo receai;
» Pedi, contricta, o perdão,
» Que elle é juiz, mas é pay.

Duqueza.

» Padre! não tenho peccados,
» Peccados pr'a confessar,

» Deus só castiga os culpados,
» Culpa em mim não ha de achar.

LOPO GARCIA.

» No vosso quarto encontrado,
» Atrás do leito escondido,
» Foi Antonio Alcoforado
» Por vosso proprio marido:
» O senhor duque ordenou
» Que eu o fosse confessar,
» E apenas se confessou
» Diego o foi degolar.
» Ah! senhora! confessai-vos,
» Confessai-vos por quem sois...
» De vossa alma apiedai-vos,
» Tarde será ao depois.

DUQUEZA.

» Padre! não tenho peccados,
» Peccados a confessar,
» De meus dias desgraçados,
» Magoas, penas, vam findar.
» Innocente, não me queixo,
» Nem me aviltára a pedir;
» Com saudade os filhos deixo,
» E áquelle que me ferir...
» Foi contra sua vontade
» Que o Duque me desposou,
» Quer gozar da liberdade,
» E bom ensejo ora achou.
» Desejava a minha morte?

» Pois bem, que venha matarme;
» Fica livre da consorte,
» Que mais quer p'ra assasinar-me?..
» Que importa ser innocente,
» Se o juiz 'stá prevenido?
» O seu odio me desmente,
» O innocente é punido.
» Um dia justificada,
» Tarde... serei eu, por fim;
» Talvez então seja amada,
» Talvez chore então por mim.
» Adeus, filhos do meu seio!
» Adeus, ó caros filhinhos!
» Por vós a morte receio...
» Quem vos fará meus carinhos?
» E se tiverdes madrasta,
» Minha sorte lhe contai;
» O ser fiel, oh! não basta,
» Bem cruel é vosso pay!
» Por indicios me condemna,
» Indicios, provas não sam,
» A minha morte elle ordena,
» Votou-ma seu coração.
» Padre! não tenho peccados,
» Peccados a confessar;
» De meus dias desgraçados,
» Magoas, penas, vam findar.

DUQUE.

» Inda não está confessada?
» Finda, ó padre, a confissão.

LOPO GARCIA.

» Ella [illegible]tá culpada,
» E' puro seu coração.

DUQUE.

» Inda não está confessada?
» Finda, ó padre, a confissão:
» Perjura, falsa, malvada,
» Não morras sem contrição,
» Que vais já ser degolada,
» Infame, por minha mão.

DUQUEZA.

» Nunca por tal foi julgada
» Raça illustre de Gusmão,
» Nem por mim foi aviltada
» Minha nobre geração.

DUQUE.

» Inda não estás confessada?
» Dá-lhe, ó padre, a absolvição;
» Vai ser a affronta vingada,
» Vingada por minha mão.

Pelo cabello a arrastava,
Com força ao chão a arremeça,
Do collo o véo lhe rasgava
Por que os golpes não lhe empeça:
Tira do cinto o cutélo,

Mede com a vista o lugar,
Onde no collo tão bello
Certeiro golpe quer dar:
Duas vezes brande o ferro,
A' terceira o descarrega,
Mas na cabeça por erro,
Turvada a vista, o empréga:
O sangue jorra em torrentes,
Um ai do seio lhe parte,
E assim murmura entre os dentes
» Oh! queira o céo perdoar-te. »
Primeiro golpe falhára,
O duque irado nem vio,
Dous, trez, quatro lhe acenára,
Só ao quinto succumbio.
Junto ao corpo mutilado
Do que julga seu amante,
Foi pelo duque arrastado
Seu cadaver palpitante:
Duas almas venturosas,
Anjos no céo recebiam;
E canções melodiosas
Do céo as portas lhe abriam.

Na horrivel scena, cruenta,
Naquella scena de horrôr,
O duque a vista apascenta,
Já satisfeito o furor;
Vendo os que julga traidores
Mortos assim, tem prazer,
Como no meio das dores
Genio do mal póde ter:
Um sorriso convulsivo,

Como do inferno á expressão,
Mostra esse prazer tão vivo,
Do vingado coração.

Quem és tu que vens correndo,
Donzella nobre, e tão bella?
Quem és tu que vens tremendo
Formosa, nobre donzella?
Vens buscar o teu amante?
Infeliz! elle morreu;
Té á morte foi constante,
Não trahiu segredo teu.
Vês ao pé delle a innocente
Que teu amor protegía?
Matou-a o esposo inclemente
Julgando que o trahia!..
Fatal joia que te déra,
Tu a déste ao teu amante,
No barrete elle a pozéra,
Viu-a o duque e foi bastante...
Foi bastante, que o ciume
De mais provas não carece...
Uma centelha de lume
Breve um incendio apparece.
As cartas que te escrevia,
Teu emissario as mostrou;
Criminosa parecia
Quando innocente expirou.
O duque n'uma cilada
O teu amante colheu;
Onde estavas, desgraçada?
O teu amor os perdeu.
Leonor! tu os mataste...

Oh! se chegasses mais cedo!...
Mortos já os encontraste,
Ambos guardaram segredo...

LEONOR.

» Duque, e senhor, oh! matai-me,
» Matai-me já, por quem sois!...
» Sou a culpada, livrai-me
» Da morte que destes aos dois.
» Eu amava Alcoforado,
» Duqueza me protegia,
» E era tanto o seu agrado
» Que em seu nome lhe escrevia.
» Por concertar a maneira
» De nos poder-mos casar,
» Esta noute derradeira
» Aqui me veio falar:
» Por salva-lo atrás do leito,
» Sem a avisar, o occultei,
» Rasgai, senhor, o meu peito,
» Meu crime já confessei.

DUQUE.

» Innocente! e eu matei-a!

LEONOR.

» Eu, senhor, sou a culpada...

DUQUE.

» Innocente! assassinei-a!!

LEONOR.

» Crava em mim a tua espada...

DUQUE.

» Mas para que mais um crime?
» Não: não hei de commetter...
» A tua vista me opprime,
» Longe daqui vai morrer.

A donzella desgraçada
N'um convento professou,
Viveu vida amargurada,
A vida triste acabou;
Mas no céo, feliz morada,
O seu amante esposou.

Nobre duque de Bragança
De pesar enlouqueceu,
E do céo justa vingança,
Remorso horrivel soffrêu. —
Mettido n'uma cisterna,
Veste grosseiro burel,
A sua alma então já terna
Pêna tormento cruel.
Mas nem aspero cilicio,
Nem preces, nem devações,
Minoram d'alma o supplicio,
Tiram do peito afflições.
Um fantasma sempre o segue,
Sem descançar, noute e dia,
O seu remorso o persegue,
E descançar não podia.

Pára aqui, ó trovador,
Pára aqui tua canção,
Pela duqueza, e Leonor,
Pede um ai do coração;
E pelo cégo amador
Um responso, uma oração.

FIM.

NOTAS.

A acção deste romance é tão rapida, como as scenas da terrivel, e verdadeira tragedia, que se representou no paço ducal de Villa-Viçosa, na fatal noute de 2 de Novembro de 1512.

Nem a noute que precede o dia *de finados* podia ser mais propicia, ou menos agoureira!

Creio que consegui neste romance unir a mais escrupulosa verdade na narração, á simplicidade do enredo, e rapidez da acção. O leitor não gastará mais tempo lendo-o, que os actores pozeram representando-o realmente.

Não me contentando só com o que se acha tão doutamente escrito no tomo V. da *historia genealogica da casa real*, desde pag.

575 até 592, fui á Torre do Tombo, precioso archivo dos nossos mais raros, e antigos documentos, e lá achei na gaveta 11.ª, maço 8.º, n.º 16, o processo da infeliz duqueza de Bragança D. Leonor de Mendoça; ou para melhor dizer o summario a que mandou proceder o duque D. Jayme seu marido, e seu algoz, no acto continuo, e successivo de sua morte, e da do desditoso Antonio Alcoforado, por elle mandado executar, por o achar no quarto de sua mulher a deshoras, escondido atraz de uma alcatifa, perto de seu leito.

D. Antonio Caetano de Sousa na obra citada diz a pag. 576.

» Examinou (o duque) como honrado, creo
» como cioso, e executou como malancolico; e
» querendo disculpar tão injusto caso, fez de-
» pois tirar uma inquirição, e devaça da morte
» da Duqueza pelo Bacharel Gaspar Lopes,
» Ouvidor da sua casa, e João Alvares Mou-
» ro, Juiz ordinario de Villa-Viçosa, em que
» as testemunhas não podião ter legalidade,
» por serem todas da familia, e obrigação do
» Duque, não servindo as informações deste
» caso mais, que mostrar uma affectada jus-
» tificação; porque não podem destruir a fa-
» ma, e constante opinião da innocencia,
» umas disculpas, que lastimão, e fazem mais
» sentida esta tragedia. Foy o motivo deste
» injusto ciume Antonio Alcoforado, Moço
» Fidalgo de poucos annos, que ainda não
» cingia espada, filho de Affonso Pires Al-
» coforado, que na casa do Duque tinha o

» mesmo foro de Moço Fidalgo, e servia no
» Paço do Duque, e a quem a Duqueza tinha
» mostrado estimar em algumas occasioens,
» com que augmentando-se os falsos indicios,
» chegaram ao ponto da mayor fatalidade. Não
» quiz o Duque ser o executor da sua morte,
» e assim mandou chamar a Lopo Garcia,
» seu Capellão, para o confessar, e depois
» por hum negro com hum manchil da cosi-
» nha lhe foy cortada a cabeça. A Duqueza,
» que ignorava o que se passava, ouvindo
» hum grande ruido, assustada do estrondo
» foy em busca de seus filhos, e sobre a ca-
» ma, em que elles estavão, a achou o Du-
» que, e vendo-a, voltou, e mandou entrar
» o Capellão para a confessar, e tendo-o fei-
» to, entrou o Duque, a quem a Duqueza
» animosamente perguntou, porque a queria
» matar? E dizendo-lhe o Duque, porque lhe
» fora traidora, ella lhe respondeo: nem eu
» sou traidora, nem meus avós o forão nun-
» ça; e com muitas outras razoens lhe dispu-
» tou a accusação com tanta constancia, que
» o Duque se deu quasi por convencido, e
» das persuasoens do Capellão, que clamava
» pela sua innocencia; e sahindo da casa o
» persuadio hum criado chamado Pedro Vaz,
» a que voltasse, o que com effeito fez o Du-
» que, e sendo o executor da morte, com
» cinco feridas lhe tirou a vida. »

Pelo que pertence á narração do facto se-
gui á risca o depoimento das testemunhas que
menos suspeitas me pareceram, e que contam

o facto com pouca differença nos incidentes delle.

Julgo todavia ser agradavel aos que não tem meios de approfundar a nossa historia, transcrevendo o auto do summario a que o Duque mandou proceder; e é como se segue:

« Anno &c. Aos dois dias do mez de Novembro, 1512, duas horas ante manhãa pouco mais ou menos, em Villaviçosa nas casas do Reguengo, onde ora pousa o Sr. duque de Bragança, foi chamado o bacharel Gaspar Lopes, ouvidor de sua senhoria, e João Alvares Mourro, juiz ordinario na dicta villa. Pelo dicto Sr. duque &c. foi dicto ao dicto ouvidor e juiz, perante mim tabellião, que elle tinha morta a senhora duqueza sua mulher D. Leonor, e assi Antonio Alcoforado, filho de Affonso Pires Alcoforado, moço fidalgo de sua casa, por os achar ambos, e achar que dormiam ambos, e lhe commetterem adulterio; pelo que o dicto ouvidor e juiz se foram a uma camara, onde a dicta senhora sohia (*costumava*) a dormir; e ahi jazia morta a dicta senhora duqueza, e assi o dicto Antonio Alcoforado, juncto na dicta camara, um juncto do outro, o qual foi vista a dicta senhora por o dicto ouvidor, e juiz, e Gonçalo Lourenço, tabellião, que era presente, e eu Alvaro Pacheco; e tinha uma grande ferida por baixo da barba, degolada, que cortára o pescoço ácerca (*á roda*) todo, e outra grande ferida por detraz, na cabeça, que lhe cortava a cabeça quasi toda, que lhe appareciam os

miolos; e juncto com a dicta ferida tinha outras tres muito grandes feridas. E o dicto Alcoforado tinha o pescoço corto (*cortado*); e em a cama da dicta senhora estava um barrete, dobrado de volta, preto, que diziam esses que ahi estavam que era do dicto Antonio Alcoforado, e o dicto ouvidor, e juiz mandaram fazer este auto, para por elle perguntarem algumas testemunhas sobre o dicto caso, e mandaram ao dicto Gonçalo Lourenço e a mim tabellião, que assignassemos este auto; a qual dicta senhora duqueza estava vestida, e tinha uma cota de velludo negro barrado de setim preto, com uns perfiles de tafetá amarello, e um sainho de velludo negro, e uma cinta de setim raso aleonado; e assi o dicto Antonio Alcoforado estava vestido; e tinha um gibão de fustão prateado, com meias mangas, e colar e pontas de velludo roxo, e umas calças vermelhas, e uns borzeguins pretos, e çapatos, e um saio preto, e uma cinta de coiro preto com uma guarnição de prata: e antes que se acabasse este auto de fazer, chegaram Diogo de Negreiros, escrivão de ante o dicto ouvidor, e vio os sobredictos na dicta camara jazer mortos: &c. »

O remorso do Duque, suas austeras penitencias, e cilicios, sam prova evidente da innocencia da infeliz duqueza D. Leonor de Mendoça, cuja plena justificação pode vêrse na *historia genealogica da casa real*, nos lugares indicados.

O temperamento irascivel, e menencorico

do duque D. Jayme, tinha-se azedado com o casamento que com ella celebrou contra vontade, e por satisfazer ás *razoens d'estado.*

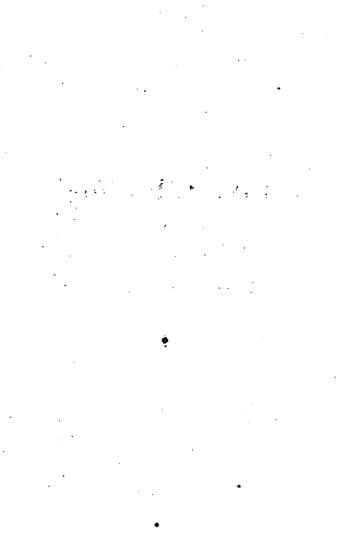
As apparencias condemnavam a duqueza... dahi se tira a moralidade — *ninguem deve julgar por ellas, devendo ser prudente, e nunca arrebatado.*

O actual representante da casa de *Alcoforado*, é meu primo, e amigo o Exm.º Sr. Barão de Villa Pouca.

As Barbas do Viso-Rey.

DEDICADO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

Condessa de M.

AS BARBAS DO VISO-REY.

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno;
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi..............................
....
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do Mundo Rey, se de tal gente.

CAM. LUS.

CANTO I.

Está por terra a fortaleza,
Jazem os muros no chão,

Não tem Dio mais deffeza
Do que os peitos do christão.

Distantes só duas legoas,
Estam em Suna os inimigos,
E com elles não ha tregoas,
Imminentes sam os p'rigos.

O viso-rey Dom João
O seu filho já perdeu,
Mas seu nobre coração
Nem assim estremeceu.

Ao illustre Dom Fernando
Muitos na morte seguiram,
O seu valor imitando,
Morte e gloria conseguiram.

Os d'elrey fieis vassallos
Só vivem para vencer,
Pode a morte derruba-los,
Cantam victoria ao morrer.

Peste, fomes, privações,
Tudo soffrem sem queixume,
Que dos lusos corações
Sempre foi este o costume.

Sua espada vencedora
Submette o rey de Cambaya,
E nos reynos lá da aurora
Plantam as quinas na praia.

Ninguem pode competir
Com os nobres portuguezes,
Aos seus golpes resistir
Não podem sayos, arnezes.

Estava Dio descercada,
Já morreu Coge Çofar,
Mas toda desmoronada,
Que facil fôra o entrar.

Curvado por mil cuidados
Estava triste o viso-rey:
» Meus trabalhos são baldados,
» Triste de mim! que farei? »

Isto comsigo dizia,
Que seu rosto o não mostrava,
Sombra alguma transluzia
Da magoa que o magoava.

» Os Lascarins não trabalham,
» Se o jornal lhes não pagar,
» E por hi já muitos ralham
» As obras por começar:

» Não tenho prata, nem ouro,
» Não tenho joias, riqueza,
» E do meu rey o desdouro
» Como salvar com nobreza!

» Tenho o corpo de meu filho,
» Mandarei desenterra-lo,
» Este penhor tem mais brilho,
» Eu saberei resgata-lo. »

Assim fez, que Dom Fernando
Mandou se desenterrasse,
Aquelle penhor offertando
Talvez dinheiro encontrásse.

O cadaver mutilado
Para penhor não servia,
Pelos vermes devorado
Apenas se conhecia.

» Não irá » disse, e calou....
Mas que idéas são as suas?
A sua alma trepidou?
Teme acaso as mouras luas?

Vinte mil pardáos carece
Para os muros refazer,
Peste, e fome os desguarnece,
Os mouros podem vencer:

O corpo de Dom Fernando
Não lhe serve de penhor,
O sèu filho hypothecando,
Déra aos seus brios, valor.

Mil juizos, mil razões,
Os soldados já faziam,
Nèm faltam murmurações
Que os capitães reprimiam.

» As minhas barbas serão
» O penhor dessa quantia,
» E se bastantes não sam,

» Mandarei meu coração,
» Por augmentar-lhe a valia,
» E após mim outros virão
» Que lhe darão alforria
» E o penhor resgatarão. »

Cortou as barbas honradas,
A Goa logo as mandou,
Para serem penhoradas,
Na forma como ordenou.

Diogo Roiz de Azevedo,
Leva cartas, e penhor,
E a resposta bem cedo
Traz assim, deste theor.

» De Gôa o povo, a nobreza,
» O penhor não aceitava,
» Do viso-rey a grandeza
» E seu valor celebrava:
» Vinte mil cento, e quarenta
» E seis pardáos, remettia
» Como dom, e o dom augmenta
» No modo como o offerecia.
» Os penhores, que mandaste,
» Outra vez os remettemos;
» E muito mal nos julgastes
» Se julgais os carecemos:
» A Dio vós libertaste,
» Seus muros nós lhos faremos,
» Do filho, que lá deixastes,
» O sepulchro guardaremos.

A carta dos da cidade
Estas palavras dizia,
Em que a honra, a lealdade,
Desinteresse, transluzia.

Onde estam esses penhores,
De honra antiga portugueza?
Joias mais ricas, melhores,
Da nossa antiga nobreza?

De Penha-Verde na quinta,
Em redoma de cristal,
Está a joia mais distincta
De quantas tem Portugal.

Trovador! em teus cantares
Recorda as glorias antigas,
Iguaes feitos singulares
Talvez, ó patria, consigas.

FIM.

NOTAS.

Digno era este assumpto de maior, e melhor poema: sirva-me porem de desculpa have-lo composto em pouco mais de duas horas.

Estava uma pequena, mas mui escolhida sociedade em casa do Ex.mo Sr. Conde de M. Era uma longa noute do mez de Fevereiro de 1839: todos estavam tristes, porque todos sentiam a morte do nosso amavel compatriota, o tão illustre, e tão litterato conde de Sabugal, que naquelle dia déra á terra o que é da terra.

Os donos da casa communicavam, porem, ás suas visitas aquelle prazer terno da melancolía, que só o pode avaliar quem muito o sabe sentir.

A musica, e o jogo estavam proscriptos por então: a leitura veio substituir aquelles dous ordinarios divertimentos. Com quanto prazer não ouvi as bellas descripções de Italia; as ricas scenas de um dos mais lindos romances historicos, de que nos fez confidentes o muito erudito dono da casa?! Pena é que tão bella obra, que tanto augmentaria os seus titulos, e provaria que nas lettras é tão versado, como nas bellas artes, esteja esquecida por seu author, privando os portuguezes daquelle tão valioso presente!

Acabada a leitura, ordenou-me a Snr.ª Condessa que compozesse algum romance para o seu *album*: pedi-lhe o assumpto, e depois de hesitar um momento, disse — *as barbas do Viso-rey*. —

No dia seguinte, antes de ir para o baile da *assembléa estrangeira*, tive a honra de offerecer a S. Ex.ª o presente romance, que é extrahido da *vida de D. João de Castro*, pag. 220, da edição de 1835, que diz assim:

» Poucos dias descançou o Governador nos
» ocios da victoria, porque entrou logo em
» cuidados molestos de reedificar, antes fun-
» dar, a fortaleza desda primeira pedra;
» obra, que a necessidade fazia precisa, o
» aperto impossivel; porque as despesas de
« tão prolixa guerra tinhão apurado as ren-
» das do Estado, & sobre ellas se havião fei-
» to empenhos, que só se podião remir com
» a paz de muitos annos; porèm o Gover-

» nador, sem se atar aos inconvenientes,
» começou a dar principio á nova fabrica,
» desenhando em fórma differente, que a
» antigua, porque a juizo de homens intel-
» ligentes, convinha estender o sitio, en-
» grossar o muro, fazer os baluartes mais
» vezinhos, & lavrar armazens para recolher
» as munições & mantimentos, em parte en-
» xuta, em que se conservassem bem acon-
» diçoados, differentes dos outros, que pola
» humidade do terreno, corrompião os bas-
» timentos. Os materiaes não se podião com-
» prar, nem conduzir sem pagas, & jornaes;
» pedreiros, peões & architectos, pedião suas
» ferias. Não tinha o Governador baixellas,
» nem diamantes de que poder valerse, assi
» recorreo a outros penhores, a que a fide-
» lidade deu valia, a natureza não. Man-
» dou desenterrar os ossos de seu filho Dom
» Fernando para fazer d'elles á Cidade de
» Goa, hum nunca visto empenho; mas co-
» mo a terra inda tivesse o corpo mal gas-
» tado, cortou da barba alguns cabellos, so-
» bre que pedio vinte mil pardáos á Came-
» ra de Goa, abrindolhe o amor da patria
» huma estranha porta, por onde não sou-
» bérão entrar aquelles fidelissimos Décios,
» Curcios, & Fabios, de que Roma ainda
» hoje soberba, de entre as ruinas de seu
» Imperio, lhe salvou a memoria . . . . .
» . . . .

» Chegado o mensageiro a Goa, lhe res-
» pondeo o Povo com maior quantidade, que

» a pedida, vendo que tinhão hum Gover-
» nador tão humilde para os rogar, tão gran-
» de para os defender. Remettêrãolhe outra
» vez aquelles honrados penhores, que hoje
» se conservão em mãos do Bispo Inquisi-
» dor Geral seu dignissimo neto, que os re-
» colheo em huma urna, ou pyramide de cris-
» tal, assentada em uma base de prata, na
» qual estão gravados em torno disticos dif-
» ferentes, que fazem de acção tão illustre,
» enganhosa memoria, ficando aos successo-
» res de sua casa este honrado deposito, co-
» mo para fazer hereditarias as virtudes de
» Dom João de Castro. »

O Ex[mo] Sr. Antonio de Saldanha de Castro Ribafria é o actual herdeiro, e representante do immortal D. João de Castro, IV viso-rey da India.

Frey Luiz de Souza.

DEDICADO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

A. E. de S. C.

FREY LUIZ DE SOUZA.

Estavas . . . . posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fruito,
Naquelle engano d'alma, ledo, e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
. . . .
. . . .
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CAM. LUS.

I.

Hoje resto mortal, em pó desfeito,
Ali jaz no convento de Bemfica

Um nobre coração, ousado peito,
Que out'rora ennobreceu a patria rica:
D'amor ás ternas leis sempre sugeito
Os baldões supportou da sorte iníca,
E cheio de pezar, d'amor profundo,
Pelo claustro deixou a esposa, o mundo.

II.

Filho quinto de um nobre cavalleiro
Não tinha mais de seu que a sua espada,
Quizéra possuir o mundo inteiro,
Para o mundo offertar á sua amada;
Que elle ama d'um amor tão verdadeiro
Donzella tão gentil, tão adorada,
Que por ter sua mão, tudo fizéra,
Renegára o seu Deus, se ella o quizéra.

III.

Magdalena o seu nome, e tão fermosa
Não foi por certo a linda peccadora,
Que após vida viver licenciosa
A penitencia fez atterradora,
Que alfim lhe deu o céo, aonde goza,
A ventura dos justos, duradôra;
Pois seu rosto servíra, peregrino,
De modêlo ao pincel do grande Urbino. *

IV.

Era nobre como elle, como elle amava,
Era pobre como elle, rica de encantos,

* Raphael Urbino, o celebre pintor.

E suspira como elle, que adorava,
E vertia como elle saudosos prantos;
Como elle do mundo o imperio desejava,
Mas só queria p'ra elle os sceptros, mantos:
Manoel de Sousa, pobre, mais queria
Que a terra, o céo, o mar, e quanto via.

V.

Mas seu illustre pay, nobre Vilhêna,
Dispoem, a seu pezar, seu casamento,
O seu tão puro amor elle condemna,
Sem ouvir os seus ais, vêr seu tormento;
E para maior dôr, mais cruel pena,
A fez ali casar, naquelle momento,
Forçando um coração puro, innocente,
A dizer ante o céo o que não sente.

VI.

Com a casa real aparentado
Dom João Portugal é seu esposo,
Nobre, rico senhor, muito esforçado,
E nèto do senhor de Vimioso;
De Magdalena amante pressuroso
Tudo faz por obter o seu agrado;
Mas quando o coração está n'outra parte
E' escusado teimar, não se reparte.

VII.

Quem podéra contar a dura magoa
Do mancebo infeliz, do terno amante,

Do fogo do ciume a ardente frágoa,
De seus olhos a chamma scintillante!
Seus prantos sam de fogo, não sam d'agoa,
Cahindo abrazam seio palpitante;
Que o peito, que até-li d'amor batia,
Os tormentos do inferno então sentia.

VIII.

Antes penar do inferno eternas dores
Que vêr outrem gozar, á nossa vista,
Da nossa amada os mimos, os favores;
E pode haver alguem que a tal resista?
Que se possa conter em seus furores?
Que de gêlo sua alma então revista?
Ah! não: não pode haver quem tal supporte
Sem luctar co'rival, sem dar-lhe a morte.

IX.

O amante infeliz em vão procura
Provocar o rival que detestava,
Que elle soube seu amor, sua ternura;
Sua raiva, e furor lhe perdoava;
Sem o querer lhe causou a desventura,
Das magoas do infeliz se magoava,
Regeita o seu cartel, não por fraqueza,
Que é valente por sangue, e natureza.

X.

Não podendo cevar furias do peito,
Não podendo morrer, odiando a vida,

A's santas leis de Deus tendo respeito,
Da terra tendo a esperança já perdida,
C'os mouros vai luctar, este o preceito
Na ordem do Hospital esclarecida;
Manoel de Sousa ali entra noviço,
De Malta nas galés toma serviço.

XI.

Contra imigos da fé as raivas céva,
Descarregando golpes redobrados,
Entre os bravos a palma sempre leva,
Que é primeiro nos feitos mais ousados;
Nem sua alma outro premio lhe releva,
Quer findar por est'arte os seus cuidados;
Pois morrendo no campo inda teria
De Magdalena um ai — feliz morria.

XII.

Pouco tempo tardou que a sua sorte
Não visse em cativeiro convertida,
Quasi morto escapando ás mãos da morte
Quando sua galé ficou rendida:
O mouro galeão era mais forte,
A peleja foi tal, e tão renhida,
Que nenhum dos christãos ficou cativo,
Senão exhausto já, e semi-vivo.

XIII.

Das feridas mal curado, lhe pozeram
Em suas nobres mãos duras correntes,

Mil barbaros tormentos lhe fizeram,
Como sohem fazer aquellas gentes;
Mas todos esses tratos não poderam
As lembranças varrer-lhe, tão pungentes;
Augmentando o rigor do cativeiro
As saudades ao triste cavalleiro.

XIV.

Da sua redempção elle não cuidava,
Só pensando em morrer, a morte espéra,
Como fim de seus males desejava
Do passamento a hora horrenda, e féra:
Esta idéa da morte o consolava,
Que de tanto penar se desespera,
Quando vê que lhe tiram seus grilhões,
E as portas se abrem d'infernaes prisões.

XV.

Alegres vê sahir os companheiros
Que tiveram, como elle, o seu resgate,
Formando mil projectos lisongeiros,
Ou de esperanças d'amor, ou de combate,
Aos sonhos de prazer, sonhos fagueiros,
Seu triste coração porem não bate;
Não espera venturas, desgraçado!
Os ciumes crueis o tem ralado.

XVI.

Chega á patria por fim, entra em Lisboa,
Que de luto coberta o recebia,

Pois Dom Sebastião perdêra a corôa
Em Alcacer-quibir, e a monarchia:
De sua morte a nova se apregôa,
O esposo; o filho, o pay, cada um carpia,
Ou cativos, ou mortos lá ficaram
Infelices que o rey acompanharam.

XVII.

Dom João Portugal, d'elrey valído,
Embarcára tambem, com elle morrêra;
Seu corpo junto a elrey cahiu ferido,
Ao seu lado, fiel, sempre estivéra;
Entre montões de mortos conhecido
Pelos golpes que deu, e recebêra,
Todos dizem — morreu — heroe valente,
Vivo deixando o nome eternamente.

XVIII.

Na sua viuvez desconsolada,
Magdalena carpia a sua sorte;
Vai lembrança do amante misturada,
Com lembranças do pay, e do consorte;
A saudade do amante é mais chorada,
Por elle pena mais, pena mais forte,
A si mesma porem ella occultava
A razão porque triste assim chorava.

XIX.

Quando carpia morto o seu amante,
Ella o vê junto a si; cheia de gosto,

Nos seus braços o aperta delirante;
E beija as suas mãos, as faces, rosto;
Olvida com prazer naquelle instante
As magoas que penou, o seu desgosto;
E dentro d'alma affectos mal contendo,
Não os poude occultar o amante vendo.

XX.

Uma filha gentil os céos lhe deram,
Pois acabado o luto se casaram,
As graças, perfeições, nella cresceram,
Mas os céos para si a cobiçaram:
Inveja dos mortaes anjos tiveram,
Companheira nos céos a desejaram;
E seu pay, sua may, sem ter conforto,
Pedem tristes ao céo filhinho morto.

XXI.

Viviam de se amar, e de dize-lo
Nos coloquios d'amor, tão arrobados,
Não conhecendo nunca o frio gêlo
De gastos corações, já saciados;
Este gozo celeste, conhece-lo
Só podem os que foram desgraçados,
Quem magoas não soffreu não o conhece;
Das magoas nasce amor, co'as magoas cresce.

XXII.

Como correm ligeiros os momentos
De ventura e de amor, sempre tão curtos,

E como sam tão longos os tormentos
Quando n'alma os pezares estam surtos!
As penas, e afflições nos vem aos centos,
Os prazeres, os gostos, vem a furtos:
Durando o nosso bem curtos instantes
Para penas gerar mais penetrantes.

XXIII.

Em Almada habitavam; quando um dia
Um peregrino vem pedir pousada,
Que á Terra Santa foi de romaria,
Da romagem voltava á patria amada:
Um recado tambem diz que trazia,
Que o fez por hi fazer sua jornada;
Na Terra Santa, diz que lhe foi dado,
E deseja cumprir o que ha jurado.

XXIV.

Estava só com frei Jorge, Magdalena,
De seu esposo irmão muito querido,
Fez entrar o romeiro, e logo ordena
De refrescos ali seja servido;
Mas não sabe porque secréta pena
Lhe tem o coração como opprimido,
Deseja, e teme ouvir o peregrino,
Como se ali pendesse o seu destino.

XXV.

Raras vezes nossa alma nos engana
Nos agouros fataes, que precursores

Sam da sorte cruel, impia, tiranna,
Que se apraz de augmentar as nossas dores;
Certos avisos sam que a deshumana
Nos prepara, e nos trás novos rigores;
Sam annuncios do céo qu'uma alma afflicta,
Sem saber a razão, sempre acredita.

XXVI.

Magdalena pergunta ao peregrino,
Qual recado lhe traz, e quem lho déra?
O romeiro responde em tom benino,
Como se o gasalhado agradecêra;
Suas palavras cheias sam de tino,
E dest'arte relata ao que viéra:
» Na terra santa, alguem me disse, triste,
» Que só pensava em ti, por ti existe. »

XXVII.

» O seu nome não sei, não quiz dise-lo,
» Mas pediu-me por Deus, se cá voltasse,
» Seu recado viesse cá traze-lo,
» Exigindo de mim que lho jurasse:
» Se o visse, podéra conhece-lo,
» Como se agora mesmo me falasse;
» E como já cumpri minha promessa,
» Permitti-me, senhora, me despeça.

XXVIII.

Como quando na selva o caminheiro
Assaltado por féras d'improviso,

Não sabe que fazer, fim derradeiro
Julga vêr ante si, e perde o sizo;
Assim ficou a dama, que o romeiro
Lhe turvou a razão, turva o juizo;
Pois sua alma tranzida já receia
Seja certo o que ouviu, fatal idêa!

XXIX.

O romeiro conduz a outra sala
Onde estam os retratos pendurados,
Por guardar a memoria, e conserva-la
Dos heroes da familia sublimados:
E frei Jorge ao romeiro assim lhe fala
Por tirar Magdalena a seus cuidados:
» Com algum dos retratos se parece
» Quem te deu o recado? » Elle estremece.

XXX.

» Com aquelle, que ali está, é tão parecido
» Como se fôra o seu, tem só differença,
» O outro tenha já envelhecido,
» Que no mais é igual sua parecença:
» O seu cabello tinha encanecido,
» Não por annos, por magoas, por doença,
» E juro que foi elle que me falára,
» E que, ao dar-me o recado, soluçára.

XXXI.

De João de Portugal era o transumpto
Que o romeiro mostrou que se parecia;

Escapou na batalha, em que defunto
O julgaram os seus, porque jazia;
D'elrey igual historia, triste assumpto,
Tambem que não morrêra se dizia,
Pois muitos que se disse lá morreram,
Passado muito tempo appareceram.

XXXII.

Como raio que assombra o viandante,
E por terra o lançou frio, e tranzido,
Magdalena cahiu agonisante
Que aos lindos olhos luz tinha fugido.
Inda vive o marido... o seu amante
Considera p'ra sempre haver perdido...
O' triste condição! infausta sorte!
Mais dura de soffrer, peor que a morte.

XXXIII.

Manoel de Sousa andava então caçando,
A noticia fatal não aguardava,
Da caça nos prazeres só cuidando,
Alegre para casa se tornava,
Apenas elle entrou, caso nefando,
Frei Jorge, seu irmão, lhe relatava
Os pezares da afflicta Magdalena,
Seus prantos, e suspiros, sua pena.

XXXIV.

O que deve fazer, triste procura!
Deixar a amada após amor tão fino!

Não lho consente amor, sua ternura
Lhe chamára cruel, impio, ferino!
Maldiz o fado seu, e desventura,
Maldiz a hora em que o peregrino
Lhe roubou a illusão que era tão doce
Fazendo que infeliz p'ra sempre fosse.

XXXV.

Nesta lucta d'amor tão crua, e féra
A virtude venceu, que era mais forte,
Outra vez possuir a amada espera
N'outro mundo melhor —após a morte:
O seu tão puro amor, que lhe tivéra,
Ao mundo quer mostrar por esta sorte,
Trocando o seu arnez por saio pobre,
Professando humildade homem tão nobre.

XXXVI.

Da penitencia em asperos rigores
Muitos annos viveu o desgraçado,
Dos cilicios soffrendo acerbas dores,
Mais faceis de soffrer que o seu cuidado:
Que sempre tem presente seus amores,
Peregrino fatal, fatal recado;
Não podendo olvidar, nem um instante,
Magdalena gentil, sua terna amante.

XXXVII.

Bem quizéra esquecer-se da ventura
Cuja saudade o faz tão desditoso,

Bem quizera olvidar sua ternura
Que já outr'ora o fez tão venturoso!
Em vão mudando o nome elle procura
Mudar seu coração, dar-lhe repouso,
Chamando-se Luiz, não menos sente
O tormento d'amor, sempre pungente.

XXXVIII.

Seu exemplo seguiu a sua amada,
Do Salvador entrando no convento,
Ali suspira a triste, amargurada,
Sem alivio encontrar um só momento;
Saudades tem sua alma acabrunhada
De martyrios, de penas, de tormento:
Pois quando amor é tal, tão puro, e forte,
Só o póde acabar a dura morte.

FIM.

NOTAS.

Este romance fazia parte de um poema descriptivo que eu comecei no fim do verão de 1839, e que tinha por objecto e por titulo, — *uma jornada a Cintra.* — Não o acabei; talvez um dia approveite o trabalho de dous cantos, e de um prologo já concluidos, que tiveram a fortuna de agradar ás poucas pessoas a quem os mostrei.

Dentro em breve nos dará o Ex.mo Sr. Visconde de Juromenha uma riquissima descripção de Cintra, que no prélo tem ha muito: a parte historica, e archeologica sam por elle tratadas magistralmente. — A parte *romantica* pertence ao *trovador*; e se a vida, o tempo, e o *estro* me não faltarem, sendo aquel-

la obra o meu guia, tenciono cantar no meu *alaúde* as tão romanticas bellezas da nossa historia, vinculadas na serra, selvas, e paços de Cintra.

Este romance é como uma pequena amostra daquelle meu começado poema; adrêde o publico entre os outros, pela variedade que meus leitores encontrarão no rhitmo, descançando daquelle genero de trovas, com versos, mais cultos não, rudes sam todos os meus, mas com um genero de versos que entre nós se começaram a usar na epoca mais culta de nossa litteratura.

O assumpto deste romance é extrahido, com a mais escrupulosa exactidão, da 2.ª parte *da historia de S. Domingos, escripta por Frey Luiz de Sousa.*

No principio daquelle volume acharão meus leitores a vida do author. Não segui a memoria escripta pelo Bispo de Vizeu, e publicada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa porque seus argumentos, aliás em estilo mui brilhante, não me convenceram; dando muito mais pezo aos de Frey Antonio da Encarnação, editor daquella parte das obras de Frey Luiz de Sousa, da mesma religião e convento, o qual terminantemente assim se exprime ácerca da causa da profissão dos dous amantes.

» Sobre o motiuo proximo q̃ tiuerão pera
» hũa resolução tam notauel ouuimos fal-
» lar variamẽte; *porèm tomãdo informação*
» *de pessoas que disso tinhão certa sciẽcia*,
» achamos q̃ foy o seguinte. Morauão na

» sua quinta de Almada, & succedeu que
» estãdo ausente Manoel de Sousa Coutinho,
» visitou o Padre Fr. Iorge Coutinho seu ir-
» mão hũ dia sua cunhada D. Magdalena;
» estando ambos praticando, lhe derão recado
» que lhe queria fallar hũ peregrino que vi-
» nha fòra do Reyno. E mandado vir a sua
» presença disse: Senhora sou Portugués,
» fui por deuação ós lugares santos de Ieru-
» salẽ; & querendome ja uoltar pera este
» Reyno me foi demãdar hũ homẽ Portu-
» guès, segũndo se colhia de seu fallar, o
» qual depois de se informar de quẽ eu era,
» & como vinha pera Portugal, me enco-
» mẽdou q̃ passasse por esta villa; & sen-
» do vossa mèrce viua lhe dissesse, q̃ ain-
» da por là viuia quẽ se lẽbraua de v. mèrce.
» Isto he o que me trouxe aqui. Ficou D.
» Magdalena suspẽsa, ouuindo este recado,
» & pergũtou, q̃ estatura de corpo, fei-
» ções, & q̃ cor de rosto tinha o homẽ
» q̃ dera aquelle recado? o peregrino foi
» descreuẽdo todos os accidẽtes, pessoais
» assi como os tinha visto cõ os olhos; &
» tudo quadraua ao viuo, à pessoa de D.
» Ioão de Portugal. Deu hũ desmayo a D.
» Magdalena de Vilhena; o que vẽndo o
» Mestre Fr. Iorge Coutinho leuantouse, &
» sahio cõ o peregrino pera a salla de fòra,
» aonde auia muitos quadros, entre os quaes
» estaua tambem o retrato de D. Ioão de
» Portugal; & disse ao peregrino: Se vir-
» des a imagẽ daquelle homẽ que vos deu

» o recado em Ierusalem, conheceloeis? res-
» pondeo que sim, & correndo os olhos pe-
» los quadros sem demora, apõtou pera o
» quadro de D. Ioão de Portugal, dizẽdo,
» que o homẽ que lhe fallara, todo se pa-
» recia com aquella imagem; & com isto
» se despedio. »

» Este foy o motiuo que ouue pera se apar-
» tar Manoel de Sousa Coutinho de D. Mag-
» dalena de Vilhena, depois de viuerem tan-
» tos annos tão bẽ casados: porque chegãdo
» elle de fóra, ella lhe relatou tudo o que
» tinha passado cõ o peregrino, & o mais
» que tinha visto seu irmão o M. Fr. Iorge,
» assi que visse o que na materia se deuia
» fazer. Não se suspẽdeo, mas respõdeo lo-
» go dizẽdo: Atéagora senhor, viuí em boa
» fê cõvosco; & creo de vós q̃ na mesma
» viuestes comigo: porque fio de vós que
» não casareis outra vez senão tiuereis por
» certo a morte de vosso primeiro esposo D.
» Ioão de Portugal; porêm se foy engano
» inculpauel, ou isto he ordẽ de Deos pera
» escolhermos melhor vida, desde logo pera
» sempre nos apartemos. Não daremos de
» nós boa cõta a Deos, se he ordẽ sua, que
» estas sẽpre tẽ por aluo, o que he mais per-
» feição; & nẽ ainda ao mũdo se ficarmos
» nelle apartados; o q̃ mais cõvẽ, he fo-
» gir pera o sagrado da Religião. Não fu-
» giremos de todo ao mũdo, se fugirmos pe-
» ra onde possamos ver seus tratos, cõuẽ apar-
» tar delle de sorte, que nẽ nos veja mais,

» nẽ o vejamos. O caminho està fràco; pois
» hũ penhor que tiuemos foy Deos seruido
» de o leuar pera sy em tenros annos; està
» no Ceo, assi o creo, pera là nos chamão
» as saudades; a idade ja nos desengana; a
» vaidade do mũdo a vozes clama; a occa-
» sião presente nos obriga; o exẽplo dos Cõ-
» des do Vimioso, q̃ cõ sãto diuorcio se
» retirarão, elle pera o Cõuẽto de Bẽfica,
» ella pera o do Sacramẽto, nouo espelho
» de perfeição; exẽplar escõdido de virtu-
» des, em tudo, deleitoso jardim pera o Ceo,
» nos cõuida, & anima jũtamẽte ò seguir
» seus passos pellos mesmos caminhos: esta
» eleição parece necessaria, este emprego
» julgo por melhor.»

» Mal tinha acabado de fallar, cõ mais
» viua eloquencia quãdo D. Magdalena se
» mostrou em tudo muy conforme, sem o
» minimo sinal de sẽtimento, porque lhe di-
» taua o juizo interiormẽte, & a võtade abra-
» zaua tudo quãto estaua ouuindo. Tinhão
» os Cõdes de Vimioso D. Luis de Portu-
» gal, e D. Ioana de Mendoça, fũdado na
» quelle tẽpo o Mosteiro do Sacramẽto, que
» ainda estaua jũto ao postigo do Arcebispo,
» abaixo de S. Vicẽte de fòra, aõde a Cõ-
» dessa professara; & o Cõde estaua em S.
» Domingos de Bẽfica; seguirão ambos a
» mesma derrota, D. Magdalena tomou o ha-
» bito no Sacramẽto, & Manoel de Sousa
» Coutinho em S. Domingos de Bemfica; &
» pella grãde amizade que tinha com o Cõde,

„ até o nome de Manoel renunciou, & to-
„ mou o nome de Luis; ella se chamou So-
„ ror Magdalena das Chagas, & em quanto
„ viuerão nam se virão mais, nem se falla-
„ rão, nem ainda se tratarão por escrito. „

Frey Luiz de Sousa, chamou-se no seculo, Manoel de Sousa Coutinho: era filho quinto de Lopo de Sousa Coutinho, e de D. Maria de Noronha, fidalgos da primeira nobreza de Portugal, de quem descendem muitas das principaes familias do reyno. E tam nobre era sua ascendencia que entrou noviço na ordem de S. João de Jerusalem, ou de Malta, como depois se chamou; porem antes de professar o capturaram os Turcos. Resgatado não quiz professar, antes enlevado nos encantos de D. Magdalena de Vilhena com ella se cazou.

Era D. Magdalena de Vilhena senhora principal, viuva de D. João de Portugal, neto do Conde de Vimioso, que morrêra com seu pay D. Manoel de Portugal na batalha de Alcacer-quibir, acompanhando, e servindo elrey D. Sebastião.

Na *bibliotheca lusitana* de Machado pode o leitor vêr o cathalogo das obras de Frey Luiz de Sousa e suas edições; e na sua biografia, já citada, a extensa narração de sua vida.

O Cavalleiro da Cruz.

DEDICADO

Á Ill.ma e Ex.ma Snr.a

D. L. P. M. d'A.

O CAVALLEIRO DA CRUZ.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas.
CAM. LUS.

CANTO I.

» Dai pousada ao peregrino,
» Dai-lhe pão, matai-lhe a fome,
» Lamentai o seu destino,
» Ha dous dias que não come....
» Ha dous dias, seu tormento
» E' seu unico sustento.»

Mas os nobres de Veneza
Com máo modo o despediam,
Os ternos ais da pobreza
Duras almas repelliam;
Só affeitos a gozar
Riam d'alheio penar.

» Dai abrigo, e alimento
» A quem já foi cavalleiro,
» Não denegueis o sustento
» Ao desgraçado romeiro;
» Ao romeiro desgraçado
» Dai-lhe o pão amargurado. »

Junto aos paços de um senhor,
Em uma pobre cabana,
Acha o triste mais favor,
Alma encontra mais humana;
Tambem affeita a soffrer
Sabe os mais compadecer.

» Entra aqui, pobre mendigo,
» Bem pouco tenho que dar-te,
» Mas repartirei comtigo,
» Não has de á mingoa finar-te:
» E' um preceito divino
» Dar pousada ao peregrino. »

Pela face ao desgraçado
Corre o pranto de prazer,
Em seu peito deffecado
Sente as forças renascer;
E pondo as mãos sobre o peito
Fala assim por este geito:

» Bem hajas que me dás vida,
» Bem hajas tu, bom christão,
» Das-me abrigo, dás guarida,
» Sustento, consolação;
» Consolação que de ha tanto
» Até não tinha em meu pranto. »

E a mão hospitaleira
Quer beijar o peregrino,
Que o salvou desta maneira
De ali morrer, tão mofino;
Mas a mão que o soccorria
Fazia o bem, e fugia.

» Queira o céo galardoar-te
» Um tão nobre proceder,
» Já que não posso pagar-te,
» Paga no céo has de haver,
» Onde ao que foi desgraçado
» Paga Deus sempre dobrado.

» Já lá vam tempos ditosos
» Em que tinha bons cavallos,
» Tinha castellos fermosos,
» Leaes, e nobres vassallos:
» Agora... não tenho nada,
» Mendigo o pão, a pousada.

» Mal então eu cuidaria
» Que a tanto havia chegar,
» Que negro pão não teria,
» Que o havia mendigar!
» E que por certo morrêra
» Se outro pobre mo não dera!!

» Bati á porta do rico,
» Mas o rico não me ouviu,
» Do que as féras mais inico
» D'alheia mingoa sorriu;
» Achei amparo no pobre,
» Era que o rico mais nobre.

» Os andrajos do romeiro
» Orgulhosos repelliram,
» Mas se o viram cavalleiro
» Ao longe se descobriram;
» Disputaram qual sería
» Quem melhor o acolhería:

» Seus palacios, seus castellos
» Todos então me offereceram,
» E seus filhos, os mais bellos,
» Ao meu serviço poseram;
» Um conduzíra o ginête,
» Outro o nobre capacête:

» Um outro delles traria
» Minha lança, e meu broquel;
» Meu pendão tremolaria
» Alferes, no seu corcél.
» Agora fogem de mim!
» Outrora não foi assim...

» Meus castellos me roubaram,
» Roubaram tudo que é meu;
» Meus vassallos cativaram;
» Meu nome até já morreu...
» No mausoléo que me ergueram
» Sêllo da morte pozeram.

» Infeliz! antes morrêra
» Nessa batalha sanguenta,
» Tantos males não gemêra,
» Tanta mágoa tão cruenta;
» Porem Deus assim o quer...
» Devo calar, e soffrêr:

» Devo pobre, e peregrino
» Mendigar o meu sustento,
» Devo cumprir meu destino,
» Que assim foi meu juramento:
» *Peregrinar vinte annos,*
» *Entre christãos, musulmanos.*

» Já faltam poucos momentos
» Para o meu voto acabar,
» Vinte annos de tormentos
» Dentro em pouco vam findar:
» Ao depois te contarei
» Os trabalhos que passei.

» E se um dia este meu fado
» Se mudar em melhor sorte,
» Teu sustento, e gasalhado
» Lembrarei, e com transporte;
» Pagar-tos não; não podéra,
» Salvo se a vida te déra. » —

— « Quem quer que sejas, romeiro,
» Rico, ou pobre, não me importa,
» Ou plebêo, ou cavalleiro,
» Tinhas frio, abri-te a porta;
» Eras christão, tinhas fome,
» Não quiz saber o teu nome.

h

» Em vez de salas formosas,
» Em vez de leito dourado,
» Em vez de galas custosas
» De fina grã, e brocado,
» Terás somente, ó romeiro,
» Tosco burél, um graneiro:

» Em vez de lautos manjares
» Em pratos d'ouro servidos,
» E de vinhos singulares
» Custando preços subidos,
» Negro pão só posso dar-te,
» Só d'agoa posso abrevar-te.

» Mal hajam guerras de mouros
» Onde perdi meu haver,
» Onde os meus cabellos louros
» Vi, cativo, encanecer;
» Onde vi a mortandade
» Do melhor da christandade;

» Tanto valor foi perdido,
» Tantas proesas baldadas,
» O christão ficou vencido,
» As quinas foram tomadas;
» Lá morreu, mas nobremente,
» O luso rey tão valente....

» Se tu víras, bom romeiro,
» Tantas acções de primor,
» Tanto nobre aventureiro
» Rivalisando em valor;
» E após os víras jazendo
» Ou já mortos, ou morrendo...

» Se víras inda arquejar
» Tanto coração tão forte,
» Após tanto batalhar
» Luctando ainda co'a morte;
» E cançados de vencer
» Querendo ainda combater:

» Se visses longa fileira
» De christãos manniatados,
» D'ussos feros á maneira,
» Uns aos outros atrelados ....
» Sentíras o que eu senti,
» Soffrêras o que eu soffri.

» Maldisseras muitas vezes
» Campos d'Alcacer-quibir,
» O valor dos portuguezes,
» O seu rey que os fez lá ir:
» Pois os que então não morrerám
» Patria, bens, tudo perderam.

» Patria minha tão querida!
» Patria minha desgraçada!
» Gemes agora opprimida,
» Por estranhos governada!
» E' teu rey um estrangeiro
» Que te comprou a dinheiro!

» O cardeal Dom Henrique
» Não quiz pôr termo á contenda,
» Permittiu que o reyno fique,
» Como a leilão, posto á venda;
» Dom Filippe, o castelhano,
» Como deu mais foi soberano.

» Illustre prior do Crato,
» A coroa lhe disputou,
» Portuguez, aos lusos grato,
» Partidarios seus juntou;
» Mas nas praias de Lisboa
» Perde a batalha, e a coroa.

» Busca em França, em Inglaterra,
» Soccorros d'armas, dinheiro,
» Traz á patria inutil guerra,
» Venceu Filippe, o arteiro:
» Dom Filippe era poderoso,
» Dom Antonio desditoso.

» Se o meu nobre rey surgíra,
» Se elle podéra reviver...
» A patria se agora víra...
» Tornára a campa a descer...
» Horror, vergonha o matára,
» Ser portuguez renegára! —

» Não renegára de certo
» Honra de ser portuguez,
» Dias de gloria estam perto,
» Verás a patria outra vez:
» Verás os mortos das campas
» Erguerem funebres tampas. »

Quando a voz do peregrino
Estas palavras soltava,
Como que um fogo divino
Em seus olhos chammejava:
Amor da patria parecia
Que alma nobre lhe accendia.

» Quem és tu que assim me falas?
» Por ventura és portuguez?
» Responde: porque te calas?
» Dis-mo... dis-mo... por quem és,
» Em nome do céo to peço,
» Teu som de voz reconheço...—

» Um juramento me liga
» A não dizer-te quem sou,
» Pouco tarda que eu to diga,
» Em breve o prazo expirou:
» Hoje cumprem vinte annos
» Pezares meus, meus tirannos.»

Apenas isto dissera
Entram guardas no aposento;
Nem o romeiro podéra
Fugir naquelle momento:
A soffrer de ha muito affeito,
Já nada estranha seu peito.

Os soldados o seguram,
Perguntam de donde vem,
Nos andrajos seus procuram
Papeis, dinheiro, se tem:
« Por San Marcos, peregrino,
« Qual teu nome, e teu destino?» —

» Quem eu sou?—pobre romeiro
» A quem temor não seduz:
» Quem eu fui?—um cavalleiro,
» O cavalleiro da Cruz—
» Ando a cumprir um voto,
» Pobre assim, descalço, e roto.»

Levam preso o peregrino,
Sem lhe dizerem porque,
Nem qual seja o seu destino
Seu hospedeiro prevê;
Dera a vida por salva-lo,
Porem como ha de alcança-lo?

FIM DO CANTO I.

O CAVALLEIRO DA CRUZ.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena christandade:
. . . .
Inclinai por um pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo.
CAM. LUS.

CANTO II.

E' Pantaleão Pessoa
Aquelle pobre hospedeiro,
Que, por ter alma tão boa,
Deu gasalhado ao romeiro:
Era portuguez honrado,
Por isso pobre, exilado.

Campos d'Alcacer-quibir
Viram seu nobre valor,
Cativo, teve a sentir
Dos mouros todo o rigor;
E, leal, não quiz soffrer
O castelhano poder.

Longe da patria vivia,
Pobre mas honradamente,
Assim da patria não via
O cativeiro inclemente:
E nas praias de Veneza
Nutria sua tristeza.

Mais de dous annos passaram
Sem o romeiro appar'cer,
N'uma prisão o fecharam,
Lá o obrigam a soffrer
Frios, fomes, privações,
Algemas, ferros, grilhões.

Mas o seu nobre hospedeiro
Grata esperança não perdeu,
Jura salvar o romeiro,
Embora o não conheceu;
Quem sabe? talvez que seja
Quem a patria mais deseja...

Manda dizer para França
O que passou com o mendigo,
A sua desconfiança,
E do romeiro o perigo,
Pedindo que o ajudassem,
E que o romeiro salvassem.

Muitos nobres de valia
Correram logo a Veneza,
A pedir á *Senhoria* *
Que ouvisse a sua deffeza;
Mas dous annos decorreram,
Nenhum despacho tiveram.

Já de San Marcos na torre
Meia noute vai soar,
A voz do sino, que morre,
Faz os galos acordar;
A meia noute já deu
E o preso não appar'ceu.

Era Dezembro já meio
Do anno mil e seis centos,
O frio augmenta o receio
De o ver findar nos tormentos,
Pois o romeiro jazia
N'uma masmorra mui fria;

N'uma enxovia coberta
De chumbo, em vez de telhado,
Onde o frio mais aperta,
Aonde o verão é dobrado;
Qual n'um sepulchro inda vivo
Gemia, o triste cativo.

* O Conselho de Veneza assim se chamava.

» O infeliz já não vive,
» De certo já pereceu,
» Máo agoiro inda hoje tive,
» O romeiro já morreu. »
O Pessoa assim dizia
Quando á porta alguem batia.

» Quem será que a taes deshoras
» Nos vem á porta bater?
» Boa nova a estas horas
» De certo não póde ser:
» Se fôra rico, ladrões,
» Como sou pobre, espiões. »

Outra vez muito de manso
Ouviu bater com cuidado,
E após um breve descanço
Ouviu bater apressado.
— Quem está hi? — » Abri; sou eu. »
Aquella voz conheceu...

De par em par abriu logo,
Vai o romeiro abraçar;
E cheio de ardente fogo
As suas mãos quer beijar.
« Inda vives! Deus louvado:
« Mas como estás demudado!! » —

— » Vivo ainda, se é viver
» Penar vida de tormentos,
» Vivo ainda pr'a soffrer
» Do fado os máos tratamentos;
» Para gemer noite e dia
» Até final agonia. » —

— » Bem vindo sejas, romeiro,
» Bem vindo sejas aqui;
» Entra nobre cavalleiro
» Ha muito espero por ti:
» Mas a tão longa tardança
» Já me roubava a esperança.

» Eu, e muitos portuguezes,
» Bem te quizemos livrar,
» Fomos falar muitas vezes
» Aos que te haviam julgar....
» Mas não podemos, romeiro,
» Quebrar o teu cativeiro!

» Diz-me como conseguiste
» Por fim a tua soltura?
» Porque estás inda tão triste
» Gozando tanta ventura?
» Agora diz-me, quem és?
» Não és, como eu, portuguez?» —

— » Sou portuguez verdadeiro,
» Nobre missão me conduz,
» Já agora não sou romeiro,
» Sou cavalleiro da Cruz:
» E' o teu rey quem te fala,
» Prova em mim has de encontra-la.» —

Pensem todos qual seria
Do hospedeiro o prazer,
Seu gozo, sua alegria
Não pode a penna dizer;
O peito pode julga-la,
Não pode a voz expressa-la.

—» Vós! meu rey! eu o sonhára,
» Sem com tudo o acreditar;
» Dai-me, senhor, prova clara
» Que me tire o duvidar;
» Duvidar eu não devêra,
» Provas porem eu quizera....

» Não por mim, mas para o mundo,
» Para o mundo convencer,
» Deste misterio profundo
» O juiz elle ha de ser:
» Dai-lhe prova que o convença
» Para ter boa sentença.» —

Um sorriso de piedade
Os seus labios desflorou,
Como quem diz « a verdade
Só á força triumfou;
O mundo não se convence,
Força, poder só o vence. »

Mas varrendo aquella idéa,
Que assomou ao pensamento,
Idéa negra, tão fea,
Desterrou naquelle momento,
Uma expressão de ventura
Corou do rosto a tristura.

—» Olha p'ra mim, examina
» As feições deste meu rosto,
» Mirrou-as prisão ferina,
» Inda mais o meu desgosto;
» Ardentes sóes as crestaram,
» Mas as feições não mudaram.

» Olha bem minha estatura,
» Repara no meu defeito,
» Mais curto até á cintura,
» Mais longo o lado direito,
» As pernas quasi arqueadas,
» A cavalgar costumadas.

» No pé direito, ao meminho,
» Uma verruga hei de ter,
» E nas costas, côr de vinho,
» Um sinal tu podes vêr:
» Outros secretos sinaes
» Vê-os tu, não digo mais.» —

— » Já não duvido, senhor!
» Já estou de mais convencido;
» Que o rosto é fiador
» De quanto tendes soffrido:
» Bem vindo sejais: Real!
» Real! Real! Portugal!» —

E de respeito, e prazer
Mirradas mãos lhe beijava,
Como podéra fazer
Filho, que um pay encontrava:
Em seu rey a patria via,
Chorava alegre, e sorria.

Ali não ha fingimento,
Ha verdadeira effusão
De leal acatamento,
Sincera, pura expressão:
Nunca o rey na sua côrte
Deu beija-mão desta sorte.

— » Pantaleão! agradeço
» Próvas d'amor que me has dado . . .
» De ha muito que te conheço,
» Sempre comtigo hei contado:
» Nem, por certo, me enganei,
» Que és fiel á patria, ao rey.

» O' Conselho de Veneza
» Só agora me soltou,
» Não ouviu minha defeza,
» A verdade receiou;
» Inda um resto de justiça
» Impediu mór injustiça.

» De Castella o embaixador
» A minha morte pedia,
» Deu presentes de valor
» A muitos da *Senhoria*:
» Juiz que acceita presentes
» Põe a leilão innocentes.

» Não podendo condemnar-me,
» Querendo Castella servir,
» Ordenam, sem demorar-me,
» Dentro de um dia partir
» Da cidade; e dos Estados
» Dentro em trez dias contados.

» E' força pois, sem demora
» Partir daqui para França;
» A traição na Italia mora,
» Aqui não ha segurança:
» Castella teme um rival;
» Por pouco compra um punhal. » —

» Senhor si — tendes razão;
» E' mister toda a cautella;
» As armas vïs da traição
» Emprega sempre Castella:
» Mas a honra portugueza
» Habita agora em Veneza.

» Se uma singela esperança
» Nossos peitos confortava,
» Se leve desconfiança
» Os proscriptos alentava,
» Que fará, senhor! agora,
» Vendo o rey que a patria chora?

» Exilados, sem riqueza,
» Temos valor, braço forte,
» Todos por vossa deffeza
» Damos vida com transporte;
» E vós sereis nosso guia
» Libertando a monarchia.

» Os vossos leaes vassallos
» Permitti que eu vá chamar,
» E' justo recompensa-los
» Do seu tão longo esperar:
» Ouvi, senhor, seus conselhos,
» O soffrimento os fez velhos. » —

Em quanto sahe o hospedeiro
Faz o rei sua oração,
Ante o rey, só verdadeiro,
Curva os joelhos no chão;
As palavras que dizia
Alma só as proferia.

Foi Pantaleão Pessoa
Os portuguezes chamar,
Uma noticia tão boa
Nenhum pode acreditar;
Mas cada um que chegava,
Vendo o rey, não duvidava:

E como deve sahir
Da cidade, sem detença,
Determinou de partir
Pela estrada de Florença,
Em traje dominicano
Por evitar qualquer damno:

Para disfarce maior
Frey Chrisostomo o seguia;
Quem dissera que um traidor
Aquelle frade sería?
Mas o rifão vem de longe,
» *Habito não faz o monge.*

FIM DO CANTO II.

O CAVALLEIRO DA CRUZ.

Oh gloria de mandar! ó vaã cobiça!
....
Oh fraudulento gosto que se atiça
Co'uma gloria popular........
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes! que perigos! que tormentas!
Que crueldades nellas experimentas.

Cam. Lus.

CANTO III.

N'um castello edificado
Sobre rochedos do mar,
Castel d'Ovo, assim chamado,
Por tal fórma arremedar,
Ha dous annos que existia
Um preso que ninguem via.

O gran-duque de Toscana
Em Florença o fez prender,
A' maldade castelhana,
Innocente, o quiz vender;
Foi um frade que o trahiu,
Pois quem era descobriu.

Era Napoles então
Governado por Castella,
Nobre, rica possessão,
Da monarchia a mais bella;
Mas um viso-rey tiranno,
Governa ali deshumano.

Onde Lucullo tivéra
Seus palacios encantados;
Aonde alegre esquecêra
De Roma as glorias, cuidados;
Negro castello se erguia
Como fantasma sombria.

Em vez dos lédos folgares
Do romano venturoso,
Dos opiparos manjares,
Desse viver fabuloso,
O estertôr d'um moribundo
Quebra o silencio profundo.

Ha trez dias, seus tirannos
Não lhe davam de comer,
Nem ao menos, deshumanos,
Lhe davam agoa a beber;
A fome, a sêde soffria
O preso que ali vivia.

O Viso-rey ao castello
Fôra o preso interrogar,
Uma corda, um cutelo,
Mandou ao preso entregar,
Como quem diz: «escolhei;
Qual das mortes vos darei?»

Já trez dias se passaram,
Cuidam que o preso morrêra,
Maravilhados ficaram
Vendo que não fallecêra;
Ao viso-rey vam dize-lo,
Que mal o crê, mesmo ao vê-lo.

Como o algoz, acostumado
A de um golpe degolar,
Julga o mister deshonrado
Por a mão lhe resvallar,
E pensa compromettida
Reputação bem merecida:

Por vingar a sua affronta
Mede golpe mais certeiro;
Reparar desaire conta
Dando o golpe derradeiro;
Assim fica o viso-rey
Vendo vivo ainda o rey.

Mas o rey altivo encara
Seu carrasco tão feroz,
Como se o despresára
Por seu officio d'algoz:
Olhar do rey o fulmina,
Ou antes a acção indina.

Tinha a cabeça coberta,
A cabeça descobria,
Quiz falar, mas não acerta,
O que diz? não o sabia:
Era terror mais que humano
« O remorso do tiranno. »

— » Cobri-vos, conde de Lemos,
» Usai do vosso direito,
» Sois grande, bem o sabemos,
» Não nos faltais ao respeito;
» Do antigo cortezão
» Já mostrastes criação.

» O nosso reyno, bem vedes,
» Não tem agora valia,
» Sam estas quatro paredes
» Nossa côrte, uma enxovia;
» E de mais, vós sois o dono
» Deste rey, e do seu throno.

» Uma corda, e um cutelo
» E' agora o meu sustento;
» Dado por vós é mais bello....
» Tal uchão *, tal alimento:
» E' um conde, um viso-rey,
» Digno carrasco de um rey. » —

* Despenseiro.

Uma tão acre censura
Fez o conde despertar,
Vingar a affronta procura,
D'alma as vozes faz calar;
E o remorso que sentíra
D'alma damnada fugíra.

— » Silencio! vil embusteiro!
» Não te aproveita o fingir,
» No teu dia derradeiro
» Deixa ao menos de mentir:
» Eu sei muito bem quem és...
» *Marco Tullio, calabrez.*

» Confessa a tua impostura
» Que, já vês, está descoberta,
» Ou verei se a tortura
» Tua memoria desperta;
» Mas se queres confessar,
» Podes co'a vida contar. » —

— » Nunca faltei á verdade,
» Vós bem sabeis quem eu sou,
» Usai toda a feridade...
» Que mais quereis? eu aqui estou;
» Mas não haveis conseguir
» Que uma vez possa mentir.

» Ha trez dias condemnado
» A não comer nem beber,
» Pode acaso o atormentado
» Maior tortura soffrer?!
» E pensavas que a mentira,
» Fome, e sêde me extorquíra!!

» Miseravel instrumento . . .
» D'uma vingança real,
» Pensavas tu que o tormento
» Vence um rey de Portugal?!
» Cuidavas tu que á fraqueza
» Cede uma alma portugueza?!

» Não conheces, insensato,
» O rey Dom Sebastião?
» A quem tu, outr'ora, ingrato,
» Tanta vez beijaste a mão?!
» E's esquecido . . . não finges . . .
» Olha essa espada que cinges . . .

» Não te lembra quem ta deu?
» Não te lembra em que lugar?
» Não te lembra que fui eu,
» Quando estava p'ra embarcar?
» Nem te lembra o que juraste
» Sobre a cruz?! tudo olvidaste . . .

» Esse anel, que tens no dêdo,
» Quem o deu á tua esposa?
» Conheces tu o segredo
» Dessa pedra preciosa!
» Vê se a podes descravar,
» E minha cifra has de achar.

» Diz-me agora, nobre conde,
» Qual de nós é o embusteiro?
» A verdade qual esconde?
» Qual de nós é verdadeiro?
» Eu te *emprazo* que appareças
» Onde a verdade não esqueças . . .

» Eu te *emprazo* que ao eterno
» Respondas dentro de um dia;
» E as penas do inferno
» Tenha só o que mentia:
» Vai-te da minha presença,
» E espero a tua sentença.» —

Quizéra o conde embargar
Terrivel *emprazamento*,
Pois não póde duvidar
Do seu final julgamento...
Quando o prazo s'acabou
Tambem o conde expirou.

A' hora da sua morte
Declarou porque morria,
Castigos, premios da côrte
Nada então o seduzia;
Mas seu filho, e seu herdeiro,
Não soltou o prisioneiro.

Muito póde a vil cobiça
No peito de um cortezão!
Seu interesse é a justiça,
O Deus do seu coração:
Por saciar sua avareza
Calca as leys da natureza.

Não se amoldam com a virtude
As exigencias da côrte,
O dever é muito rude,
Não torce, quebra, que é forte;
Mas quem empregos quer ter
Ha de vergar, e torcer.

Ha de cumprir os decretos
Por mais infames qne sejam,
Honrados, probos, discretos,
Servir assim não desejam;
Mas não faltam pertendentes,
Submissos, condescendentes.

Assim era o nobre conde,
Queria do pay o lugar;
Dom Filippe lhe responde
«Que o mandava despachar,
«Mas que, o rey preso, fizesse
«Que um impostor parecesse.»

Quantos meios pode a intriga,
O vil suborno inventar,
O viso-rey se afadiga,
Se empenha todo em juntar:
Quiz fingir legalidade
A obra da iniquidade.

Testemunhas por dinheiro
Facilmente seduziu;
Uma só, por derradeiro,
Que jurasse conseguiu:
Mas depois — era um soldado —
Confessou fôra comprado.

Uma mulher subornada
Para ante elle declarar
Que era com elle casada,
Vendo o rey poz-se a chorar;
E contou como a enganaram,
E ali forçada a arrastaram.

Marco Tullio, seu marido,
Julgou que o preso sería,
Que, da Sicilia partido,
Ha muito não apparecia:
Cheia de esperança quiz vê-lo,
Seu desengano vem tê-lo.

O viso-rey não podendo
Outras provas conseguir,
Seu logar perder temendo,
Nem assim quiz desistir,
Um juiz venal lhe ordena,
Que sem provas o condemna.

Exposto sobre um jumento
A cidade percorreu,
Com grande acompanhamento
De vilão povo sandeu,
Para quem sempre é prazer
Vêr alguem ir padecer.

Aos trabalhos condemnado
Das galés, por toda a vida,
Como se fôra um malvado
Soffreu pena não merecida:
Era rey, mas outro dono
Já occupava o seu throno.

Era mister para tê-lo
Sem ninguem lho disputar,
Como impostor convencê-lo,
Para depois o matar:
Dom Filippe assim o fez
Ao throno, ao rey portuguez.

Os nobres, leaes vassallos,
Dom Filippe affugentou,
Como não poude compra-los
Ao desterro os condemnou:
Tirou-lhes todos os meios;
Delles não tinha receios.

No alto mar navegava
Uma galé castelhana,
Nos bancos della remava,
Prêsa, a gloria lusitana:
Outra galé que a seguia
Dar-lhe caça parecia.

Buscava só a abordagem
Sem um tiro disparar,
Como se da marinhagem
Receasse alguem matar.
Os arpéos já se lançaram,
Unidas galés ficaram.

A bandeira portugueza
Já ondea vencedora;
Mas nem galé, nem a prêsa,
Se viram mais até'gora:
Dizem que estam encantadas
N'umas ilhas fortunadas.

FIM.

NOTAS.

O assumpto deste romance foi tirado da *historia de Portugal* de Mr. de La Clede, Tom. X, pag. 204 e seguintes, da traducção portugueza; e mui principalmente das memorias impressas, e manuscriptas de D. João de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, neto do quarto viso-rey da India, o grande D. João de Castro, que tendo seguido as partes de D. Antonio, prior do Crato, morreu de mui avançada idade em França, onde escreveu e publicou muitas obras, todas relativas a D. Sebastião, e ao seu apparecimento, prisão, e julgamento.

Não pertence ao *trovador* fazer dissertações academicas, e nas notas aos meus romances

só tenho querido justificar o assumptò delles: posso porem affirmar que o *cavalleiro da Cruz* valia bem a pena das indagações de nossos litteratos. Nos archivos de Hollanda, Veneza, Florença, e Hespanha devem existir documentos preciosos para o historiador filosofo que quizer estudar, e discutir este ponto da nossa historia, a que está vinculada a dominação dos Filippes, e a gloriosa restauração de 1640.

Mui longa sería esta nota se transcrevesse a citação de La Clede, e maiormente os capitulos das obras diversas do referido D. João de Castro. Podem porem estar certos os meus leitores, que não fui, neste romance, menos escrupuloso que nos antecedentes; podendo verificar, nos authores citados, não só o facto, mas os seus menores incidentes, que eu fiz gala em conservar fidelissimamente.

Actualmente é representante de Pantaleão Pessoa, o Ex.mo Sr. Barão de Vinhaes, Simão da Costa Pessoa.

FIM DO ROMANCEIRO.

INDICE.

LOGAR DAS ESTAMPAS.

ERRATAS.					EMENDAS.
Pag.	8	vers.	25	Dspertou	*Despertou*
»	20	»	18	Os dois amantes	*Os amantes*
»	22	»	15	odio	*odios*
»	—	»	28	pensar	*penar*
»	45	»	14	Paes	*Pires*
»	56	»	15	mesma	*mesmo*
»	—	»	26	queriam	*quereriam*
»	164	»	26	Já	*Ia*
»	189	»	5	dai	*dei*
»	196	»	7	destes	*deste*